Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23318 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUARTA-FEIRA 5 SETEMBRO 90 70$00

EDITORIAL

Morrer pelo Emir

Junho de 1990: o Iraque comportava-se como *gente de bem*, no entender da Administração norte-americana. Admitia-se que, em matéria de direitos humanos, o regime de Saddam Hussein não era exemplo apresentável, mas o secretário de Estado adjunto do Departamento de Estado, John Kelly, explicou, muito concretamente, à Comissão do Senado para as Relações Externas, alguns dos motivos da política de apaziguamento norte-americana em relação a Bagdade: os Estados Unidos exportavam anualmente um bilião de dólares de produtos agrícolas para o Iraque, incluíndo 23% da sua produção total de arroz, além de ovos, galinhas, tabaco, gado. Se os Estados Unidos impusessem um embargo económico ao Iraque, os seus «concorrentes no Canadá, na Austrália, na Europa e no Japão avançariam rapidamente para ocupar o terreno».

Nessa época remota - isto é, há menos de três meses - as informações sobre a evolução do regime iraquiano eram tranquilizadoras: uma nova Constituição estava em preparação e as próximas conferências sobre armas químicas seriam o lugar adequado para desvanecer profundas apreensões.

Só depois, com a anexação do Kuwait, nasceu a versão do novo Hitler. De bom cliente para os vendedores de armas ocidentais e líder de uma versão laica do islamismo, considerada, de Washington a Paris, como um escudo protector contra os ventos fundamentalistas que sopravam do Irão, Saddam Hussein converteu-se, para os *media* ocidentais, no curto espaço de 24 horas, numa caricatura árabe de Adolfo Hitler.

A gestão das crises internacionais é frequentemente influenciada, não só por factores políticos e ideológicos, mas também por antecedentes históricos presentes na memória dos homens políticos. Os paralelismos surgiram com facilidade aos

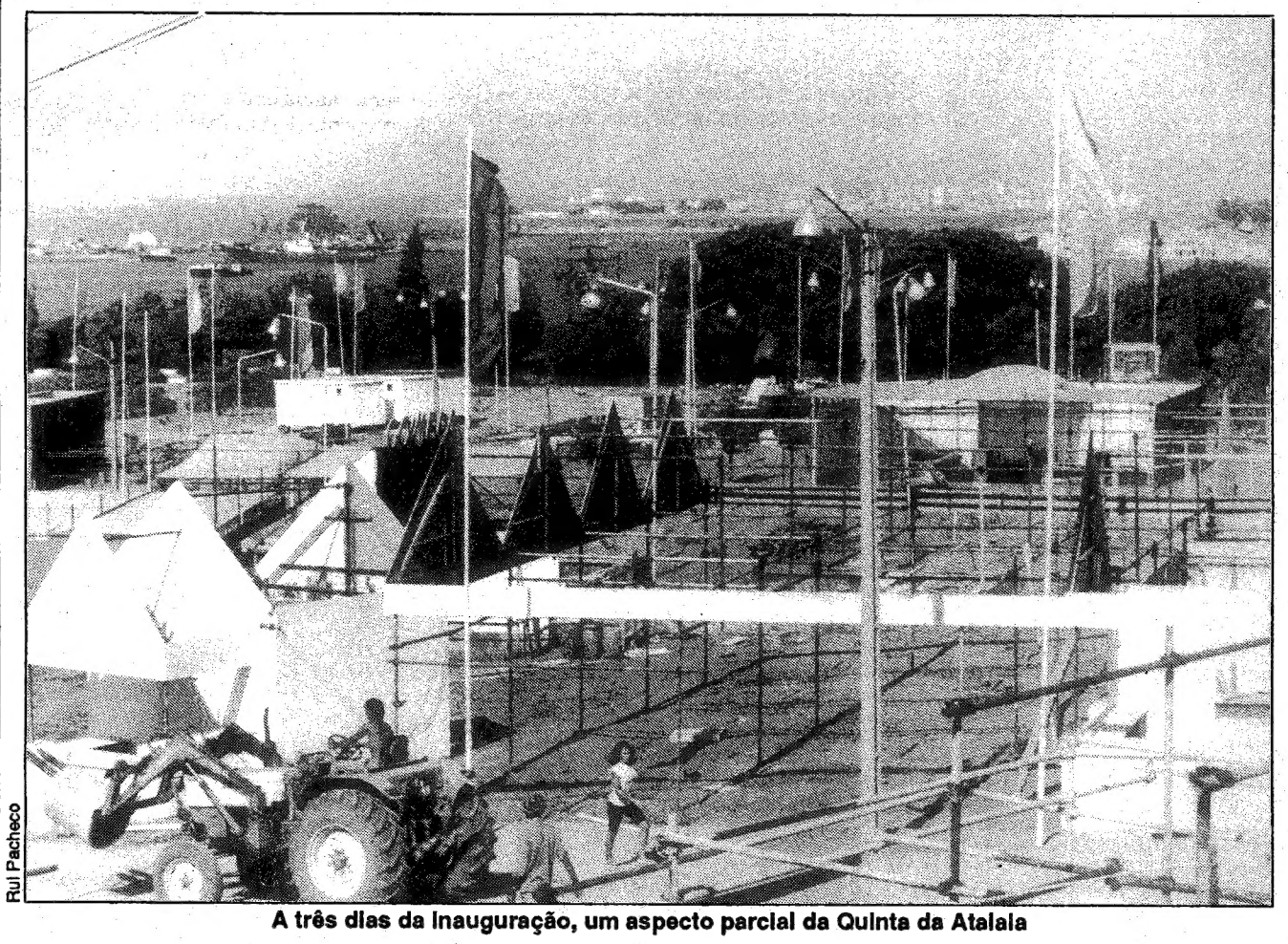
Mário Mesquita

Continua na pág. 10

Sem hotel em Benidorm

200 turistas portugueses enganados pelas agências

Pág. 13



Rui Pacheco

A três dias da inauguração, um aspecto parcial da Quinta da Atalaia

Leste (quase) ausente da Festa do «Avante!»

Mais política, com duas intervenções do secretário-geral do PCP, e sessões (quase) contínuas de debates

Pela primeira vez, nenhum artista do Leste pisará os palcos da Festa

Com duas intervenções de Álvaro Cunhal (na abertura e no encerramento) e um forum onde serão debatidas as questões mais candentes da actualidade nacional e internacional, a Festa do «Avante!»/90, agora na Quinta da Atalaia, aposta forte na componente política. Do Leste, nenhuma participação a assinalar na área dos espectáculos, onde a contribuição estrangeira nos chega da Irlanda, dos Estados Unidos, da Galiza, da Grã-Bretanha, do Peru e de Cabo Verde. Ainda do Leste, apenas duas presenças partidárias, do SPD da República Democrática Alemã e do Partido Comunista da União Soviética.

Pág. 25

A crise no Golfo

Aziz encontra-se com Gorbachev

Pág. 10

Deputados europeus querem mais dinheiro para Portugal

Os eurodeputados do PSD e do PCP vão propor o reforço do apoio comunitário a Portugal. Os comunistas apontam para o alargamento dos fundos estruturais e, de imediato, para um milhão de contos em indemnizações às vítimas dos fogos florestais; os sociais-democratas centram as suas atenções nas regiões ultraperiféricas, nomeadamente a Madeira e os Açores.

Págs. 2 a 4

Portugal «perde a face» em Macau
Págs. 5, 6 e 7

O «Chinó» de Sá Carneiro regressou à Veiga Beirão
Pág. 22

Rádio Minuto ameaçada de falência
Pág. 14

O cinema em festivais cá dentro e lá fora
Págs. 16,17 e 23

PORTE PAGO

GRANDE ANGULAR

Um milhão de contos para as vítimas dos fogos florestais, no quadro do reforço do orçamento, vão ser propostos pelos comunistas portugueses no Parlamento Europeu. Quer eles, em reunião ontem concluida, quer os eurodeputados do PSD, que continuam debates nos Açores, convidaram as suas famílias políticas a virem aqui discutir a Europa e prepararem o ano político em Estrasburgo

Orçamento deve ser reforçado para alargar fundos estruturais

Sim a uma solução política, não a intervenção militar - a receita para a crise do Golfo ontem apresentada pela Coligação de Esquerda do Parlamento Europeu, reunida no Alvor, ganha em simplicidade o que perde em originalidade. No essencial, o grupo de que faz parte o PCP, não descobre a pólvora. Também ele atribui à ONU um papel decisivo na superação da crise. Também reclama a imediata saída do Iraque de território kuwaitiano, em obediência ao direito internacional. Também se faz eco - através do seu presidente, o francês René Piquet, da ingénua mensagem: substitua-se o comércio de armas com Bagdad pela cooperação pacífica.

Que valor acrescentado, então, possui a proposta do grupo resultante da cisão dos comunistas europeus? O de apelar a que não sejam os trabalhadores a apertar o cinto, em solo europeu, «só» porque lá longe, onde o Sol queima a areia, os combates estão eminentes. Porém, numa Europa que caminha a passo estugado para o Mercado Interno correndo cada vez mais o risco de fazer da chamada «dimensão social» palavra vã, o brado dos PC's pode cair em saco roto.

Terá sido a crise do Golfo o mais quente tema deste encontro, que reuniu 12 dos 14 deputados do grupo, incluindo Carlos Carvalhas, Barros Moura e Joaquim Miranda. Porém, a preparação da próxima sessão parlamentar assume especial importância para um grupo que, em função do seu reduzido «exército», sabe que tem de jogar mais do que ninguém a arma da negociação.

Reforço do orçamento

A Coligação de Esquerda (CE) elegeu a batalha pelo reforço do orçamento comunitário como primordial. Compreende-se que assim seja: num grupo em que países periféricos como Portugal e Grécia possuem um peso relativo, crescem as preocupações quanto ao propalado «grande desafio de 92», em pleno debate da União Política e da União Económica e Monetária.

Os comunistas insistem na necessidade de aumentar o volume de fundos estruturais para os países num estádio inferior de desenvolvimento, sob pena de criar irremediáveis fossos entre os membros da Comunidade. Consideram negativo que para o Fundo Social Europeu, por exemplo, esteja previsto apenas um aumento de 5,8 por cento e preconizam o apoio da CEE a Portugal no domínio da energia, por forma a reduzir a nossa dependência.

Em conferência de Imprensa ontem realizada, Carlos Carvalhas anunciou a disposição da CE de apresentar uma proposta de resolução com carácter de urgência no sentido canalizar um milhão de contos dos cofres comunitários para as vítimas dos incêndios em Portugal. Paralelamente, os comunistas vão interpelar o comissário europeu do ambiente, Ripa di Meana, sobre o trabalho desenvolvido pelo Comité Permanente das Florestas.

Têxteis: fundo específico

Para o recém-eleito secretário-geral adjunto do PCP, este encontro do Algarve constituiu o momento da sucessão. Segundo revelou ao «DL», Carlos Carvalhas será substituido em Estrasburgo apenas em princípios de Outubro, na segunda sessão plenária do Parlamento Europeu. No entanto, Sérgio Ribeiro, que vai tomar também o seu lugar nas comissões regional e de economia e finanças, esteve presente no Alvor para começar a inteirar-se das questões em aberto.

O «atraso» deriva essencialmente do desejo de Carvalhas de concluir o processo relativo ao relatório sobre o Acordo Multifibras, a que se tem dedicado nos últimos meses. O eurodeputado comunista defende que, tendo o Acordo como objectivo a liberalização do comércio dos têxteis, mais imperiosa se torna a abertura de um período dilatado de adaptação para a nossa indústria. Na sua óptica, aliás, a influência económica do sector justifica a aprovação de um fundo específico para Portugal, particularmente vocacionado para o apetrechamento tecnológico das unidades.

Carlos Carvalhas não perde, porém, de vista a necessidade de ser cumprida a chamada «cláusula social mínima», em obediência aos requisitos da carta Social Europeia e da OIT. Dito de outra forma: os nosso têxteis - tal como o nosso calçado, que será também em breve objecto de um relatório deste deputado - não pode sobreviver à custa da mão-de-obra barata e sobretudo da infantil.

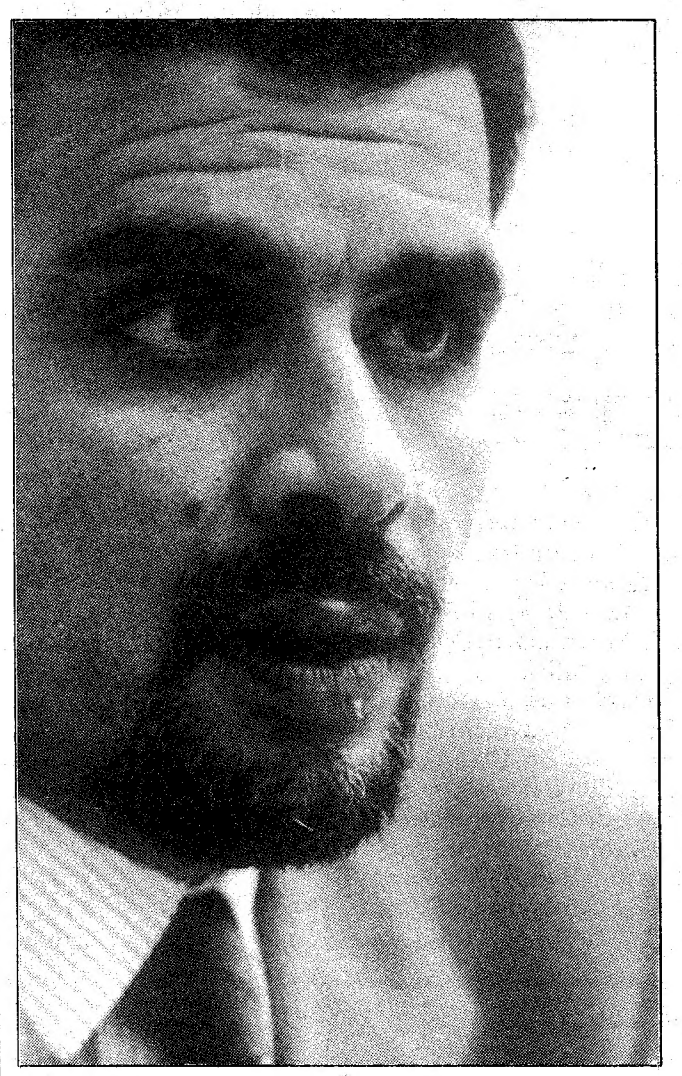
Segundo afirmou ao nosso jornal, Carvalhas acredita que as suas propostas colham a unanimidade do plenário do PE, aprovadas que foram por todos os membros da Comissão. É uma «vitória» que não reclama para si ou para o seu partido: «Ao PCP não interessa dizer: 'fomos nós que conseguimos'». Pelo contrário: espera que os seus colegas portugueses das restantes bancadas o apoiem, nesta como noutras questões.

«Quando está em causa o interesse nacional», diz.

Paulo Martins

	B	DK	D	GR	E	F	IRL	I	L	NL	P	UK	Total
Socialista	8	4	31	9	27	22	1	14	2	8	8	46	180
PPE (Democrata-Cristão)	7	2	32	10	16	6	4	27	3	10	3	1	121
Liberal, Democrático e Reformista	4	3	4	—	6	13	2	3	1	4	9	—	49
Democratas Europeus	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	32	34
Verdes	3	—	8	—	1	8	—	7	—	2	1	—	30
Esquerda Unitária Europeia	—	1	—	1	4	—	—	22	—	—	—	—	28
Aliança dos Democratas Europeus	—	—	—	1	—	13	6	—	—	—	—	—	20
G. Técnico das Direitas Europeias	1	—	6	—	—	10	—	—	—	—	—	—	17
Coligação de Esquerda	—	—	—	3	—	7	1	—	—	—	3	—	14
Arco-Íris	1	4	—	—	2	1	1	3	—	—	—	1	13
Não-inscritos	—	—	—	—	4	1	—	5	—	1	—	1	12
Total	24	16	81	24	60	81	15	81	6	25	24	81	518

Os grupos políticos do Parlamento Europeu e a sua divisão por países:Bélgica, Dinamarca, Alemanha, Grécia, Espanha, França, Irlanda, Itália, Holanda, Portugal e Reino Unido



Os recursos financeiros da Comunidade são suficientes para aguentar a unificação alemã

António Capucho contra optimismos excessivos:

Parlamento Europeu não

«O Grupo Liberal, Democrático e Renovador reune-se anualmente num dos países membros da Comunidade Económica Europeia e é do nosso interesse pôr os eurodeputados em contacto com a realidade portuguesa, em especial em zonas de características específicas. Já conseguimos que uma das reuniões se realizasse na Madeira e desta vez são os Açores».

Assim justificou António Capucho, o vice-presidente português do Parlamento Europeu, o conclave açoriano dos eurodeputados do Grupo LDR que, desde ontem, está a decorrer em Ponta Delgada.

Capucho faz parte da direcção desta família parlamentar europeia em que se integram os nove portugueses do PSD e falou ao *Diário de Lisboa* sobre a reunião que deve concluir-se amanhã.

Diário de Lisboa -Que iniciativas tomaram no sentido de garantir que os eurodeputados liberais tenham um conhecimento mais aprofundado dos problemas dos Açores?

António Capucho -Têm sido organizadas viagens pelas ilhas. Conseguimos juntar o útil ao agradável. São viagens turísticas, mas sempre assumindo a postura inerente a um deputado europeu: a análise e o contacto com os problemas da região.

Proposta de resolução sobre a crise no Golfo

DL-Quais são os principais temas em debate nesta reunião anual?

AC-Estamos a analisar a situação política à luz dos recentes acontecimentos no Golfo. Será aprovada uma proposta de resolução, a submeter ao plenário europeu, sobre a crise provocada pela invasão do Kuwait. A apreciação do processo da unificação alemã e os problemas técnicos provocados pela antecipação desse mesmo processo, é outro dos assuntos em debate. E vamos ainda discutir questões relacionadas com os problemas das regiões periféricas, debate que será da maior importância para os Açores, e repensar a reorganização dos trabalhos parlamentares de forma a ultrapassar os obstáculos causados pela dispersão dos locais de trabalho do Parlamento Europeu. Em síntese, estamos a preparar o ano legislativo do PE.

DL-Na sua opinião qual vai ser o impacto económico e político da crise no Golfo Pérsico na economia dos países da Comunidade e em que medida poderá influenciar o desenvolvimento da Europa a duas velocidades?

AC-É difícil e arriscado prever o impacto da crise no Golfo. Como sabe, não sou especialista em macro-economia: mas até para um especialista será muito difícil apresentar, neste momento, um estudo sobre os impactos económicos da crise. Há , todavia, um aspecto que eu creio ser importante salientar: é que a crise, em termos europeus, veio demonstrar a indispensabilidade da Europa dos «doze» reforçar as suas capacidades a nível de segurança. A questão já tinha sido colocada e volta a ganhar agora maior importância.

DL -Esse reforço deve fazer-se à margem da Nato?

AC-Em zonas onde a Nato não pode intervir, é fundamental que seja a Europa a ter capacidade de resposta, ainda mais num momento em que há o risco potencial de eclodirem conflitos regionais. A Europa não pode ser incipiente na sua componente política e de segurança. Creio que esta crise no Golfo, de alguma forma, contribuíu para uma maior coesão interna entre os «doze».

DL-Quer dizer que a Europa fica desarmada, quando a Nato não pode intervir?

AC -Quero dizer que a Europa tem de ser coesa e

Carlos Carvalhas a anfitrião do grupo parlamentar europeu da Coligação de Esquerda

Dois grupos polarizados em torno de franceses e italianos

Comunistas desavindos no PE

Há pouco mais de um ano, os comunistas com assento no Parlamento Europeu eram 46. Por força dos ventos de Leste e de diferentes concepções estratégicas, partiram-se em dois grupos e reduziram, em conjunto, a sua representação.

De um lado, o ainda forte PC italiano, o principal sustentáculo do antigo grupo. Dos 28 membros da «Esquerda Unitária Europeia», 22 são transalpinos. Do outro lado, o PC francês, com os seus sete deputados, a que se juntam três portugueses, três gregos e um irlandês, do «Workers Party», reunidos na designada «Coligação de Esquerda» (CE).

Ambos «choram» hoje, porventura, o divórcio, de iniciativa italiana. Porém, Carlos Carvalhas, vice-presidente da Coligação, parece pouco crente numa futura reunificação. «É difícil prever a tendência», diz. «O que tem havido é uma boa cooperação, que nós procuramos intensificar».

A cooperação a que o eurodeputado comunista alude materializa-se no acordo estabelecido entre os dois grupos no sentido de «trocarem impressões» antes das votações. Sabe a pouco, dir-se-à, em atenção ao facto de aquela ser prática corrente num fórum em que «tudo» envolve negociação. Não é, pois, apenas com os seus antigos «compagnons de route» que a CE estabelece pontes de entendimento.

Um engulho, aliás, subsiste nas relações entre os dois grupos: para Carlos Carvalhas, o objectivo final dos comunistas italianos é entrarem para o Grupo Socialista, uma estratégia de que internamente poderão colher frutos. É que, com os socialistas no mesmo barco, a esquerda pode constituir uma séria ameaça para a Democracia Cristã italiana.

P. M.

é um orgão decisório

deve garantir a sua segurança.

DL-Voltando aos problemas económicos. Esta crise apanha os países da Comunidade num momento em que têm de tomar decisões importantes para pôr em prática o grande mercado interno. Vai ser mantida a velocidade para atingir os objectivos, com o risco de aumentarem as assimetrias regionais e sociais? Ou vai ser preciso reduzir a velocidade?

AC-Não me parece que seja possível, nem útil, reduzir a velocidade. Há compromissos que têm de ser cumpridos, não podem deixar de o ser. Há ainda outro factor a ter em conta: a unificação da Alemanha que provocará dificuldades acrescidas, no plano financeiro, à Comunidade. No entanto, eu estou seguro que os recursos financeiros da Comunidade são suficientes para aguentar a unificação. É claro que a actual crise no Golfo irá criar um clima de curta recessão, com consequências em toda a Europa. Neste ponto é ainda muito difícil fazer previsões: mas os compromissos assumidos anteriormente têm de ser mantidos e cumpridos.

DL-Os deputados liberais têm propostas para garantir o apoio a regiões ultra-periféricas, como os Açores e a Madeira?

AC -O grupo está solidário connosco. Aliás, os deputados portugueses do PSD tem muita força no Grupo Liberal Democrático Reformista. Mas, mais do que a solidariedade, nós contamos com a total disponibilidade do LDR para colaborar conosco no sentido de aprofundar os esquemas de apoio às regiões periféricas portuguesas.

DL -Têm propostas concretas a apresentar?

AC -Os nossos relatores têm diversas propostas a apresentar a debate e é provável que apresentem algumas novidades. Mas convém referir que o Parlamento Europeu não é um orgão decisório, o que significa que não podemos ter excessivas expectativas. Há áreas que dificilmente são enquadráveis nos esquemas de apoio da Comunidade. As telecomunicações são um dos problemas tipo. Há um grande interesse sobre estas regiões do atlântico.

Atentos às negociações para a paz em Angola

DL-Os deputados do seu grupo e de outros grupos políticos do Parlamento Europeu, têm seguido as negociações entre o MPLA e a UNITA, em Lisboa?

AC -Tem havido um grande interesse e eu estou, por inerência de funções, no eixo desse interesse, porque sou o relator para as questões da África Austral. Há uma curiosidade enorme e consenso no desejo de ter um clima de paz naquela enorme região. A minha última intervenção na Comissão dos Assuntos Políticos, antes de ir de férias, foi, exactamente, para apresentar um relatório sobre as negociações para a paz em Angola e em Moçambique. O facto de os eurodeputados conhecerem o papel mediador de Portugal no conflito leva a que haja uma grande curiosidade nas conversas que vou mantendo.

DL-Os deputados do PSD, quando falarem na crise do Golfo, vão alertar os seus companheiros de grupo para a similitude com o caso Timor-Leste?

AC -Sim, mas sem exagerar o oportunismo dessa comparação. A nossa posição sobre o conflito do Golfo não pode reduzir-se à comparação, pela negativa, entre o que foi feito no caso do Kuwait e que não foi feito aquando da invasão de Timor-Leste. A forma mais moderada de falar sobre as coisas é muitas vezes mais benéfica para a luta dos povos. Mas nós não deixaremos de falar sobre Timor».

Maria João Rocha

COMENTÁRIO

Reflexões à beira-mar

Metade dos eurodeputados portugueses, 12 em 24, escolheram o seu próprio País para reflectirem sobre a actualidade política internacional, nomeadamente a unificação alemã e a crise no Golfo, e, a partir dessa reflexão, prepararem a sua intervenção em Estrasburgo, num ano parlamentar com a primeira sessão já marcada para os dias 10 a 14 de Setembro.

Não envolveria esta escolha nenhum particular significado -até porque os lugares escolhidos, o Algarve e as ilhas açorianas, são propícios a juntar o útil da reflexão ao agradável da recreação- não fora o caso de terem reunido à sua volta os deputados que lhes são politicamente familiares, na amálgama de partidos e nacionalidades representada no Parlamento Europeu. Daí que, as duas reuniões, tanto a dos nove PSD' com os seus pares do Grupo Liberal, Democrático e Reformistas, como a dos três comunistas com os parceiros da Coligação de Esquerda, justifiquem alguma da nossa atenção, neste período de intensa maturação de ideias e formação de vontades para o ano político.

Sabe-se que nenhuma das famílias europeias reunidas no Alvor e em Ponta Delgada goza de suficiente força própria para impor o que quer que seja em Estrasburgo, dando de barato que o Parlamento Europeu goza de efectiva capacidade de iniciativa política, no conjunto da máquina comunitária: juntos, LDR e CE somam, apenas um oitavo dos deputados europeus (63 em 518), para além da dificuldade real de os juntar no acto do voto, seja para o que for, tão opostos eles são, ideológicamente. Mas no jogo de influências característico da instituição parlamentar - neste aspecto, o PE não foge à prática comum- sejam os dois grupos, sejam alguns dos seus mais influentes membros, podem, efectivamente, fazer passar, até à adopção de resoluções maioritariamente aceites, uma ou outra das preocupações avaliadas em solo luso e à beira-mar.

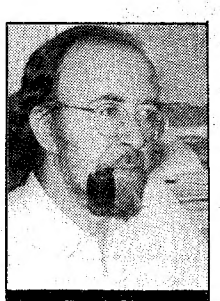
Acresce a circunstância de o PSD português, ainda que só integrando a terceira força parlamentar europeia -muito atrás dos socialistas e do PPE, que constituem a maioria absoluta com os seus 180 e 121 deputados, respectivamente- partilhar com os franceses de Giscard d'Estaing a liderança do seu grupo. E convém não esquecer que são maioritários em Portugal, hegemonizando um Governo que dispõe na Comunidade de um voto perfeitamente igual ao dos outros onze membros, ainda que economicamente mais fortes.

Individualmente, António Capucho é vice-presidente do Parlamento Europeu e relator das questões para a África do Sul, enquanto Rui Amaral preside à Comissão de Transportes e Turismo. Entre os comunistas portugueses, membros de uma das duas famílias em que se dividiram em Estrasburgo os PC's mais ou menos clássicos, também há individualidades influentes no processo de decisão parlamentar: Carlos Carvalhos tem, presentemente, em mãos o relatório sobre o acordo multifibras, de interesse vital para os têxteis portugueses, enquanto Barros Moura é um dos co-relatores dos programas de acção baseados na Carta Social Europeia.

Vários outros relatórios de deputados estrangeiros estão, igualmente, a ser analisados no Alvor e em Ponta Delgada, na perspectiva da sessão parlamentar que vem aí. E cada um dos dois grupos reunidos em Portugal elegeu como linha de força na sua actuação, ao longo do ano, assuntos directa ou indirectamente relevantes para o nosso País.

O LDR propõe-se insistir no apoio das Comunidades às regiões ultra-periféricas, obviamente, com os Açores e a Madeira na primeira linha dos eventuais beneficiários; a Coligação de Esquerda vai defender a anulação das dívidas dos países ACP (África, Caraíbas e Pacífico, signatários da Convenção de Lomé) à Comunidade Económica Europeia. As antigas colónias portuguesas de África incluem-se entre os devedores e dos montantes da sua dívida depende a prossecução de negócios em curso.

Subjente, ainda, às duas reuniões, uma questão que vai dominar a época em Estrasburgo e já está a agitar quase todos os parlamentos dos países membros da CEE: o chamado «défice democrático» para a União Económica e Monetária, de que se queixa o PE. O complicado equilíbrio entre a sua adquirida soberania europeia e a soberania original dos países membros está à beira do primeiro teste a sério. E o que sair do encontro alargado, em Roma, entre o Parlamento Europeu e os Parlamentos dos Doze, condicionará profundamente o nosso futuro como cidadãos e como europeus.

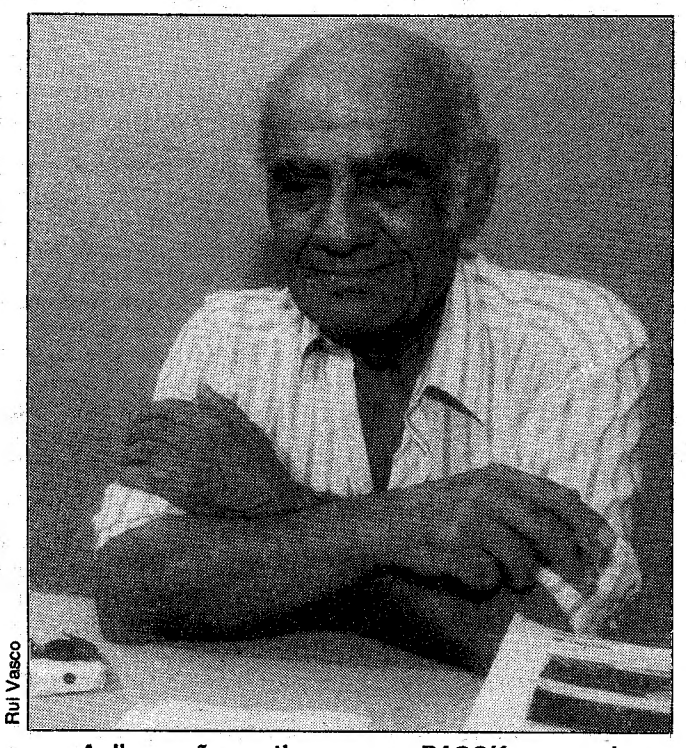


Daniel Reis

A mãe tem 117 anos e ele já vai nos 76

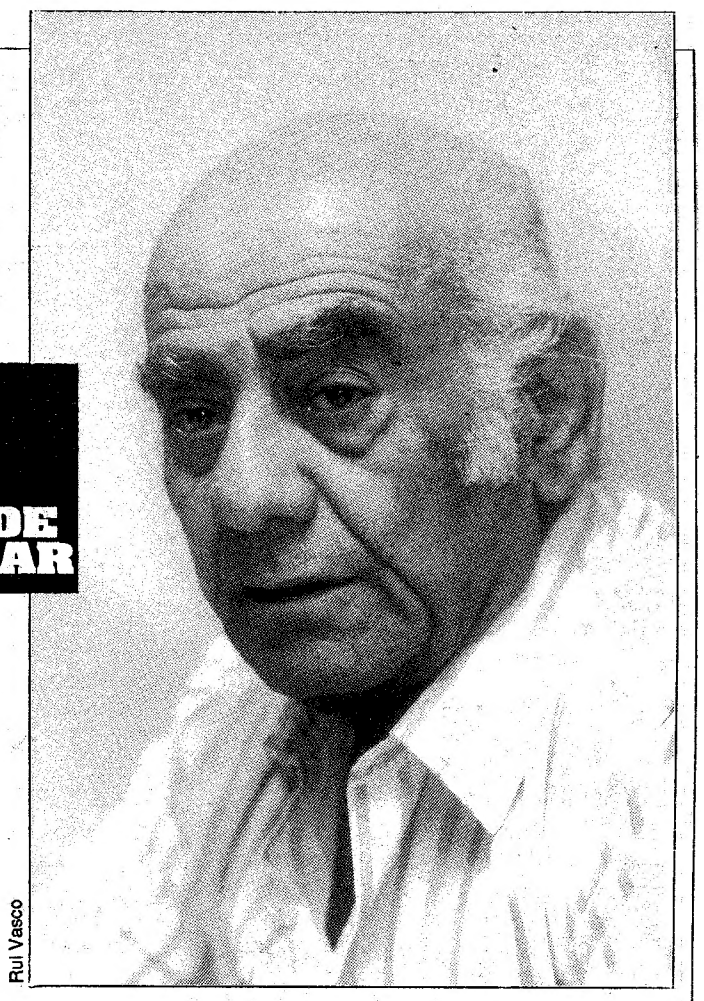
Vassilis, o patriarca grego da Coligação de Esquerda

GRANDE ANGULAR



Rui Vasco

«A discussão continua com o *PASOK*», segundo Vassilis Ephremidis



Rui Vasco

Bem se lhe pode chamar o Cunhal grego. Vassilis Ephremidis tem 76 anos. É comunista desde muito jovem, ainda estudante, e mantém incólume a sua fé, como se fora um patriarca do grupo Coligação de Esquerda do Parlamento Europeu. O segredo da sua longevidade (também política)? «Não faço nenhum regime», afirma ao nosso jornal, sempre com um sorriso nos lábios, «sou um homem bom que ama os outros homens e por isso não se inquieta. É este o meu segredo».

Vassilis fala por etapas, para dar tempo ao tradutor. Mas nunca perde o fio da meada nem o filtro dos cigarros que fuma sucessivamente. Quando quisemos saber algo mais da sua vida pessoal, abriu-se num (novo) sorriso. Ficou espantado por sabermos que fazia parte de uma grande família de oito irmãos. Atirou logo: «Quem lhe disse?»

É o mais novo dos irmãos, o terceiro dos sobreviventes. O mais espantoso, porém, é que a mãe é ainda viva. «Tem 117 anos! Se quiser, quando for à Grécia, apresento-lha. Gosto de lhe fazer publicidade.» Que sim, que foi uma revolucionária nos seus bons tempos. Hoje, de actividade política, mantém apenas o voto. Mas não deixa de depositar o papelinho.

Mudar?
«Seria bizarro...»

Os acontecimentos nos países de Leste não beliscaram as convicções deste grego simpático. «Seria bizarro que isso acontecesse num comunista», afirma, com orgulho que não se esforça por disfarçar.

Continua a acreditar que é possível mudar o real, cada vez mais matizado de cores capitalistas e que a classe operária carece de um representante no plano político. Por isso considera essencial, hoje como há 50 anos, a existência de partidos comunistas. Por isso não embarca nos receios de certas vozes pessimistas, que já vêem a União Soviética a trilhar o caminho do regime que combateu durante décadas.

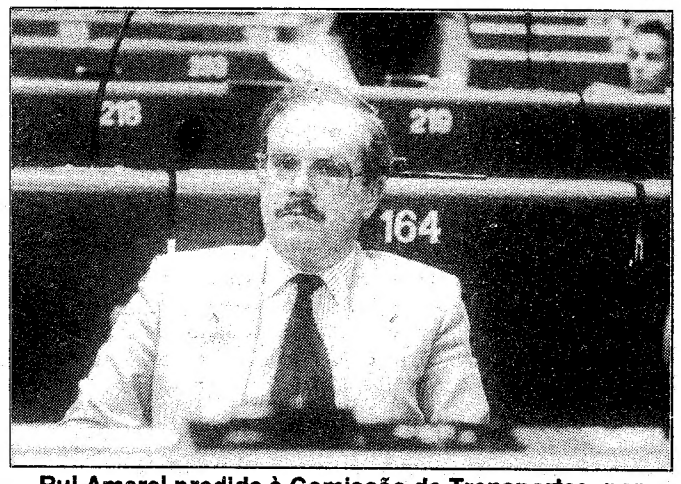
Cauteloso, diz que não pode determinar o futuro. Mas admite a existência na URSS - e «a partir do exterior» - de forças que tentam o retorno ao capitalismo. Gorbachev não: Vassilis acredita piamente nas «credenciais» do líder da *perestroika*. «É o tipo de homem político, que responde a todas as transformações. Joga um papel decisivo no plano internacional e é, na União Soviética, a expressão da vontade e do pensamento colectivo das forças sociais e políticas.»

Vassilis - sente-se no primeiro contacto - é o típico homem mediterrânico. Sabe bem que a proximidade entre gregos e portugueses não resulta apenas da condição periférica no quadro europeu, é, inclusivamente, patente na semelhança de feições.

Natural de um país que conheceu - por acaso? - a libertação da ditadura quase ao mesmo tempo que Portugal, apressa-se a salientar outras similitudes, como o facto de também a coligação de que faz o seu PC, o KKE, ter firmado acordos de incidência local com os socialistas do *PASOK*.

«Nos dois 'extremos' da Europa, duas experiências importantes de cooperação», sublinha, optando por um indefinido «a discussão continua», quando o questionamos sobre a possibilidade de a unidade de esquerda encontrar na Grécia expressão nacional. Lá como cá...

Paulo Martins



Rui Amaral predide à Comissão de Transportes, por onde passa a resolução de alguns problemas açorianos

LDR quer nova dinâmica atlântica

Transportes, telecomunicações, dinamização do sector primário e enquadramento dos Açores na nova dinâmica e imprimir às regiões atlânticas são os temas genéricos que o Grupo Liberal, Democrático e Reformista do Parlamento Europeua debate desde ontem nos Açores em reunião prevista para se concluir amanhã..

Os eurodeputados do PSD, organizadores da reunião, consideram que a liberalização dos transportes aéreos, «é necessária para os açorianos» tal como dizem ser, agora, «ainda mais relevante, perante a crise do Golfo, a permanência na região do Centro de Controlo Aéreo de Santa Maria». Segundo os eurodeputados do PSD, «um programa especial para as telecomunicações, que contemple sobretudo a qualificação e fixação de pessoal especializado, poderá vir a acabar com a situação difícil em que se encontram as telecomunicações açorianas e o seu estrangulamento, inadmissível face aos desafios de 92».

Apostar na qualidade dos produtos agrícolas e da pesca, facilitar a diversificação e o escoamento para os mercados comunitários, mediante medidas específicas flexíveis e que se tornam urgentes, é outro dos apelos lançados nas jornadas açorianas do Grupo LDR.

Liberais europeus nos Açores durante três dias

Oportunidade para conhecer antes de propor decisões

A reunião do Grupo Liberal Democrático e Reformista do Parlamento Europeu, que inclui os deputados portugueses eleitos pelo PSD e decorre, desde ontem, em Ponta Delgada, é uma oportunidade excelente para os parlamentares europeus melhor conhecerem esta região autónoma portuguesa, isolada a meio do Atlântico Norte e cuja realidade é bem diferente, até mesmo das suas congéneres atlânticas da Madeira e das Canárias.

Muitas vezes, os parlamentares europeus -se até com os portugueses isto acontece porque nos admiramos que suceda com os estrangeiros?- apreciam e decidem sobre questões específicas, sem conhecer os particularismos que exigem a sua aplicação. A vinda aos Açores, se bem que limitada à ilha de São Miguel e a uns escassos quatro dias, será oportunidade para, de perto, verificarem como legítimas são as queixas dos açorianos quando falam de leis que não podem aplicar-se com vantagens a estas ilhas ou de medidas particulares que os nossos condicionalismos exigem.

O interesse maior destas Jornadas de Estudo que o Grupo Democrático, Liberal e Reformista do Parlamento Europeu realizará em Ponta Delgada reside nestes aspectos.

Questões insulares em dois relatórios

Serão apreciados dois relatórios sobre questões insulares: «A dinâmica do Atlântico», de que é relator J.P. Raffarin e co-relatores o português Manuel Porto e T.J. Maher, e «As Regiões Periféricas e Marítimas na CEE», de que é relator o deputado açoriano Vasco Garcia e co-relator o madeirense Virgílio Pereira.

Nunca é demais insistir na necessidade de sensibilizar os responsáveis políticos para a especifidade do território insular. Mas não é possível comparar duas realidades insulares. São muito diferentes as condições sociais e económicas, e até mesmo culturais, que se vivem nos Açores e as dominantes na Sicília ou nas ilhas Sheteland. Há, mais vezes do que seria admissível, a tentação de legislar para as regiões periféricas sem atender a diferenças importantes, nomeadamente no grau de desenvolvimento de cada uma e da distância a que ficam de eventuais mercados de exportação ou mesmo de abastecimento.

Se bem que o futuro da Europa não possa ser construído a dois ritmos deverá considerar-se que algumas áreas, e os Açores são uma delas, registam um grau de desenvolvimento diferente, atrasado nas ilhas açorianas devido a séculos de afastamento e de esquecimento por parte do Poder Central, que só podem ser ultrapassados com medidas específicas tendo em conta tais condições.

A unidade europeia, a coesão política, social e cultural, guardadas as características específicas de cada uma, tem de ser construída na igualdade de oportunidades para alcançarem uma qualidade de vida realmente europeia.

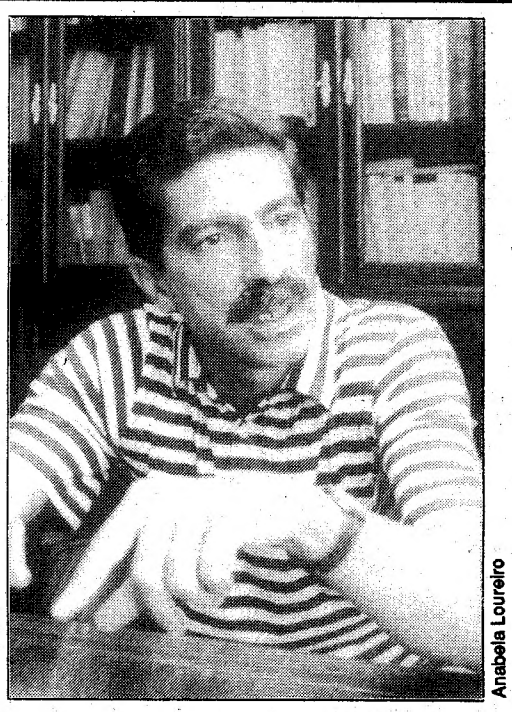
As Jornadas de Estudo do Grupo Liberal, Democrático e Reformista do Parlamento Europeu realizam-se num momento particularmente importante, e até mesmo grave, para a Região Autónoma dos Açores. A revisão do Estatuto Político Administrativo da Região Autónoma dos Açores, aprovado por unanimidade pela Assembleia Legislativa Regional, encontra sérias dificuldades na Assembleia da República, as mais importantes das quais levantadas de uma forma anticonstitucional, quando o primeiro-ministro pede aos seus ministros uma análise a um documento que só a Assembleia da República pode apreciar e votar.

Esta autêntica subversão constitucional por parte do Governo da República e a recusa deste em rever os critérios de transferência para a região de fundos orçamentais, colocam em grave risco a autonomia constitucional dos Açores. Os parlamentares europeus têm de conhecer, também, estas dificuldades para que se inteirem que a Europa das Regiões e dos cidadãos nem sempre é entendida correctamente por alguns governantes, teimosos em conservar e manter um poder que as próprias leis fundamentais do País partilham com os órgãos próprios de Governo regional.

É todo este conjunto de questões que enformam a construção da Europa do futuro. É importante sensibilizar todos os interventores nessa construção para as realidades que ainda a obstaculisam.

Gustavo Moura

POLÍTICA



Anabela Loureiro

O advogado Manuel de Magalhães e Silva aterrou em Macau em 1988 para analisar o processo do «caso TDM», que então decorria, e acabou por ficar, ao aceitar o desafio de ser o secretário-adjunto para a Administração e Justiça do Governo do território. Dois anos bastaram para que se desiludisse com a falta de firmeza e de postura de Estado por parte das autoridades portuguesas, na Administração de Macau e nas relações Portugal-China. Demitiu-se há pouco mais de dois meses, e o seu lugar ainda não foi preenchido. Ao «DL» disse de sua justiça

«Portugal perde a face todos os dias em Macau»

Diário de Lisboa - *Uma das razões que invocou para se demitir foi a de que «a liberdade também tem que passar para Macau». Que queria dizer com isto? Não havia liberdade em Macau?*

Magalhães e Silva - Exactamente isso. A liberdade também tem que passar por Macau, isto é, importa que se faça em Macau uma experiência integral de liberdade que possa ter continuidade pós 1999.

D.L. - *Mas não há liberdade em Macau?*

M.S. - Há liberdade em Macau, mas há perigos para a liberdade em Macau.

D.L. - *Que perigos?*

M.S. - Os perigos resultam essencialmente de haver, ou não, por parte da República Popular da China, um cumprimento adequado daquilo a que se comprometeu na Declaração Conjunta até 99.

D.L. - *E a China tem cumprido, ou não?*

M.S. - Naquela altura havia um cumprimento extremamente deficiente.

D.L. - *Em que aspectos?*

M.S. - Há uma necessidade de contacto, eu diria quase permanente, entre Portugal e a China, para tratamento das questões relativas ao período de transição. Para isso foi constituido o Grupo de Ligação. Reune quatro ou cinco vezes por ano, as vezes consideradas necessárias. Isso não suporta, naturalmente, que exista qualquer outro *setting*, quer a nível local, designadamente através de alguns representantes da Agência Nova China no território, quer de autoridades da República Popular da China, que tomem posições que são manifesta interferência na Administração portuguesa do território e que nada têm que ver com o tratamento específico da transição. Ou, se têm que ver - e algumas terão - esse tratamento é feito claramente fora do *setting* instituido para o efeito.

Isto é tanto mais grave quando se combina, como se combinou, que as questões relativas aos dois Estados quanto à transição são tratadas no âmbito do Grupo de Ligação, com a confidencialidade própria que as reuniões têm e com ausência de publicitação, para que possam ser resolvidas com tranquilidade e responsabilidade.

Não é razoável, nem sequer está de acordo na relação entre os Estados, que representantes ou vozes autorizadas da República Popular da China apareçam em público a tomar posição relativamente a questões que se prendem directamente com a Administração do território. Portugal perde a face quotidianamente em Macau.

A Administração, até Dezembro de 1999, pertence à República Portuguesa. E, portanto, não pode haver nem pretensões de interferência nem pretensões abertas ou insinuadas de cogestão.

D.L. - *Quando se demitiu chegou mesmo a falar de falta de firmeza por parte da Administração portuguesa. Mantém as suas acusações?*

M.S. - Não se trata propriamente de fazer uma acusação - não penso que a Administração portuguesa seja ré no processo de transição - e portanto não penso que devam ser qualificadas as tomadas de posição que tomei como acusações à Administração portuguesa. Tenho é uma apreciação que se dirige a Portugal, ou dito de outro modo, se dirige às autoridades que têm a responsabilidade relativamente a Macau.

A necessária firmeza

D.L. - *Pensa que o Presidente da República devia ter tomado uma posição em relação às interferências de que falou?*

M.S. - Eu não tenho conhecimento suficiente de qual o grau e a medida de informação que o Presidente da República tem relativamente a Macau. Penso que é justa a sua afirmação de que se encontra a 12 ou 13 mil quilómetros do território e que, portanto, não pode estar a interferir diariamente na vida política do território e que o faz por interpostas pessoas.

A mesma posição tomará o Governo da República. Não é menos verdade que existe um representante permanente do Grupo de Ligação em Macau e este Grupo depende do Governo. Existe um embaixador-chefe da delegação portuguesa ao Grupo de Ligação que nada impede que resida permanentemente em Macau, e não reside, ao contrário do que acontece com o chefe da delegação britânica ao Grupo de Ligação Sino-Britânico, que reside em permanência em Hong-Kong.

Há, portanto, vários tipos de responsabilidade e de intensidade de intervenção no território que se tornam necessárias para que Portugal possa assumir todas as suas responsabilidades de um modo integral, mais eficiente e de que possa resultar uma atitude de unidade, de coerência e de necessária firmeza relativamente à República Popular da China.

D.L. - *Há vários episódios que podem ser exemplo dessas interferências de que falou. Um tem a ver com o chamado Estatuto Constitucional de Macau, na tradução chinesa do Estatuto Orgânico do território. Essa tradução criou problemas e originou declarações chinesas que, na altura apelidou de interferências...*

M.S. - Claríssimas! Claríssimas!

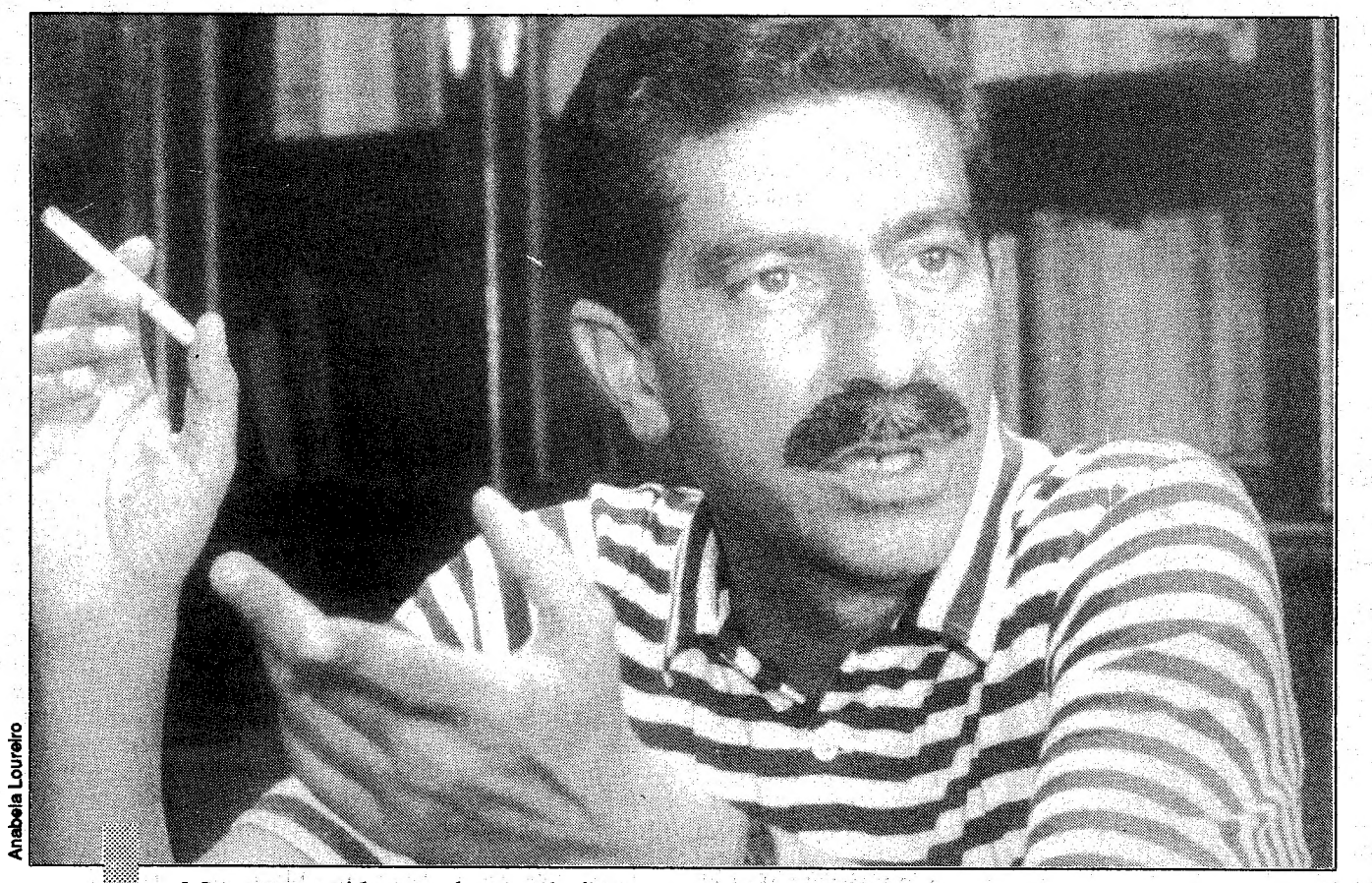
D.L. - *Sentiu-se desautorizado?*

M.S. - Senti que a Administração portuguesa nesse domínio foi desautorizada. O Estatuto Orgânico de Macau é uma lei constitucional. Não é uma questão de opinião. Está assim na Constituição da República. O Estatuto Orgânico está expressamente ressalvado pela Constituição como uma das leis constitucionais anteriores à própria Constituição que mantêm essa qualificação. Não passou a ser uma lei ordinária. O Estatuto Orgânico de Macau é lei constitucional, o que quer dizer que a expressão mais perfeita que se encontrou para dar a natureza, o alcance do que é e o significado que tem nos caracteres chineses foi a de Carta Constitucional de Macau ou Carta de Macau. Qualquer das traduções é suportada e permitida pelos caracteres utilizados. Aliás, foram integralmente avalizados por um jurista sinólogo, de grande reputação na China, que anualmente dá vários cursos em Faculdades de Direito em Universidades da República Popular da China.

Essa expressão não levantou quaisquer objecções nas trocas informais de opinião com representantes, de facto, da China no território, como é o caso da Agência Nova China. De repente, quando estava em curso a última reunião do Grupo de Ligação, que teve lugar em Pequim, há todo um incêndio à volta da tradução do Estatuto que tem a sua expressão em duas atitudes perfeitamente intoleráveis. Uma de um alegado, aliás confirmado, porta-voz da delegação chinesa ao Grupo de Ligação, que dá uma entrevista sobre a matéria a um jornal de Macau, o que é uma atitude grave do ponto de vista do comportamento diplomático. Isto quando ainda estava em curso a reunião daquele Grupo.

Posteriormente, o senhor Lou Ping, que é membro da

continua na pág. 6



Anabela Loureiro

«Macau tem sido um abcesso de fixação onde, de vez em quando, os órgãos de soberania, designadamente o Presidente da República e o Governo, vão embirrar e implicar um com o outro»

Magalhães e Silva ao DL:

Intervenções abusivas e inadequadas da parte da China nos últimos meses

continuação da pág. 5

Comissão de Redacção da Lei Básica e segundo vice-director do Gabinete dos Assuntos de Hong-Kong e de Macau do Conselho de Estado, pronuncia-se também no mesmo sentido, relativamente a essa tradução.

O que estava, ou parecia estar, em causa eram as questões relativas a Taiwan. Isto é, aquela tradução, segundo se dizia publicamente, poderia levar a pensar que Macau era uma entidade soberana e que seria uma entidade soberana pós 1999. Não seria aplicada em Macau a política designada por «um país, dois sistemas», mas aquilo que tem sido a tese de Taiwan relativamente à reunificação da China: «um país, dois governos».

Haveria eventualmente esse perigo. Não custa admitir que exista esse receio por parte das autoridades chinesas. A questão é que nunca foi colocada numa perspectiva estreitamente política. Foi sempre colocada numa perspectiva de tradução que correspondesse ao maior rigor técnico-jurídico. Se havia esse tipo de receios, de perigos, ou de sensibilidade de ordem política, as coisas deveriam ser tratadas na sede própria e não publicamente em termos que eram, pela sua incisividade, pela linguagem utilizada, claramente ofensivos da dignidade da Administração portuguesa.

Claro que isto vem na sequência de alguns equívocos cuja responsabilidade é sempre difícil de apurar e eu não estou em condições de o poder fazer. É sempre difícil de imputar relativamente às relações entre Portugal e Taiwan. A China é extremamente sensível a essa questão, como é compreensível.

Imperdoável desatenção do Governo da República

D.L. - *Em que ponto ficou essa questão?*

M.S. - Tanto quanto me pude aperceber através das expressões que foram aparecendo, quer localmente, quer na RPC, as autoridades chinesas manifestaram uma sensibilidade específica relativamente a uma delegação oficial, significativa sobre o ponto de vista da representatividade das pessoas, que visitou Taiwan. Uma delegação de que fazia parte um conselheiro de Estado, um deputado à Assembleia da República, um deputado à Assembleia Legislativa de Macau, um juiz conselheiro do Tribunal Constitucional e alguém que estando em Taiwan é nessa altura o indigitado, ou mesmo já nomeado, ministro do Comércio e Turismo, o que significa uma imperdoável desatenção do Governo português.

É uma questão sobre a qual não se pode ter desatenções. E se a política externa tem uma expressão pequena no Orçamento, bem mal irá Portugal se pensar que a importância e o significado dessa política externa é directamente proporcional à importância que o Governo lhe dá no Orçamento Geral do Estado.

D.L. - *Leva-me a crer que o seu descontentamento que o levou à demissão tem a ver não só com a Administração de Macau, mas também, de um modo geral, com a acção das instituições portuguesas.*

M.S. - Naturalmente. E nas quais continuava a não ver modificação perante a colocação das questões que me pareciam essenciais para continuar a exercer as funções.

D.L. - *Que diligências fez?*

M.S. - As diligências consistiram essencialmente na colocação de todas estas questões perante quem tinha uma responsabilidade directa, que era, naturalmente, o Governador de Macau.

D.L. - *E ele como reagiu?*

M.S. - O Governador entendeu que havia questões de oportunidade relativamente a todos estes pontos. Posteriormente ao meu pedido de exoneração e até depois da exoneração, fez afirmações que, embora não no momento e no local mais adequados, em parte, nasciam do mesmo tipo de preocupações.

Simplesmente a atitude tem que ser unitária. Que tem sido Macau? Macau tem sido, passe o lugar comum, um abcesso de fixação onde, de vez em quando, os órgãos de soberania, designadamente o Presidente da República e o Governo, tanto quanto me posso aperceber, vão embirrar e implicar um com o outro.

Macau é uma questão importante para Portugal. O Estado português e o Governo não podem continuar com este tipo de brincadeiras. Como isto não passa do domínio interno ou, quando passa, passa para Macau ou para a China, tudo isto pode acontecer. Se Portugal tivesse outra dimensão como Estado era uma gargalhada geral. Como não temos essa dimensão internacional, tudo isto passa relativamente desapercebido.

A que é que tem sido possível ter acesso em Portugal relativamente a Macau? Às questões da corrupção. Será que isso esgota a questão de Macau ou é a questão mais importante?

As pessoas continuam a ter como ideia que Macau é o sítio onde há muita corrupção, onde as pessoas que vão daqui para lá vão para se governar e onde os que estão lá estão a governar-se. Tudo uma malandragem! E Macau é isto. Ou então é uma implicância entre o Presidente da República e o primeiro-ministro ou entre o primeiro-ministro e o Presidente.

«As duas questões importantes em Macau são: coerência e firmeza dos órgãos de soberania de Portugal relativamente à China e a Taiwan, e a clarificação do modelo político do território»

Entendamos que isto é de uma pobreza confrangedora em termos de debate político sobre uma questão tão importante como é a questão de Macau. Nós teriamos perante o estrangeiro a maior vergonha se lêssemos a Imprensa de Hong-Kong ou a Imprensa britânica sobre as questões de Hong-Kong. Nessa altura, percebíamos onde é que estão as diferenças.

Penso que já é altura de termos vergonha e deixarmos de tratar Macau como um caso de polícia e o tratarmos como uma questão de Estado. Em termos de dignidade, de continuidade de presença portuguesa e de vector importante da nossa política externa pós 1999, Macau tem todo o interesse para Portugal. Se não for assim não tem interesse nenhum.

As pretensões da Assembleia Legislativa

D.L. - *Retomando o contexto da sua demissão, uma das missões em que se empenhou tinha a ver com a preparação da Lei de Bases da Organização Judiciária do Território. De alguma forma a tutela da «confecção» da Lei Básica passou para a Assembleia Legislativa. Sentiu-se também aí desautorizado?*

M.S. - Não. A Lei de Bases será decerto uma iniciativa do Governo da República e será discutida e aprovada na Assembleia da República. É óbvio que a Assembleia Legislativa de Macau, enquanto tal, nada tem que ver com o processo formal de elaboração e aprovação da organização judiciária.

D.L. - *E na preparação?*

M.S. - Há uma questão de coerência política. Se no âmbito, ou como consequência, da revisão do Estatuto Orgânico de Macau, compete, em exclusivo, ao Governador desenvolver as bases gerais das leis emanadas dos órgãos de soberania da República, a Lei de Bases será da competência exclusiva da Assembleia da República. Será regulamentada pelo Governador porque só ele tem competência, nos termos do Estatuto Orgânico, para a regulamentar.

De um modo não personificado, nem subjectivado, pareceu-me que havia alguma pretensão de elementos da Assembleia Legislativa de também quererem participar nesse processo. Com certeza que o contributo que pudessem dar no processo material de formação da lei seria muito útil, mas era para parar por aí.

D.L. - *Só que não parou...*

M.S. - Eu não tenho conhecimento que tenha avançado mais. Aquilo que conheço é que a proposta de Lei de Bases da Organização Judiciária estará algures no âmbito do Governo da República, porque não tenho conhecimento que tenha sido apresentada na Assembleia da República. Pelo menos desde Maio passado, existem elementos para que se ultimasse e trabalhasse um texto que pudesse ser objecto de consulta, através do Governador de Macau, às forças vivas locais e que, terminado esse período de consulta e introduzidas todas as modificações que o Governo entendesse fazer, pudesse ser apresentado no Parlamento.

Foram feitas declarações públicas por membros da Comissão Parlamentar de Assuntos Constitucionais de que havia mesmo disponibilidade para prorrogar os trabalhos para o mês de Agosto. Isto para que, se apresentada esta proposta de lei, pudesse ser aprovada, dada a importância das responsabilidades que Portugal tem perante Macau. Não tenho conhecimento de qualquer avanço. Daí a responsabilidade do Governo da República. Há uma inércia que não está explicada.

«Não violo o segredo de justiça»

D.L. - *Que o levou a aceitar a aceitar o desafio do cargo de secretário-adjunto para a Administração e Justiça? Há a coincidência de ter ido naquela altura a Macau como advogado para tomar conhecimento do processo que então corria sobre o «caso TDM» e acabar por ficar no território como responsável do Governo de Macau.*

M.S. - Efectivamente estive em Macau no âmbito do «caso TDM» para, com o conhecimento adequado do que na altura era o processo, poder acompanhar em Lisboa pedidos de diligências feitos pelo juiz de instrução para a Comarca de Lisboa, do Porto e, se bem me recordo, de Cascais. Isto em representação de cinco funcionários do Banco Nacional Ultramarino que se viram envolvidos neste processo judicial.

Umas horas antes de regressar a Lisboa foi-me posta a questão de ser secretário-adjunto para a Administração e Justiça do Governo de Macau. Isso poderia colocar-me problemas de «decoro profissional». Penso que colocava e que coloca.

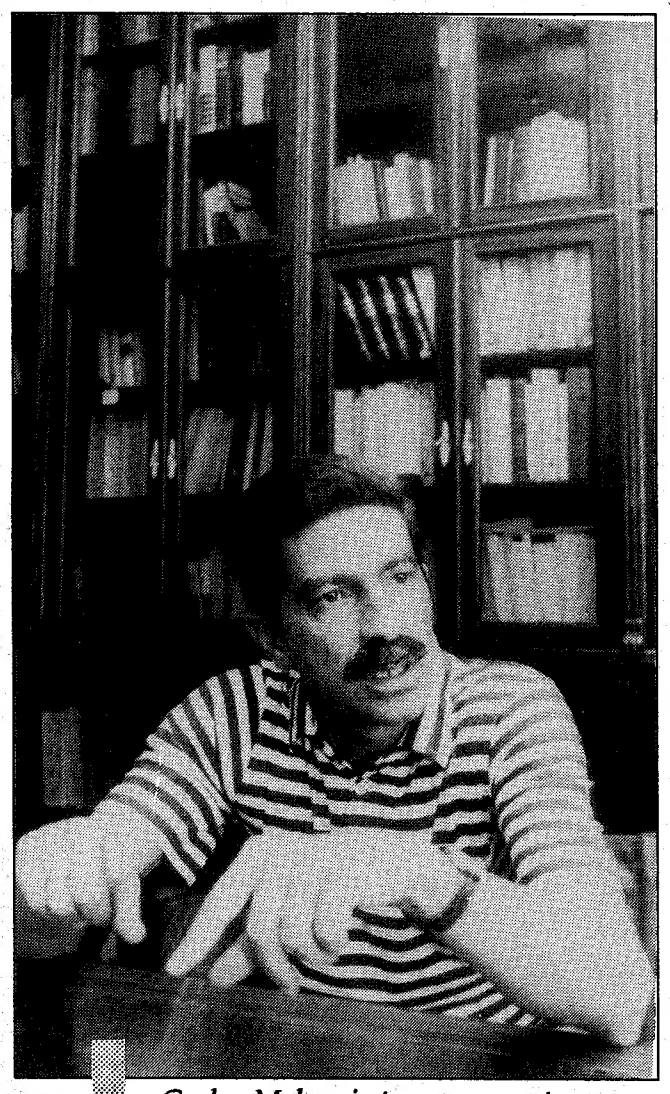
Tratava-se de resolver um conflito entre aquilo que parecia ser útil: a minha intervenção em Macau, a importância das várias questões que para o Estado português se punham em relação ao território, e a circunstância de ter intervido no «caso TDM».

Rosolvi o conflito de situações pela primeira alternativa. E resolvi-o com a mais completa tranquilidade porque estava, e estou, vinculado ao segredo de justiça, e não o violo. Também, se fosse o contrário, não o diria. Mas posso dizer com a mais completa tranquilidade que também não me foi posta nenhuma situação em que me fosse sugerido que revelasse o que quer que fosse quanto àquilo que conhecia sobre o processo.

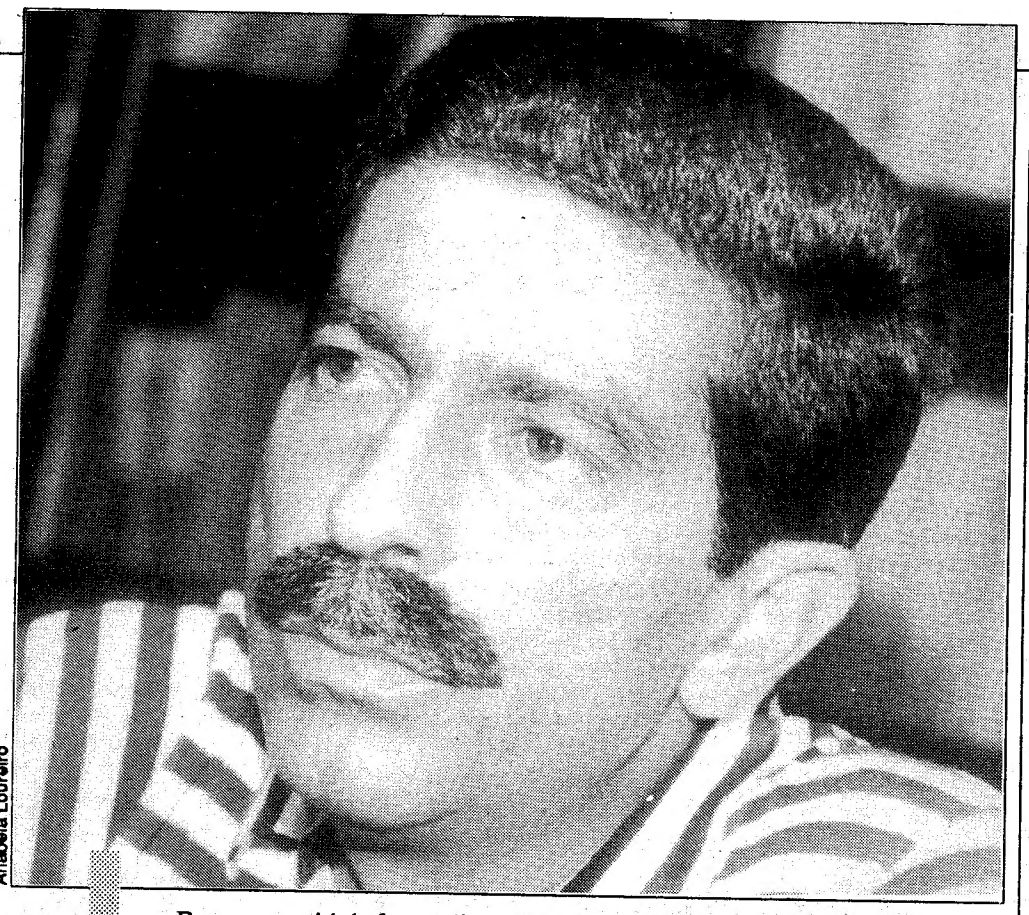
D.L. - *Que o levou a aceitar o desafio?*

M.S. - Teve a ver com a circunstância de, na altura, existirem onze anos até ao termo da administração portuguesa para descolonizar em Macau. Macau é, em termos materiais pelo menos, um caso de descolonização, feito por «integração na República Popular da China».

Pensei que era importante, com tanto tempo que havia, que essa descolonização pudesse ser bem feita, e bem feita significa respeitando os interesses da população local e da China, mas cuidando



«Carlos Melancia tem uma postura extremamente consensualista e dialogante perante a realidade, perante as pessoas. Penso que, se isso tem vantagens, às vezes tem inconvenientes»



Anabela Loureiro

«Penso que já é altura de termos vergonha e deixarmos de tratar Macau como um caso de polícia e o tratarmos como uma questão de Estado»

adequadamente dos interesses de Portugal.

Nada de hipocrisias. Os Estados funcionam segundo os seus interesses. Se não funcionarem assim então o que temos é o fim do Estado.

D.L. - *Que espera a China de Portugal neste processo?*

M.S. - Espera cooperação para modelar a Região Administrativa Especial de Macau pós-1999, segundo o que forem as suas circunstâncias internas e com a leitura que nessa altura faça da Declaração Conjunta Luso-Chinesa.

D.L. - *E tem-se comportado em conformidade?*

M.S. - Durante um período largo penso que sim. Nos últimos meses, já o referi, começaram a existir intervenções abusivas, inadequadas, relativamente às questões da transição e à Administração do território.

A China, provavelmente, terá as suas razões. Não tem é razão face à Declaração Conjunta.

O «caso do fax»

D.L. - *Que leitura faz do caso do processo em curso na Procuradoria Geral da República que envolve o Governador de Macau? Até que ponto enfraquece a posição portuguesa no território e dá azo a essa atitude de «interferência chinesa»?*

M.S. - O chamado «caso do fax» não enfraquece directamente a posição do Governador na administração portuguesa. Enfraquece na medida em que a posição do Governador fica fragilizada em Portugal e, nessa altura, quer localmente, quer na China, se apercebem desse enfraquecimento e imediatamente se aproveitam da situação. E é isso que devem fazer, como é óbvio. Porque é isso que Portugal deveria fazer em situação análoga.

D.L. - *Perante esta situação que atitude deve ter o Presidente da República para com o Governador?*

M.S. - Eu não posso, nem devo, substituir-me ao Presidente da República nessas questões. Nem tenho conhecimento, como já disse, de qual o grau de informação de que o Presidente dispõe relativamente a Macau.

Como quer que seja, penso que o Presidente da República tem agido com serenidade relativamente à questão do chamado «caso do fax». A questão de Macau não se resolve com o ora vai Governador, ora vem Governador, ora vai Administração, ora sai Administração. Nós já temos, ou temos obrigação de ter, maturidade suficiente como Nação e Estado. Isto tem alguma semelhança com cada pessoa individualmente considerada para não aceitarmos que as questões se resolvem pela mudança. As crianças pensam que é assim. As Nações e os Estados muito jovens também, às vezes, pensam que é assim.

As duas questões importantes que se põem relativamente a Macau são: coerência e firmeza dos órgãos de soberania de Portugal relativamente à China e a Taiwan e a clarificação do modelo político do território, na sequência da revisão do Estatuto Orgânico de Macau.

Melancia tem postura consensualista

D.L. - *A clarificação do modelo político foi uma das razões da sua demissão. Que configuração deve ter esse modelo?*

M.S. - O Estatuto trouxe um alargamento das competências legislativas do Governador e da Assembleia Legislativa. Isso significa que se torna necessária uma cooperação estreita e a procura sistemática de consensos entre o Governador e a Assembleia Legislativa. Isto porque essas competências que pertenciam à Assembleia da República tanto podem ser exercidas pelo Governador como pela Assembleia Legislativa, salvo algumas excepções.

Para evitar conflitos torna-se necessária uma cooperação muito estreita e a procura sistemática de consensos.

D.L. - *Essa sintonia não existe?*

M.S. - Não existe porque não tem sido entendida a situação dos deputados nomeados pelo Governador como uma situação análoga àquela que decorreria da disciplina partidária. Ela é fundamental para a própria coerência e funcionamento do sistema, e nada interfere com questões de consciência, sob pena de se ter uma enorme inoperatividade do sistema e uma espécie de paródia de Assembleia. É o que se pode passar com os próprios deputados do Governador a tomarem iniciativas que contrariam a política do Governo.

D.L. - *Que leitura faz do modo como o Governador lida com os interesses instalados em Macau?*

M.S. - O eng. Carlos Melancia tem uma postura extremamente consensualista e dialogante perante a realidade, perante as pessoas. Penso que, se isso tem vantagens, às vezes tem inconvenientes.

No meu entender, julgo que se deve procurar, até ao limite, o consenso, mas quando estiverem em causa questões essenciais e não se conseguir esse consenso, aí entra o Estado, senão o Estado não serve para nada. Isto é: «agora mando eu, faz-se assim».

D.L. - *Finalmente, Macau é para si um dossier que fechou?*

M.S. - Quando saí de Macau disse que saía com pena. Isso não era uma declaração de segundo sentido. É que tinha mesmo pena. Há uma ligação afectiva aos seus problemas, a pessoas que lá conheci e, portanto, não se fazem rupturas assim. No sentido prático de exercício de responsabilidades em relação a Macau, é com certeza um dossier fechado.

António José Teixeira

Para substituir Magalhães e Silva

Sebastião Póvoas deverá ser o novo secretário da Justiça

O juiz do tribunal de Macau Sebastião Póvoas, deverá ser o novo secretário adjunto para a Justiça daquele território, segundo apurou o DL.

Este foi um dos assuntos tratados na audiência que o Governador Carlos Melancia, acompanhado pelo presidente da Assembleia Legislativa, Carlos Assunção teve ontem em Belém com o Presidente da República.

A audiência durou cerca de duas horas e meio e foi interrompida a meio para que Mário Soares recebesse uma delegação da UDP que tinha agendado um encontro para apresentar ao Presidente o seu ponto de vista sobre a situação no Golfo e o envolvimento de Portugal no conflito.

Carlos Melancia revelou aos jornalistas, no final, que solicitara esta audiência ao Presidente da República, aproveitando a presença em Portugal do presidente da Assembleia Legislativa de Macau, para analisar a situação política geral do território, designadamente questões de natureza legislativa decorrentes do novo Estatuto Orgânico e o prenchimento dos seis novos lugares de deputado por ele criados.

A hipótese de eleições legislativas antecipadas no território, no quadro da entrada em vigor do novo Estatuto, foi também abordada no encontro com o Presidente da República. Entre a mera eleição dos seis novos deputados e a dissolução da Assembleia Legislativa para se realizarem eleições gerais, configura-se como mais provável a segunda opção.

Fernando Nogueira e militares não usam as mesmas «armas»

Fernando Nogueira e as chefias militares têm opiniões diferentes sobre a possibilidade de intervenção das Forças Armadas portuguesas na crise do golfo. O ministro da Presidência e da Defesa Nacional reconheceu em Porto Santo existirem divergências entre o Governo e as chefias militares quanto à participação nacional no embargo ao Iraque.

Durante a visita que ontem fez ao aeroporto de Porto Santo, remodelado e ampliado, Fernando Nogueira salientou que as Forças Armadas, como é seu timbre e prática, cumpriram rigorosamente as determinações governamentais. O ministro considerou que, a haver um agravamento do conflito no Golfo, «os riscos para Portugal são mínimos», sublinhando que «o destacamento da Força Aérea não tem por objectivo ameaçar nimguém».

Uma fonte castrense afirmou entretanto ao «DL» que a participação portuguesa neste caso reveste uma decisão política, reconhecendo, contudo, que a diversos níveis estão preparados para as eventualidade.

A mesma fonte sublinhou a capacidade de intervenção de alguns corpos portugueses, desde a brigada de forças especiais à brigada da NATO em Santa Margarida, no caso do Exército, para além do papel que nos cabe no quadro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), no flanco Sul da Europa. Isto, claro, para além da capacidade da Força Aérea e da Armada.

Foi neste contexto que Fernando Nogueira ontem afirmou na Madeira que «os militares deram um parecer técnico», acrescentando que «lhes compete encarar esta questão com temeridade e eu estranharia que assim não fosse».

«É natural que os militares se apresentem disponíveis, mas os ministros de Defesa existem para tomar decisões. Porque, se não, não era preciso haver ministros da Defesa», acentuou.

Nogueira defendeu uma vez mais a redução do tempo de Serviço Militar Obrigatório(SMO) e a modernização dos meios existentes. Em síntese, afirmou: «Queremos menos, mas melhores Forças Armadas».

O ministro da Defesa , que em Porto Santo visitou uma esquadrilha de cinco aviões Corsair A-7, um helicóptero e dois aviões de apoio, admitiu que o conjunto destas forças não deverá ser alargado, sobretudo o número de aviões enviado para a ilha. Classificou esta presença de equipamento da FAP como «o desenvolvimento de exercícios e treinos».

Redacção DL/Lusa

Comissão da Defesa reunida benze Governo e convoca Nogueira

«Isso é para perguntar ao Ministério dos Negócios Estrangeiros», foi a resposta seca dada por Jaime Gama ao «DL» quando, ontem à tarde, era questionado sobre a existência de um protocolo secreto com os Estados Unidos, alegadamente celebrado pelo Governo do Bloco Central, versando a utilização da Base das Lajes pelos norte-americanos, à margem do tratado ratificado pela Assembleia da República. Jaime Gama preparava-se para entrar na primeira reunião da Comissão Parlamentar de Defesa desde que a crise do Golfo Pérsico rebentou.

A Comissão acabou por apelar ao consenso entre órgãos de soberania, políticos de todos os quadrantes e militares, ficando o Governo perdoado por uma ou outra escorregadela durante as últimas semanas. Os deputados pediram a presença do ministro da Defesa na próxima reunião da Comissão. Fernando Nogueira estava, recorde-se, a regressar de uma visita a instalações militares nas regiões autónomas.

À noite, na RTP, o caso do protocolo secreto voltaria à baila, com o deputado Cardoso Ferreira, do PSD, a acusar Jaime Gama de ter firmado um texto do género, quando era ministro dos Negócios Estrangeiros do Executivo do Bloco Central, do qual era vice-primeiro-ministro o então líder social-democrata, Mota Pinto. Como Jaime Gama fez notar, esta controvérsia responsabiliza também o PSD e Cardoso Ferreira, por acaso membro do Conselho Superior de Defesa Nacional e militante setubalense desse partido, deveria saber que não tem qualquer legitimidade para exigir a outros a transparência de que devia dar exemplo a formação política que integra, corresponsável por tudo o que se fez quando esteve no Governo em que Gama foi titular do MNE.

Ontem de manhã esteve reunida a Comissão Parlamentar dos Negócios Estrangeiros, que foi informada pelo ministro João de Deus Pinheiro da iminência de um seu encontro com o secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar, encontro que não chegou a dar-se porque Cuellar cancelou a viagem que o faria passar por Lisboa.

A pedido dos Estados Unidos, Portugal concordou, entretanto, em ceder dois navios de carga para o transporte de soldados, mantimentos e tanques para o Golfo, na esteira do que tinham já feito a Itália e o Reino Unido.

Redacção «DL»

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo, Brito e Pedro Palma**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

OS MORTOS AINDA REGRESSAM

Por António Branquinho Pequeno

Fala-se muito no regresso dos emigrantes. Dos vivos, naturalmente. E dos mortos? Daqueles que por lá vão morrendo, por terras estrangeiras de Europa?

Tomemos o caso da França: as famílias dos emigrantes portugueses farão tudo para que o corpo regresse ao torrão pátrio, ao espaço mítico dos antepassados, mesmo que o falecido não tenha deixado qualquer recomendação expressa nesse sentido.

Porquê? Em primeiro lugar isso desculpabilizaria as famílias junto da comunidade aldeã. A família e o morto resgatar-se-iam assim da «traição» do abandono da terra e recuperariam a «familiaridade» perdida.

Em segundo lugar, no imaginário colectivo, é mau ficar em terra estrangeira para a eternidade, aí ficar inumado. A família deve continuar unida depois da morte, o corpo deve regressar ao seio da terra-mãe primitiva.

Como seria possível, caso contrário, a ressurreição dos corpos?

Ficar por lá seria morrer de má morte, tal a *má morte* africana, que nenhuma prática exorcista poderá mais apaziguar, uma morte que não se processou segundo as normas previstas pela tradição, impura e provocadora, manifestação da ira dos deuses, ocorrida em circunstâncias anormais e que cai geralmente sobre os indivíduos que cometeram uma falta grave, socialmente perigosos, mal integrados na sociedade, ou marginais.

Por isso também, toda a morte violenta é uma *má morte*, tal a dos assassinados, dos afogados, etc.

Boa morte, em contrapartida, é aquela que se processa normalmente, de preferência na cama, em paz com o defunto rodeado por seus familiares.

O corpo deve, pois, regressar, para que a «alma» não ameace os que cá ficam.

Mas este regresso custa dinheiro (um mínimo de 450 contos), se o falecido não estava coberto por um seguro de capital - morte ou um seguro privado, o que explica certas práticas de transporte do corpo de França para Portugal algo rocambolescas, dignas da melhor literatura de ficção. Só que, neste caso, a realidade tomou o lugar da ficção. Tais práticas só vêm confirmar a determinação das famílias no sentido do regresso do morto à terra de origem.

Nem só os vivos passam clandestinamente as fronteiras. Os mortos também:

O primeiro caso de que tive conhecimento passou-se na região francesa de Touraine, cerca de 250 km a sudoeste de Paris, e teve como «protagonista» a sogra de um emigrante. A pobre falecida foi metida no atrelado do carro, por essas terras de Espanha abaixo em direcção de Portugal. Só que não chegou até cá: num desses parques de estacionamento, o genro e condutor do veículo, deixou-se dormir, por cansaço ou por transportar tão inabitual carga. O certo é que, nessas circunstâncias, os ladrões tiveram todo o tempo para lhe roubarem o atrelado e com ele a sogra que, no seu interior, se encontrava. O atrelado em questão foi rapidamente encontrado, o que não é de espantar, pois que semelhante mercadoria é dificilmente negociável, seja por quem for. Claro que o nosso homem teve problemas com as três polícias em causa: a francesa em primeiro lugar, por o corpo ter saído ilegalmente de França; a espanhola, por o corpo ter sido encontrado no seu território; enfim, a portuguesa, à qual o emigrante se foi queixar para ver se recuperava a falecida.

Um outro caso refere-se à morte de um sogro, que partiu desta vez enpacotado e atado no tejadilho do carro. Este teve mais sorte, pois chegou ao destino. Curiosamente, a filha só começou a gritar «ai meu pai, ai meu pai, que morreu», quando estava já pertinho da aldeia.

Outros casos referem a partida do morto em família, dentro do carro, ligeiramente recostado no banco de trás (os passaportes são entregues conjuntamente), chapéu ligeiramente caído sobre os olhos, eventualmente um cigarro que lhe entalaram ao canto dos lábios...

Algumas reservas devem ser, no entanto, formuladas, no que respeita o regresso dos mortos: com o percorrer dos anos, os emigrantes começam a ter mais família em França que em Portugal. Houve reagrupamentos familiares ao longo dos anos com a partida de parentes para França e, por outro lado, constituíram-se lá fora novas famílias, algumas resultantes mesmo de casamentos mixtos. Ora, os laços de sangue são decisivos, nesta questão como em tantas outras, bem mais que o vínculo à terra originária.

Porquê enviar o corpo do falecido para Portugal, se toda a família, ou quase, se encontra em França e não pensa mesmo em regressar no imediato?

Em segundo lugar - e é talvez o ponto mais importante -, há um deslize fundamental no estatuto da mulher emigrante em França. A mulher, a esposa, teve muito a ganhar e pouco a perder com a emigração, quando se tem em mente o seu estatuto na aldeia portuguesa originária. Em França, ela foi mais permeável que o homem, diferentemente em todo o caso, às novas mentalidades e direitos, impensáveis na terra de origem. Quando se põe a questão do regresso a Portugal, é sobretudo ela que resiste, invocando nomeadamente os prejuízos de uma interrupção da escolaridade dos filhos. Em contrapartida, o homem emigrante (refiro-me ao emigrante da primeira leva dos anos 60) viu perder lá fora muita da sua antiga incontestada e incontestável autoridade. Em França ele é posto em causa, não só pela mulher mas também pelos filhos com quem ela se alia, isto no que respeita às mais diferentes questões, dentro de casa como fora de postas, tanto no que toca às questões de escolaridade das crianças como nas de trabalho e de relacionamento.

A mulher resiste ao regresso a Portugal e começa também aceitando, ou não fazendo questão, que os corpos dos defuntos, fiquem em terra estrangeira, a qual terra se está tornando, para ela, não tão estrangeira como isso: nela se ganham os francos, mas também o acesso a uma outra dignidade, a uma vida mais moderna e mais livre, embora também mais dura, no contexto do «lepenismo» francês.

CARTAS NA MESA

Sinfonia Menor, ou a situação no Conservatório

É inaceitável a situação que se vive actualmente no Conservatório Nacional. A comissão encarregada da Reforma Educativa, ao decidir abranger a Escola de Música do Conservatório Nacional no âmbito das suas reformas, causou uma situação confusa, onde a falta de informação impera e na qual os alunos são, uma vez mais, os principais prejudicados.

Como exemplo, veja-se o caso de um aluno que acaba o curso geral de piano, após 6 anos de frequência da disciplina. Antigamente, este aluno teria que abandonar a Escola Secundária de Música e candidatar-se a concurso de ingresso na Escola Superior de Música. Tudo estaria bem, não fosse o facto de o novo diploma publicado exigir que o aluno tenha frequentado as disciplinas anexas ao curso de piano, disciplinas que, embora de inegável importância, não se podem considerar imprescindíveis para o ingresso na Escola Superior. Como essa exigência nunca tinha sido feita, alunos há, e não são tão poucos como isso, que, tendo acabado o curso geral de piano *terão que abandonar as aulas de piano* até concluírem as disciplinas anexas, o que pode demorar três ou mais anos. Esta situação tem como graves consequências a imediata cessação das bolsas de estudo e o pôr em perigo a continuação de uma carreira, pois, numa matéria delicada como a música, uma interrupção de estudos é geralmente desastrosa. E o exemplo que se apresentou para o curso de piano é igualmente verdadeiro para outros instrumentos.

Será que no mundo específico da música deve o ME aplicar os mesmos critérios rígidos que aplica às escolas oficiais da via de ensino normal? O ME não pode esquecer que a maioria dos alunos do Conservatório frequentam simultaneamente outros estabelecimentos de ensino (pois infelizmente é cada vez mais difícil viver exclusivamente da música em Portugal), o que torna extremamente difícil a conciliação dos dois cursos.

O que se pede é que o ME tenha um pouco mais de consideração pela realidade objectiva que é o ensino de música em Portugal e que publique um diploma que tenha como objectivo melhorar de *facto* a situação dos jovens que em Portugal se dedicam à música.

Irá o ME fazer algo para melhorar o ensino de música ou o caso vai ficar pendente como o litígio com a orquestra de S. Carlos? Se assim for, vejo-me obrigado a pensar que «identidade cultural» e «incentivo pela aprendizagem das artes» são apenas palavras ocas para utilizar em discursos de propaganda política.

João Luís Fonseca, estudante de música

A adopção

Foi grande a revolta sentida ao ler a notícia publicada no vosso jornal de 24-8-90 (sexta-feira), 11.ª página, com o título «Carenciados dificultam adopção dos filhos».

Será que só os abastados têm o direito e o prazer de conservarem e criarem junto de si os seus filhos? São muitas vezes os carenciados que mais amor dão às suas crianças. No artigo indicado tratam os pais carenciados como egoístas e dizem que só querem o abono de família. Não será esta atribuição um direito que lhes assiste?

Para que servem os Centros Regionais de Segurança Social? Não serão estes também para acompanhar as famílias mais desfavorecidas, dando-lhes as possibilidades de poderem manter junto de si com dignidade os seus filhos?

Porque se fala tanto nestes últimos tempos de adopção? Será só e unicamente em protecção das criancinhas? Parece-me que estamos desfazendo sentimentos humanos de que não seremos perdoados.

Como funcionária que fui dos serviços citados, exercendo funções durante muitos anos junto das populações, recuso-me a aceitar a adopção como única e mais correcta solução para as crianças de famílias carenciadas.

M. Ribeiro, leitora do Barreiro

ESSAS PALAVRAS MÁGICAS DO CONSUMERISMO

Confrontamo-nos, amiudadas vezes, com o uso das palavras consumerismo e consumismo como se de sinónimos se tratasse; é frequente o consumo aparecer envolvido em todas as situações que respeitam aos estatutos de produtor, distribuidor e consumidor e não é invulgar que a defesa do consumidor seja entendida como todo o horizonte da qualidade de vida e do bem-estar. Pareceu-me, pois, razoável dedicar um conjunto de textos a distinguir conceitos que entraram equivocamente no seu quotidiano, e até no jogão político, marcando mesmo as modalidades de intervenção da própria política dos consumidores. Nada mais indicado que começar por precisar a «territorialidade» de consumerismo e avançar uma hipótese de trabalho no horizonte da realização do mercado interno europeu.

I

O consumerismo é uma tomada de consciência dos consumidores quanto à dimensão colectiva e individual dos seus interesses e das possibilidades de acção para os defender e promover. Está assim correcto usar-se consumerismo como sinónimo do poder dos consumidores.

Tudo começou com a situação de conflito, resultado dos abusos e prepotências do fabricante e do distribuidor. Esse conflito principalmente tão forte (boicotes, denúncias, ensaios comparativos...) que o movimento dos consumidores, mesmo por ignorância, passou a influir sobre a produção. Tais atribuições de responsabilidade exigiram que o movimento se estruturasse progressivamente pois os sectores sociais cedo se aperceberam que deviam dispor de instrumentos eficazes: uma revista para aconselhar compras e denunciar injustiças; um serviço jurídico que para reivindicar oportunamente legislação quer para prestar informação aos filiados sobre contratos, formas de reclamar, exercícios de direitos, etc; um grupo qualificado de técnicos, capazes de representar a organização em actividades tão díspares como normalização, concorrência, informação sobre medicamentos, segurança dos pesticidas. A resposta dos poderes públicos, depois de alguns embaraços e hesitações, conformou-se a esta nova dimensão dos direitos humanos, quer promolgando legislação quer contribuindo para institucionalizar o movimento.

Também as empresas não se excluíram da prova: submetidas no exame sistemático do mercado, quanto mais elevado era o ritmo concorrencial mais rápida e completamente se adaptaram às expectativas e preferências dos consumidores, e dessa evolução o melhor exemplo são os serviços de informação aos consumidores.

Que factores estruturais contribuíram para consolidar o movimento consumerista? Adiantamos alguns: o aumento do poder aquisitivo e a concomitante variedade de bens e serviços; a elevação do nível geral de instrução que fez surgir a preocupação com o funcionamento do mercado; o crescimento económico e a crescente complexidade tecnológica, que incitou ao levantamento do véu dos segredos de fabrico e técnicas promocionais; a tendência para a despersonalização das relações distribuidor-consumidor ao mesmo tempo que se alongavam os circuitos de comercialização.

O próprio Estado foi interpelado e atingido pelas tensões consumeristas, e a sua resposta positiva ou negativa às reivindicações dos consumidores poe ditar o tipo de influência que em cada país tem o consumerismo.

Poderá encarar-se o consumerismo como um fenómeno social simples? De modo algum, já que, regra geral, se nos depara uma multiplicidade de organizações de acordo com a riqueza de tendências: organizações de famílias, donas-de-casa e mulheres; associações de defesa do consumidor; cooperativas; sindicatos, a todos tem sido dada a oportunidade histórica de intervirem, reclamando a participação, fazendo comunicados e conferências de imprensa e essas inovações que dão pelo nome de ensaios comparativos e a tentativa de resolução dos lítigios do consumo merecem um comentário mais desenvolvido.

Que se visa com os ensaios comparativos? Ajuizar de um segmento do mercado e seleccionar o produto mais conveniente aos nossos interesses, com base em ensaios de carácter científico efectuados por laboratórios que não estejam enfeudados aos interesses deste ou daquele grupo económico. Os produtos são passados ao crivo, à procura da resistência, segurança e composição. Quanto ao teste em si, a visão consumerista difere do ponto de vista do fabricante e dos resultados obtidos por eles. Com efeito, o fabricante fala em termos de controlo à saída de fábrica ou de séries estatísticas; a concepção consumerista é diferente, já que se pretende analisar o produto como ele pode ser encontrado por qualquer um de nós no mercado e nessa perspectiva os ensaios devem reflectir todas as preocupações quanto às características que interessam aos consumidores.

Por seu lado, o consumidor vê sempre a reparação de danos e o acesso à justiça como um combate que está longe de vir a ser ganho. Recorde-se a luta das organizações de consumidores japoneses para conseguirem obter uma reparação justa para as vítimas do clioquinol; recorde-se o longo processo cujo desfecho judicial chocou a opinião pública a propósito das vítimas do síndroma de óleo tóxico, em Espanha.

II

O mercado interno europeu, como tem sido dito com insistência, acarreta um grave perigo: que a dinâmica da «oferta» consiga subalternizar as preocupações consumeristas. Mas a nossa época propicia uma grande oportunidade de relançamento do consumerismo em bases menos equívocas daquelas em que se tem exercitado nas últimas décadas o consumerismo.

Há desafios que exigem a convergência de esforços das organizações de consumidores, de todas elas. É indispensável uma ampla representação dos interesses dos consumidores que funcione como um poderoso porta-voz dos interesses nacionais e seja capaz de fomentar o desenvolvimento associativo e participativo a nível regional.

Trata-se de uma mudança que deverá afectar os procedimentos da administração: maior condenação nas tomadas de decisão e no planeamento das medidas de consumo; criação de um Conselho Nacional de Consumo, espaço insubstituível de mediação entre fabricantes, distribuidores, consumidores e administração. O ideal, em nosso ponto de vista, seria criar um conselho fasitário entre representantes dos consumidores e representantes dos sectores agro-alimentar, industrial e comercial, com dois objectivos primordiais: — de consulta sobre os projectos e iniciativas legislativas referentes à política do consumo e aos direitos dos consumidores; — busca do maior e mais construtivo consenso nos grupos de trabalho na óptica do desenvolvimento harmonioso da economia do sistema sociocultural.

Daqui até 1992 o «consumerismo português» tem pela frente uma prova de fogo: ou a credibilidade ou a absoluta indiferença social. E a persistente luta política, técnica e cultural é de todos conhecida pelo que se destacam somente um apanhado de medidas indispensáveis para a consagração consumerista:

— estabelecer uma sede laboratorial que dê verdadeira tranquilidade quanto à supressão das alfândegas;

— fazer com que a concorrência funcione, de modo a que a redução de custos a montante nas empresas se represente no consumidor final (é preciso evitar que as reduções prometidas pela lógica de funcionamento do mercado interno não fiquem pelo caminho...) e é preciso estar atento a formas subtis de restrição à concorrência: acordos sobre preços praticados, manutenção dos monopólios de oferta (é o caso do automóvel);

— ao consagrar-se o princípio de que «todo o produto legalmente comercializado num Estado-membro deve poder ser comercializado em todos os outros» é indispensável reivindicar legislação que obrigue a critérios de segurança dos produtos;

— informa mais e melhor: comparar preços, ocupar todas as áreas de comunicação já que a internacionalização das trocas vai levantar uns problemas (por exemplo, a abertura dos mercados de seguros, créditos bancários e compras transfronteiriças);

— e educar para consolidar esse espírito de «consciencialização crítica» que deve ser utilizado para saber escolher com todo o critério entre a variedade de produtos que existe no mercado.

Enfim, o fenómeno consumerista saberá impor-se na sociedade portuguesa e contribuir para a realização de mercado interno europeu se despertar uma considerável receptividade dos cidadãos para a segurança, a qualidade, a solidariedade, o esbatimento das profundas desigualdades que atravessamos o Norte-Sul das Comunidades Europeias.

Disse-se inicialmente que o consumerismo é uma tomada de consciência quanto à dimensão individual e colectiva dos interesses do consumidor. 1993 pressupõe muita organização, estudo, qualificação de quadros. É por isso que o Governo tem um papel determinante neste processo, tornando claro como vai cooperar e impulsionar o fenómeno consumerista.

Beja Santos

LETRA DE FORMA

Diário de Notícias

De um artigo de J. Baptista Comprido:

(...) A anatomia elementar de uma crise internacional mostra uma sequência de interacções entre as partes, em que se misturam elementos de comportamento típico de guerra - a coerção - e de paz - a acomodação. Por isso se diz que uma crise não é a guerra, nem é a paz, mas uma situação híbrida que, no entanto, encerra certo potencial de guerra. (...)

4.SET.90

o Diabo

Da secção «A Chuva e o Bom Tempo», de João Fernandes

(...) Com a habilidadezinha de aumentar já a gasolina, o Estado mete no bolso uma quantia calada. Não sei bem quanto, mas se calhar o suficiente para pagar a pronto e sem mais preocupações os dois novos jactos executivos que encomendou para os senhores ministros não terem de fazer lista de espera para se servirem dos aparelhos. A questão está em que eu preferia (e os leitores se calhar também) que pusessem a coisa nesses termos. Que nos dissessem a todos: «A gasolina vai passar para 160 escudos o litro, porque a gente quer dar um jactozito «Falcon» a cada ministro...» Bem conversados, o que é que a gente não faz pelos nossos ministros, não me dizem? Tudo. Até porque eles merecem, coitadinhos...

4.SET.90

O DIA

De um artigo de Silva Resende:

(...) Importa reconhecer que os apóstolos do fundamentalismo se movem sempre por causas políticas. A religiosidade, mesmo nos apelos mais ténues e crepusculares, apela à mansidão e à descoberta do Infinito. Os que a instrumentalizam para outros fins já perderam ou nunca tiveram esse pequeno ou grande segredo dos corações compassivos.

Esta reflexão vem especialmente a propósito de uma nova onda de fundamentalismo que ameaça transpor os diques: trata-se do fundamentalismo hindú, que dá pela sigla de CSS, que acusa os missonários cristãos de ter transformado os indianos e nepaleses em «comedores de vacas», para si animais sagrados. Nessa denúncia truculenta, o movimento apela ao assassínio de todos esses 5000 ou 6000 missionários estrangeiros, e termina com este mandamento conclusivo: «matar um missionário é salvar 80 vacas!»

Isto passa-se na Índia, onde por tantas vezes se tem feito a aposta das promissivas sementeiras democráticas do Ocidente...

4.SET.90

DIÁRIO POPULAR

De um artigo de Vasco Almeida e Costa:

(...) Durante décadas e décadas muitos dos impulsos susceptíveis de conduzir a guerras limitadas foram submergidos pelas tensões hegemonizantes do confronto entre os blocos comunista e ocidental. E o que se constata é que reemergem agora, quando esse confronto perdeu sentido. Velhas crispações e agravos, que muitos pensavam para sempre esquecidos, acordam de uma longa e forçada letargia, nalguns casos com redobrada energia: fronteiras, etnias, religiões, culturas, tribos, cleros, espaços vitais talvez, eis que tudo parece querer reiniciar-se segundo um ritual que se julgava para sempre arredado. (...)

4.SET.90

EDITORIAL

Morrer pelo Emir

continuação da pág. 1

estrategistas de serviço: a invasão do Kuwait evoca o *Anschluss*; a mão estendida ao Irão lembra o Pacto Germano-Soviético, as hesitações iniciais da França remetem para Munique...

As cedências de Chamberlain perante Hitler têm sido invocadas para criticar as análises moderadas, que tendem a privilegiar a acção política e diplomática, encarado o vector militar essencialmente como forma de pressão. Sucede que nem sempre o fantasma de Munique produziu resultados positivos. De entre os exemplos negativos disponíveis, é célebre o comportamento do governante britânico Anthony Eden na crise do Suez, influenciado pela sua própria vivência da política internacional. Tendo assistido ao fracasso de uma estratégia gradualista e de compromisso face a um Hitler determinado e insaciável, Eden aplicou, erradamente, o paradigma de Munique-1939 ao comportamento de Nasser nos anos 50, num contexto internacional marcado pelo declínio das antigas potências coloniais europeias. Resultado: o fracasso clamoroso da expedição aerotransportada franco-britânica no Canal do Suez.

Os norte-americanos têm utilizado a imagem de *Hussein igual a Hitler* para efeitos de propaganda (aliás, suficientemente poderosa para chegar aos *media* portugueses), mas pautam por critérios mais prudentes e sofisticados a sua intervenção no Golfo. O objectivo de eliminar Saddam Hussein e destruir o seu regime, reclamado pelos *falcões* norte-americanos, ou invocado no quadro da *psy-war*, teria um custo incomportável. Os casos de Granada ou o Panamá podem ser referidos, enquanto *operações-relâmpago* bem sucedidas, que permitiram restaurar a autoconfiança norte-americana, mas não se trata de modelos aplicáveis aos custos elevados de um ataque militar contra o Iraque.

Neste quadro se desenhou, em Washington, a tradicional polémica entre *pombas* e *falcões*, personificada, entre outros, pelos antigos governantes Zbigniew Brzezinski e Henry Kissinger. Com apreciável dose de realismo - alguns dirão: cinismo - os *moderados* consideram que o principal objectivo norte-americano consiste em manter o equilíbrio na *fixação do preço do petróleo*, enquanto *a retirada iraquiana do Kuwait* constituiria um objectivo secundário a encarar no âmbito de uma acção alargada. Os *duros* consideram que o problema é mais vasto: está em jogo a *ordem internacional*, no mundo *unipolar* pós-Gorbachev (recorro à terminologia do *neo-conservador* Charles Krauthamer, no *Washington Post*), pelo que o objectivo americano deveria situar-se num patamar mais elevado: obter a retirada incondicional das forças iraquianas no Kuwait.

A tese moderada, embora legitimando a *acção unilateral* norte-americana de apoio a um aliado, a Arábia Saudita, preconiza a *pressão colectiva* sobre o Iraque para resolver a questão do Kuwait. A nova conjuntura internacional favoreceu a acção multilateral. «Ao manifestar a sua solidariedade com a causa desses emires do petróleo que são dos homens mais ricos do Mundo - escreveu André Fontaine, no *Monde* - a URSS juntou-se claramente ao número das nações a que os americanos chamam *status quo powers*, isto é, aquelas que procuram preservar, por injusta que possa ser, a ordem existente». A nova atitude soviética, a que se juntou a China pós-Tiananmen, permitiu que, pela primeira vez no pós-guerra, a tentativa de resolução de uma crise localizada («regional», como se diz numa má tradução do inglês) passasse pela estratégia de «inserção» no quadro das Nações Unidas.

A revalorização do forum da ONU significa manter um consenso internacional incompatível com acções bélicas isoladas. Pressupõe, designadamente, que seja encontrada uma solução em que Saddam Hussein possa ceder «sem perder a face» - conforme sublinhou o rei Hassan II, do Marrocos, cujas tropas, aliás, integram a força da dissuasão estacionada na Arábia Saudita. A formidável pressão militar representada pelo envio para o Médio Oriente do equivalente a «uma pequena cidade americana», armada até aos dentes, conjugada com as acções políticas e diplomáticas em curso, acabará por surtir efeito. Saddam Hussein, embora aventureiro, não é louco: venderá cara a pele, mas quererá recuar, se lhe derem margem de recuo. A forma como tem gerido a questão das embaixadas no Kuwait demonstra-o. E o repugnante espectáculo *mediático* dos reféns, forma de afastar da primeira linha de preocupações a ocupação do Emirato, também aponta nesse sentido.

O sucesso do bloqueio, no âmbito da ONU, envolve, não só elevado preço político e económico, mas a *autocontenção* dos três únicos países com capacidade para desencadearem, por si sós, o início das hostilidades: os Estados Unidos, o Iraque e Israel. Nos Estados Unidos, Henry Kissinger recomendou a táctica de um ataque rápido a determinadas objectivos militares, mas o cenário afigura-se inverosímil, sem degenerar num conflito mais vasto e prolongado. A autoproclamada superação americana da síndroma do Vietname corresponderá a uma realidade política e psicológica, mas as humilhações no Médio Oriente são bem mais recentes. Têm nome de cidades: Teerão e Beirute.

Sem dúvida: os princípios mais elementares de direito internacional foram postos em causa com a invasão do Kuwait. O equilíbrio dos preços do petróleo não é apenas um imperativo da política externa norte-americana: toca a muitos, europeus do Oeste e do Leste, africanos, sul-americanos e outros. O espectro de um cenário dantesco de guerra prolongada, com Kuwait City transformada em nova Beirute, recomenda prudência a todas as partes envolvidas. Convém distinguir: do ponto de vista europeu e português, uma coisa é participar numa força multinacional que visa assegurar a eficácia do bloqueio estabelecido no âmbito da ONU, a outra é integrar uma expedição punitiva susceptível de desencadear um conflito de proporções mundiais, com a perspectiva de dar a vida pelo Emir do Kuwait.

M. M.

INTERNACIONAL

Moscovo procura saída diplomática para crise no Golfo

Aziz reune-se hoje com Gorbachev

O ministro iraquiano dos Negócios Estrangeiros, Tarek Aziz, encontra-se hoje em Moscovo com Mikhail Gorbachev, acreditando-se que esteja em discussão a proposta ontem avançada pelos soviéticos de uma conferência internacional para a resolução da crise do Golfo. Roland Dumas, o chefe da diplomacia francesa, afirmou ontem que a proposta soviética «em princípio será aceite» pelo seu país. Em Israel, a proposta foi acolhida de forma confusa. Primeiro, Shamir disse que «não a recusava categoricamente» para depois um porta-voz vir sublinhar que a crise no Golfo e o problema palestiniano eram assuntos diferentes e que os israelitas não se vão envolver nos assuntos da região.

A URSS está a assumir cada vez mais o papel de principal promotor de uma solução pacífica para a crise, com repetidas afirmações públicas de que a via diplomática para evitar a guerra ainda é possível. Depois da proposta de Eduard Shevardnadze de realizar uma conferência internacional, o porta-voz da presidência soviética, Vitaly Ignatenko afirmou ontem que Gorbachev insistirá na necessidade de se encontrar uma «solução política» durante a cimeira com Bush, em Helsínquia, no domingo.

Entre as possíveis vias para uma saída diplomática, a conferência internacional tem como grande obstáculo a recusa israelita em participar. Avi Pazner, porta-voz da presidência do Conselho, sublinhou que as declarações do primeiro-ministro Yitzhak Shamir de que «não recusava categoricamente» a proposta de Shevardnadze, tinham sido «mal interpretadas».

«Quem quiser resolver o problema do Golfo através de uma conferência intrenacional, pode fazê-lo. Mas se a ideia é incluir Israel no conjunto dos problemas da região, a nossa resposta é evidente: não», declarou Pazner, reafirmando a posição oficial israelita de preferir contactos directos com os árabes a uma conferência internacional.

Para o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Roland Dumas, a proposta da conferência internacional está a ser estudada pelo Governo, mas «em princípio» é para ser aceite. Dumas salientou, no entanto, que o problema palestiniano deveria ser incluído na conferência, o que tornaria essencial a presença de Israel.

Estas posições vêm, indirectamente, dar algum apoio à proposta que Saddam Hussein avançou há algumas semanas, dizendo que retiraria do Kuwait se Israel fizesse o mesmo em relação aos territórios ocupados e a Síria em relação ao Líbano.

Tudo isto deverá estar em discussão no domingo em Helsínquia e, segundo foi hoje anunciado, no dia seguinte em Bruxelas, onde estarão reunidos os ministros dos Negócios Estrangeiros da NATO. Uma fonte da Aliança, declarou existir a possibilidade de Bush estar presente no encontro, o que vem confirmar as informações que o presdente norte-americano se deslocaria a outra capital estrangeira antes de regressar a Washington.

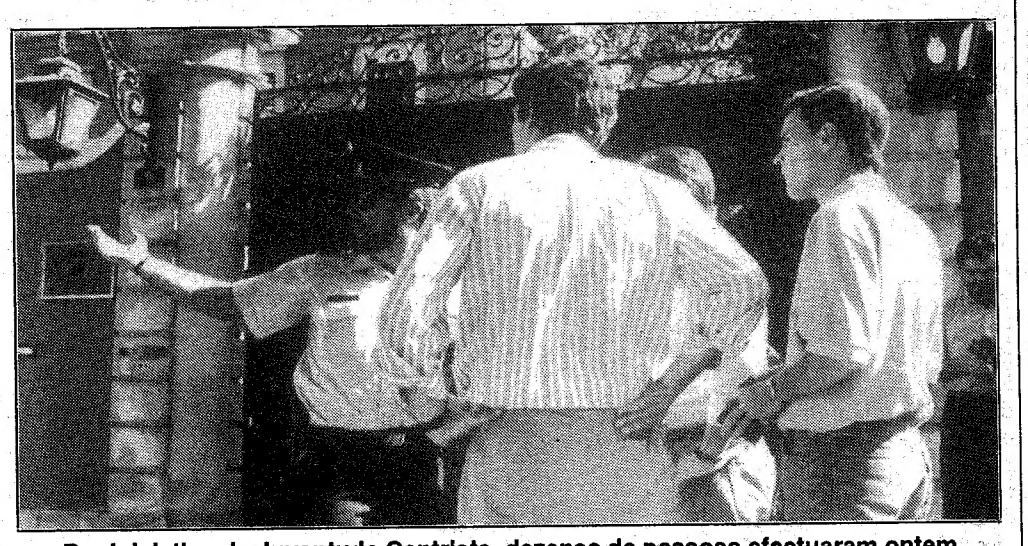
Outro dos assuntos em discussão na reunião da NATO, será, sem dúvida, o dos reféns no Iraque. Ontem cerca de 500 cidadãos de países ocidentais e alguns árabes deixaram Bagdad e seguiram para a Jordânia. Muitos já tinham à espera aviões dos respectivos países que os transportaram para casa.

Os iraquianos continuam a proibir que aviões estrangeiros aterrem em Bagdad, mas têm autorizado o afretamento de aviões da Iraqui Airways que fazem a ponte aérea para Aman. A maior parte dos que conseguiram sair são mulheres e crianças que estavam no Iraque quando a crise começou. Não se queixam de ter sido maltratados, mas afirmam que os que estavam no Kuwait passaram por maus bocados.

Um grupo de aproximadamente 300 mulheres e crianças britânicas chegaram ontem a Bagdad, vindas do Kuwait, após uma extenuante viagem de autocarro pelo deserto, com duração de 14 horas. Eles têm esperanças, tal como muitos outros cidadãos ocidentais (incluindo portugueses), de conseguir ultrapassar os inúmeros obstáculos burocráticos que as autoridades iraquianas levantam para a obtenção de vistos de saída.

Esta manhã, uma fonte diplomática na Turquia afirmou que estão a ser esperados para hoje cerca de uma centena de canadianos e talvez mais 80 estrangeiros de outras nacionalidades retidos no Iraque, vindos a bordo de um voo especial da Iraqui Airways para Ancara.

Redacção «DL»/Lusa/AFP



Por iniciativa da Juventude Centrista, dezenas de pessoas efectuaram ontem uma vigília de protesto, junto da embaixada do Iraque em Lisboa, contra a invasão do Kuwait. Na foto, um polícia pede a três manifestantes para que se afastem da entrada da representação diplomática iraquiana

Baker propõe uma «NATO» com árabes

O secretário de Estado norte-americano, James Baker, anunciou ontem a possibilidade de os EUA virem a estabelecer uma nova aliança com os países árabes com a criação de uma estrutura semelhante à da NATO, para conter a tendência expansionista do Iraque. Baker, que falava para os membros da comissão dos Assuntos Estrangeiros na Câmara dos Representantes, realçou a importância e a necessidade do exame desta possibilidade para a criação, com a participação de outros países, de uma nova estrutura que garanta a segurança naquela região, mesmo na eventualidade de o Iraque se retirar do Kuwait.

Alargando o alcance da futura organização e referindo-se ao Presidente iraquiano, Saddam Hussein, James Baker disse ainda: «é importante que nós construamos uma estrutura regional de segurança capaz de conter as tendências agressivas deste tipo de dirigentes».

No quadro dessa proposta avançada pelo Governo norte-americano, os EUA manteriam uma presença militar com uma importante participação árabe na região do Golfo, onde já em tempos normais estão permanentemente três navios de guerra. Perante as dúvidas de um parlamentar que punha em questão a possibilidade de conter o desmandos de um Iraque que procura dotar-se de armas nucleares, o secretário de Estado respondeu citando o exemplo da estratégia adoptada em relação a URSS, na época da Guerra Fria. «A URSS tem armas nucleares há muito tempo, desde o tempo de Estaline», disse Baker ao estabelecer a comparação, «e nós criámos e desenvolvemos uma estrutura de segurança regional que funcionou. Funcionou na Europa e por isso não tenho dúvida de que pudemos fazer a mesma coisa neste caso».

James Baker informou ainda que o Iraque voltou a fazer parte da lista dos países que apoiam o terrorismo, da qual tinha sido excluído em 1982. A nova inclusão nesta lista, que proíbe a conclusão de numerosos contratos com o país nela contemplado, não altera, de facto, a situação do Iraque que, com a invasão do Kuwait, está já sujeito ao embargo internacional total.

Redacção «DL»/AFP

Economias dos países da CEE serão penalizadas se se prolongar a actual situação no Golfo

Crise petrolífera atrasa união monetária?

Do nosso correspondente em Bruxelas

À semelhança do que aconteceu num passado ainda recente, a eventualidade de uma terceira crise petrolífera poderia atrasar a União Económica e Monetária na CEE. A situação no Golfo veio agitar os fantasmas adormecidos desde 1974, quando o primeiro choque petrolífero provocou um adiamento aos ambiciosos propósitos dos países comunitários.

As economias dos parceiros europeus serão fortemente penalizadas com o previsível prolongamento da situação no Golfo e os titulares das Finanças dos Doze não deixarão de estudar essa possibilidade, em Roma, no decorrer do próximo fim-de-semana, no conselho informal agendado desde o princípio da presidência italiana. A anteceder o encontro, e como forma de permitir aos ministros das Finanças a tomada de medidas adequadas, reúnem-se extraordinariamente os titulares das pastas dos Negócios Estrangeiros. Este encontro, convocado pelos italianos, segue-se a uma sugestão lançada por Jacques Delors no programa «Sept sur Sept» emitido pela TF1.

A imprevisível senhora Thatcher

O encontro dos chefes das diplomacias dos Doze, em Roma, na sexta-feira, poderá decidir a imposição de restrições aos movimentos dos diplomatas iraquianos acreditados junto dos países comunitários.

Também o representante inglês, seguindo as instruções de Margaret Thatcher, campeã do antifederalismo, defenderá paradoxalmente um maior empenhamento europeu na defesa dos interesses do resto do mundo e dos seus próprios. O Reino Unido deverá reafirmar a sua firmeza em relação ao regime iraquiano, mas igualmente o seu posicionamento incondicional ao lado dos Estados Unidos. É necessário agir «conjuntamente com os Estados Unidos» reafirmará o chefe da diplomacia britânica.

Entretanto, em Bruxelas, impera alguma preocupação pelo compasso de espera em que se pode transformar a situação no Golfo Pérsico. A política comunitária irá acompanhar esse compasso e poderão estar em causa decisões que, até há poucos meses, pareciam imutáveis. No entanto, um atraso na UEM assumiria na CEE um significado particularmente negativo e já se verificam sinais de que isso pode vir a acontecer. O próprio Reino Unido já admitiu que a crise petrolífera determinará uma alteração na entrada da libra no Sistema Monetário Europeu.

Bélgica influencia

As medidas tomadas pelo Governo belga e pelo facto de aqui se situar o centro de decisão comunitário têm alguma repercussão no seio dos eurocratas. É nesse sentido que, com algum interesse, se aguarda a decisão, prevista para amanhã, de um novo aumento no preço dos combustíveis.

A concretizar-se esta medida, o agravamento oscilará entre dois e quatro escudos por litro.

Tratar-se-á do sexto aumento do preço dos combustíveis em apenas um mês e colocará a gasolina super nos 140 escudos por litro. Por outro lado, conferindo um certo dramatismo a crise, o primeiro-ministro Wilfred Martens cancelou a sua programada visita oficial ao Canadá, que deveria iniciar no próximo dia 10. Terá assim mais tempo para pensar no que vai fazer na sexta-feira, dia 7, o «dia em que o rei faz anos». Balduíno comemora o seu 60.º aniversário e a Bélgica vai assinalar o evento com pompa e circunstância. A partir de sexta-feira e quase durante um ano.

José Rui Cunha

B R E V E S

Moçambique redige nova Constituição

Iniciou-se hoje a fase final de redacção do texto do projecto da nova Constituição moçambicana, a aprovar em Outubro pela Assembleia Nacional Popular e que mudará radicalmente o actual quadro político no país. As alterações do texto estarão a cargo do Comité Central da Frelimo, partido único no Poder, que convocou uma reunião extraordinária para o efeito. Entre as alterações profundas verificadas no texto regista-se a introdução do sistema multipartidário no país.

Mandela e De Klerk visitam Soweto

O Presidente sul-africano, Frederick De Klerk, e o vice-presidente do ANC, Nelson Mandela, visitaram o Soweto e outras cidades negras dos arredores de Joanesburgo, onde, desde 12 de Agosto, morreram mais de 550 pessoas vítimas dos confrontos entre xhosas, afectos ao ANC, e zulos do Inkatah. Esta é a primeira visita de um presidente sul-africano ao Soweto e considerado também como um claro sinal da preocupação existente entre o ANC e o Governo sul-africano quanto às consequências do conflito, que poderá bloquear todo o processo negocial em curso, que levará ao fim do regime do *apartheid*. Durante o dia de ontem, pelo menos 40 pessoas morreram em novos confrontos registados nos arredores de Joanesburgo, tendo obrigado à intervenção do exército.

Termina «crise das embaixadas» em Havana

Os cinco refugiados cubanos que se encontravam há cerca de um mês no interior da embaixada espanhola em Havana, abandonaram ontem aquela representação diplomática. A «crise das embaixadas» iniciou-se a 9 de Julho, quando vários cidadãos cubanos se refugiaram nas sedes diplomáticas da Bélgica, Suíça, Espanha, Checoslováquia e Itália.

Constituição de S.Tomé vai ser promulgada no dia 14

«A nova Constituição da República será promulgada no dia 14», afirmou a meio da manhã ao «DL» o ministro delegado do primeiro-ministro de S. Tomé e Príncipe.

Durante uma conferência de Imprensa realizada hoje num hotel de Lisboa, o responsável são-tomense fez um balanço das aberturas políticas no seu país, desde 1984.

Declarou ainda que o referendo, recentemente realizado, sobre a nova Constituição, terá sido aprovado por 90,2 por cento da população.

Segundo dados oficiosos obtidos pelo «DL», o referendo registou quatro por cento de votos contra, dois por cento de abstensões e três por cento de votos nulos.

Nas comunidades são-tomenses residentes em Portugal, Angola e Gabão, as abstenções situaram-se entre os 70 e 80 por cento, não se conhecendo ainda os resultados definitivos referentes à Guiné Equatorial.

Na conferência de Imprensa, Manuel Vaz disse que as aberturas encetadas em S. Tomé são «francamente encorajadoras, embora o processo não seja fácil nem rectilíneo». Admitiu ainda a possibilidade de serem revistas as datas para as próximas eleições legislativas e presidenciais, previstas para Outubro e Dezembro, respectivamente.

C. C.

Gorbachev opta por reformas radicais da economia soviética

O Presidente soviético Mikhail Gorbachev optou definitivamente por um programa radical de reformas para a economia soviética, e vai apresentá-lo pessoal-mente, dentro de uma semana, ao Parlamento soviético.

O plano foi elaborado por um grupo de técnicos da administração soviética e da federação russa, sob a tutela do conselheiro presidencial, o académico Stanislav Chatalin.

A preferência do Presidente soviético, anunciada pelo seu porta-voz Vitali Ignatenko, num encontro com a Imprensa, significa um desaire para o primeiro-ministro soviético Nikolai Rizhkov, que se preparava para apresentar o seu programa no Soviete Supremo da URSS, quando este se reunisse a 10 de Setembro.

O porta-voz disse que o programa de transição da economia soviética para o sistema de mercado «será apresentado ao Soviete Supremo da URSS pelo próprio Presidente, e não pelo primeiro-ministro.

Rejeitado o projecto de Rizhkov

Ignatenko desmentiu que Gorbachev tenha perdido a sua confiança no chefe do Governo e negou rumores de que Rizhkov se teria demitido. Este participou ontem, juntamente com Gorbachev e outros membros do Conselho Presidencial na inauguração da segunda parte do Congresso Constituinte do PC da federação russa, sublinhou Ignatenko.

O porta-voz disse que o plano apadrinhado por Gorbachev irá incluir todos os «aspectos interessantes» do projecto de Rizhkov, argumentando que os dois coincidem no fundo e não são antagónicos.

Os dois projectos divergem em três questões essenciais: o grau de centralização da economia, os prazos e a reforma de preços.

O principal crítico do plano da Rizhkov tem sido o Presidente russo, Boris Ieltsin, que no entanto apoia o plano Chatalin (a ser apresentado por Gorbachev). Este projecto foi elaborado com base num estudo concretizado pela sua administração e intitulado «Moção de confiança para 500 dias», apresentado segunda-feira ao Soviete Supremo da federação russa.

Ieltsin disse no sábado que os dois planos não poderiam ser fundidos e pediu a demissão de Rizhkov.

Ao apresentar ao Parlamento russo o seu programa, Ieltsin tornou claro que estaria disposto a ir para a frente, sem esperar a decisão agora anunciada pelo Kremlin.

Conservadores contra-atacam

Mas as reformas do Presidente soviético foram ontem alvo de severas críticas por parte de oradores conservadores no Congresso do PC da federação russa.

Alguns delegados acusaram a direcção soviética de ser pró-ocidental e permanecer passiva, face à escolha entre o socialismo e o capitalismo.

O chefe do KGB de Moscovo, Vitali Prilukov, por exemplo, pediu um «regime moderadamente autoritário».

Redacção «DL»/Lusa/AFP

O Presidente Gorbachev e o primeiro-ministro soviético, Nikolai Rizhkov, durante a sessão de abertura do Congresso da federação russa, em Moscovo

Reunificação das Coreias

Pyongyang dá prioridade à questão militar

Depois da calorosa recepção tributada em Seul ao primeiro-ministro norte-coreano, Yon Hyong Muk, este iniciou hoje, num hotel da capital sul-coreana, o primeiro dia de conversações com o seu homólogo do Sul com vista à reunificação da península dividida depois da II Guerra Mundial. Durante as conversações, iniciadas com o discurso de abertura do primeiro-ministro sul-coreano Kang Hyong-Muk, o Governo de Seul apresentou as propostas para a normalização das relações entre os dois Estados, prioridade essencial para a abertura do processo de reunificação.

Organizadas em três capítulos que abarcam os pontos essencias dos dissídios entre os dos Estados, Kang apresentou uma primeira proposta de oito pontos para o restabelecimento das relações políticas entre Seul e Pyongyang, seguida de outras duas sobre a implementação das trocas comerciais e da cooperação e a criação de um clima de confiança entre os dois países no domínio político e militar.

Kang apelou ainda para o reconhecimento e respeito mútuo dos sistemas políticos e sociais que dividem a península e para o abandono por ambas as partes de todas as formas de interferência no assuntos internos da outra parte. Apesar do clima de conciliação que rodeou estas primeiras conversações, as divergências não tardaram a manifestar-se logo que o primeiro-ministro norte-coreano expôs as prioridades, algo diferentes, do Governo de Pyongyang. A este propósito, Yon Hyong Muk deixou claro que as medidas de normalização no plano político e militar deveriam preceder todas aquelas previstas no plano económico.

Entretanto e apesar de serem muito poucas as esperanças sobre os resultados reais e emediatos desta primeira ronda, os dois Governos marcaram já um segundo ciclo de conversações a decorrerem de 16 a 19 do próximo mês.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

CARTA DE MOSCOVO

O COMECON e o petróleo soviético

A abreviatura COMECON (Conselho de Ajuda Mútua Económica) aparece cada vez menos nas páginas dos jornais soviéticos. Desapareceu também a antiga agitação junto do moderno arranha-céus no centro de Moscovo, onde está situada a sede do Conselho que reúne os antigos parceiros da Europa de Leste, da Ásia e Cuba.

Há quem diga que alguns dos representantes das companhias e dos bancos ocidentais e do Extremo Oriente, que têm negócios na União Soviética, lançam olhares cobiçosos a este arranha-céus que tem a forma de um livro aberto, posto em pé, esperando o dia em que as suas espaçosas salas estejam para alugar a troco de divisas.

Depois das revoluções democráticas no ano passado na Europa de Leste, muitos são os que pensam ter chegado o tempo de fazer soar o requiem pelo COMECON. Mas é bem possível que os boatos sobre a morte desta organização internacional sejam muito exagerados.

Durante décadas a URSS manteve laços económicos estreitos com os seus parceiros - «irmãos de classe» - através do COMECON. Hoje em dia, quando essas relações se libertam rapidamente da ideologia e se tornam cada vez mais pragmáticas, em resultado da progressão, a diferentes velocidades, dos diversos Estados membros para a economia de mercado, o papel do COMECON, sem dúvida, recua para segundo plano.

A União Soviética continua a fornecer a este «mercado comum socialista» petróleo, gás e outras fontes de energia e matérias primas a preços preferenciais, recebendo em troca as mercadorias acabadas a preços que nem sempre podem concorrer com os artigos análogos ocidentais, o que provocou a anulação pela URSS de um défice considerável no seu comércio externo.

Até 1975, as trocas comerciais no seio do COMECON tinham por base preços estáveis, mas nesse ano o sistema de fixação dos valores dos produtos energéticos foi alterado, a pedido da URSS, que se sentia lesada pelos baixos preços em relação aos praticados no mercado mundial, em resultado do choque petrolífero de 1973.

Os preços passaram a ser calculados na base da média das cotações mundiais dos últimos cinco anos. Mas os países de Leste responderam, aumentando o preço dos seus produtos, ao mesmo tempo que se queixavam de que podiam vender os seus produtos no mercado internacional a troco de divisas, em vez de receber o «funny money», que em seu entender eram os rublos «transferíveis» e com os quais só podiam comprar dentro do COMECON.

Os soviéticos, pelo seu lado, quando os preços mundiais do petróleo começaram a baixar, na segunda metade da década de 80, deixaram de se interessar pelo sistema da média dos cinco últimos anos, uma vez que ela apontava para a diminuição dos seus ganhos.

Entretanto, por acordo mútuo, a partir de 1 de Janeiro de 1991, os pagamentos no seio do COMECON vão passar a ser feitos em divisas, aos preços mundiais.

Alguns economistas consideram que, no ano que vem, isso vai render a Moscovo cerca de 12 mil milhões de dólares suplementares, bem vindos na URSS, que atravessa uma crise económico-financeira aguda. Ao mesmo tempo esses economistas predizem dificuldades para os parceiros da URSS. Para poderem conquistar um lugar ao sol no vasto mercado soviético, que se abre cada vez mais amplamente ao Ocidente, ao Japão e à Coreia do Sul, terão que fazer esforços no sentido de melhorar a qualidade das mercadorias de exportação tradicional e diversificá-la. Caso contrário, a URSS, com as suas divisas, irá comprá-las a outro lado.

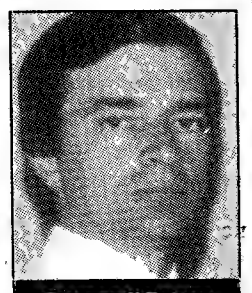
O caso da RDA, cujas indústrias não conseguem escoar a sua produção no mercado interno, face à concorrência dos artigos oriundos da RFA, é um exemplo significativo do que poderá acontecer.

Não obstante a passagem para as novas relações financeiras, os países membros do COMECON concordaram em conservar o Banco Internacional de Investimento, criados especialmente para fazer os pagamentos em rublos «transferíveis».

Ambos os bancos continuam a funcionar, porque, em primeiro lugar, dispõem de um grande património em divisas (segundo os dados do jornal «Izvestia» - à volta de 8 mil milhões de dólares) e, em segundo lugar, porque eles mantêm relações de negócios com algumas centenas de bancos ocidentais. Mas, como destaca esse jornal, no futuro é totalmente possível a transformação por etapas desses estabelecimentos socialistas em sociedades anónimas conservando o seu estatuto inter-estatal.

De certeza que os países da Europa de Leste irão passar por um período de dificuldades: os preços do petróleo no mercado internacional são capazes de aumentar devido aos acontecimentos no Golfo Pérsico. Tanto mais que os fornecimentos soviéticos se reduziram, devido à queda da extracção de «ouro negro» na URSS, provocada por dificuldades internas, e cessaram os fornecimentos do Iraque. A própria União Soviética sente agora sérias dificuldades quanto aos combustíveis.

No entanto, estou certo: com o COMECON ou sem ele, entre a URSS e os seus vizinhos do Leste europeu e outros parceiros no COMECON vão estabelecer-se relações verdadeiramente justas.



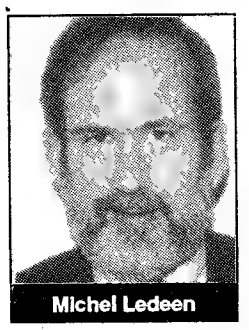
Guennadi Petrov

CARTA DE WASHINGTON

Um ano frenético para o Congresso

Com o fim do Verão, os membros do Congresso retornam a Washington e com eles a actividade política volta ao seu ritmo normal. Este ano promete ser ainda mais frenético do que o costume, porque há muito a fazer em pouco tempo. É um ano de eleições para todos os membros da Câmara dos Representantes, assim como para um terço dos senadores, que enfrentarão as urnas no início de Novembro. Como é natural, querem estar à frente das suas campanhas eleitorais e não sentados em Washington, enquanto os seus adversários trabalham contra eles. Como consequência, vão esforçar-se o mais que puderem para acabar as suas actividades no Congresso até ao mês que vem, dispondo assim de um mês de campanha nos seus círculos eleitorais.

Basta olhar para o calendário legislativo para concluir que são extremamente reduzidas as hipóteses de conseguir completar o trabalho até ao início de Outubro. Por uma razão. Ainda não há acordo entre as duas Câmaras do Congresso sobre o orçamento federal e prevê-se que o debate sobre o assunto seja particularmente intenso. O Congresso, durante vários anos, tem tido uma grande dificuldade para decidir quanto dinheiro deve ser gasto e quanto deve ser distribuído. O velho ditado dos políticos norte-americanos - «o presidente propõe e o Congresso dispõe» - foi ultrapassado depois dos dois primeiros anos da administração Reagan, com os congressistas a serem derrotados. Desde os tempos de Franklin Delano Roosevelt, o Congresso tem-se acostumado a gastar cada vez mais dinheiro em vários programas de auxílio aos eleitores. Os senadores e os deputados lutam entre si para determinar o destino do dinheiro, com cada congressista a trabalhar para que uma parte substancial vá para o seu círculo ou estado. Mas um crescente nível de gastos do Governo federal representa um aumento dos impostos, e nos anos mais recentes grande parte do eleitorado revoltou-se contra esse facto, ficando ainda mais irritado quando descobriu que, apesar da taxação recorde a que é submetido, o déficit governamental também alcançou proporções nunca antes vistas. Para a maioria dos eleitores, isso deve-se à incompetência da administração pública, e estão mais inclinados a acusar os congressistas do que o Presidente.



Michel Ledeen

Embora o Congresso não seja totalmente responsável pelos elevados orçamentos e pelo falhanço em controlar os déficits, os nossos legisladores contribuíram certamente para a má administração dos fundos públicos. A expansão da burocracia do poder legislativo é por si só alarmante e, actualmente, cada membro do Congresso tem, em média, mais de doze assistentes. Isso sem contar com as instituições que trabalham para o Congresso, tais como o Serviço de Pesquisa ou o moderno Ginásio dos congressistas, cujas construção custou dezenas de milhões de dólares, empregando pessoas às dúzias.

Os legisladores conhecem as suas próprias fraquezas e aprovaram uma das mais espantosas leis da história dos países ocidentais: a chamada lei Gramm-Rudman- Hollings, que prevê cortes nos gastos governamentais na eventualidade de o Congresso não conseguir chegar a acordo sobre o orçamento até dia um de Outubro. Isto é como ordenar a um polícia para prender um alcoolatra se o pobre homem não estiver sóbrio à meia-noite. É provavelmente o que se passará daqui a um mês. Os empregados do Congresso já foram informados que se calhar vão ser mandados para casa durante várias semanas, sem pagamento, e os dirigentes de agências governamentais que movimentam milhares de milhões de dólares estão a tentar descobrir como é que vão conseguir manter as suas actividades com os cortes nas verbas para as suas operações.

Alguns de nós- anarquistas românticos - esperamos que o Congresso não consiga aprovar o orçamento e que o mecanismo de Gramm-Rudman-Hollings entre em acção. Só para demonstrar que o Governo federal pode, de facto, funcionar muito bem com muito menos empregados. Esta descoberta poderá levar a uma genuína revolução na administração pública: melhor governo com menos burocratas.

Arca de Noé

CONCURSO

RTP

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cód. Postal _____

Idade _____ Profissão _____

Tem Televisor? _____ Nº Licença _____

Telef. _____

✂RECORTE PELO TRACEJADO
PREENCHA COM LETRAS MAIÚSCULAS Cole num Postal dos CTT e envie para CONCURSO Arca de Noé
APARTADO 4.317 - 1 508 LISBOA - CODEX

QUOTIDIANO

Portugueses em Benidorm podem regressar hoje

Alguns dos turistas abandonados em Espanha dormiram ao relento

«Os turistas portugueses em Benidorm podem começar a regressar ainda hoje a Portugal» afirmou, hoje de manhã, à TSF, o cônsul português em Barcelona.

António Manuel Franco adiantou «que o dinheiro não entrou nos cofres do hotel mas que a situação estava a tentar ser resolvida».

Os duzentos turistas portugueses que viajaram para Benidorm na sexta-feira da passada semana continuam ameaçados de expulsão dos hotéis, por falta de pagamento da agência de viagens que lhes vendeu os programas, a David Tour. Alguns dormiram já esta noite ao relento enquanto outros se viram obrigados a pagar a estadia do seu próprio bolso.

A agência CostaBlanca, representante e credora de oito milhões de pesetas (cerca de 11 mil e duzentos contos) da agência portuguesa, afirmou hoje, ao DL, que a «David Tour ainda não tinha pago e que os portugueses teriam de abandonar os hóteis». A CostaBlanca tinha-se comprometido a pagar a estadia dos turistas, «por razões humanitárias e mediante a promessa de ser reembolsada», até ao dia de ontem, dia em que a David Tour deveria saldar com a sua congénere espanhola o total ou parte da dívida.

«Á última hora, fomos informados por telex que o representante da David Tour tinha sido detido na Alfândega e que já não chegaria a Espanha» afirmou uma fonte da CostaBlanca para adiantar que «os turistas portugueses que não quiserem ou não puderem pagar pessoalmente a estadia, terão de abandonar os hotéis até ao meio-dia e encontrar forma de serem repatriados».

A agência espanhola alertou já o Consulado de Portugal em Barcelona e a Embaixada portuguesa em Madrid para a eventualiadade de os duzentos portugueses regressarem a Portugal.

Os duzentos turistas, na sua maioria constituído por famílias com idosos e crianças, chegaram a Benidorm na sábado passado e viram-se na eminência de ficar desalojados tendo que pagar, do seu próprio bolso, a estadia nos hóteis durante o fim de semana.

«Quando chegámos, no sábado à tarde, com quatro horas de atraso, os hóteis que nos estavam destinados não nos receberam alegando falta de crédito e dívidas da agência portuguesa» disse à Lusa, um dos turistas lesados.

O grupo recorreu já as autoridades portuguesas em Espanha mas, segundo segundo a mesma fonte, o Consulado português em Barcelona «não ofereceu ainda quaisquer garantias de alojamento».

A última promessa feita pela David tour aos portugueses sem alojamento em benidorm foi a de que entregaria 4 milhões de pesetas (cerca de 5 600 contos) à sua congénere espanhola que reclama, agora, 11 milhões e meio de pesetas (16 mil contos) pelas despesas da estadia do grupo.

Há dois dias, um hotel onde se encontravam instalados, a seu custo, alguns dos turistas, tentou a sua expulsão mas a pressão de outros portugueses e o facto de uma senhora idosa ter sido internada numa clínica, atrasou o cumprimento da ameaça.

Máquinas de selos estreadas em Lisboa

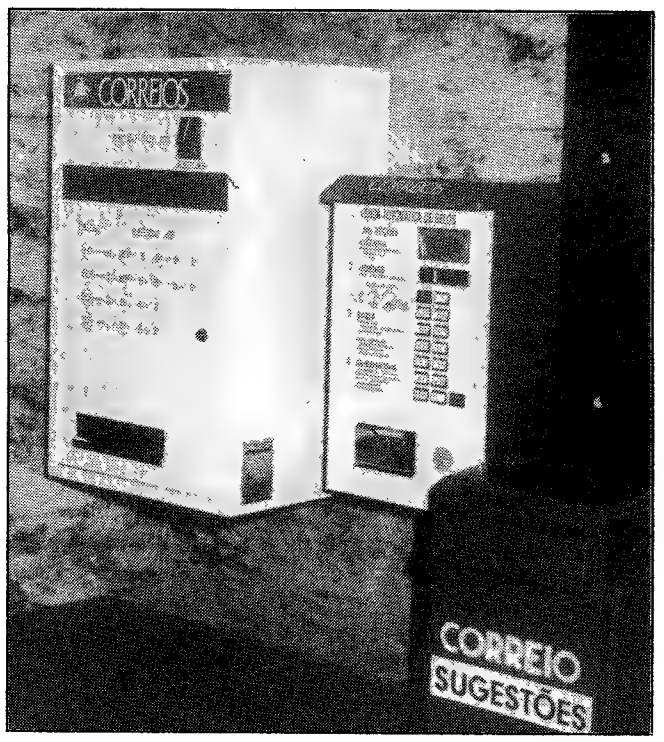
Acabaram-se as infernais filas de espera junto dos balcões dos CTT. As novas máquinas de venda automática de selos começam hoje a funcionar e, espalhadas um pouco por toda a cidade, permitem ao cliente a selecção da tarifa desejada. Como edição comemorativa da estreia, os CTT lançaram uma emissão especial de selos com tarja fosforecente e subordinada ao tema «Correios sempre e em toda a parte».

«É opção prioritária dos Correios de Portugal dar uma resposta eficaz às necessidades dos clientes e é nesta linha de orientação que se integra a instalação das novas máquinas de selecção de tarifa pelos clientes» afirmou fonte da empresa.

«Trata-se de mais um passo na modernização dos serviços dos CTT» e cuja experiência hoje iniciada pelos Correios de Portugal será, em breve, alargada a outros pontos do País, garantiu a mesma fonte.

Mas, para já, em Lisboa, as máquinas automáticas encontram-se à disposição do público nas estações do Terreiro do Paço, Restauradores, Picoas, Amoreiras, Santa Marta e Cais dos Soldados.

Nos centros comerciais Euromarché, Fonte Nova, Olaias, Apolo 70 e Portela, nas estações da CP do Rossio, Cais do Sodré e Aeroporto bem como nas estações informatizadas da Avenida João XXI, Cacém e Moscavide foram igualmente instaladas as novas máquinas automáticas de selos.



As novas máquinas automáticas de selos, colocadas em pontos estratégicos da cidade, começaram hoje a funcionar

BREVES

ACP pede coerência ao Governo

O Automóvel Club de Portugal (ACP) anunciou que se manterá atento à evolução dos preços no mercado petrolífero e «se o preço do petróleo voltar a descer será o primeiro a chamar a atenção do Governo para a necessidade de ter um comportamento coerente». Lamentando que os automobilistas portugueses «tenham sido obrigados a enfrentar dois aumentos consecutivos» de combustível, esta associação destaca que «o Estado continua a arrecadar em impostos mais de dois terços do preço de venda ao público da gasolina». Afirma ainda que os automobilistas «contribuem para as finanças públicas com mil e 600 milhões de contos», correspondentes a 27 por cento da totalidade das receitas fiscais.

«O Comércio do Porto» introduz alterações

Na sua edição de hoje o «Comércio do Porto» apresenta-se com um novo formato e novo aspecto gráfico, justificados pelo processo de modernização na sequência da privatização da empresa. O matutino anuncia, ainda, na primeira página, que serão introduzidos em breve outras alterações, designadamente no conteúdo, grafismo e aproveitamento da quadricromia.

Fogo em três frentes na Serra do Marão

Um incêndio de grandes proporções devastou uma importante área florestal da Serra do Marão, lugar de Minas, informaram os bombeiros da Amarante. O sinistro, que chegou a apresentar três frentes, teve início cerca das 22 horas de ontem e foi dado como extinto ao princípio da manhã de hoje. A dimensão do fogo obrigou á intervenção dos bombeiros de Vila Meã, Lixa e Marco de Canavezes, em apoio aos bombeiros locais. Também em Codeceiro, nos limites dos concelhos da Guarda e de Pinhel, várias explorações agrícolas e pinhais foram destruídos por um incêndio que, durante dois dias, resistiu aos esforços dos bombeiro e que foi considerado extinto na noite de ontem.

Rádio Nova comemora primeiro aniversário

A Rádio Nova, do Porto, comemorou, ontem, o seu primeiro aniversário de emissões com um programa especial de referências aos principais acontecimentos noticiosos desse período. Para Francisco José Oliveira, director daquela estação local, que tem actualmente a maior potência de emissão do Norte, o «tempo dos ossos já acabou» preparando-se agora a Nova para «crescer». A Rádio Nova foi preterida no concurso para a frequência regional do Norte em favor da Rádio Press, ligada ao jornal «Comércio do Porto» e, mais recentemente, também, ao «Jornal de Notícias».

Ministério do Ambiente investiga saneamento do Estoril

O Gabinete de Saneamento Básico da Costa do Estoril (GSBCE) está a ser investigado pelo Ministério do Ambiente (MA). Estranhando os sucessivos aumentos que têm sido atribuídos ao custo global deste projecto de saneamento básico, este Ministério decidiu instaurar uma auditoria técnica, jurídica e financeira áquele Gabinete. Uma nota emanada do MA refere mesmo que tal medida visa o cumprimento de «um exame pormenorizado» à obra em construção.

Contactado, esta manhã, pelo «DL», o director do GSBCE, engenheiro Rui de Carvalho, referiu que esta auditoria tem o valor de um balanço e nada mais. «O sr. ministro tem todo o direito de mandar analisar e de querer saber como a obra está a ser executada, já que envolve um investimento grande e ultrapassa o valor inicialmente estipulado para o custo global» - disse.

O Ministério do Ambiente afirma que as estimativas apresentadas pelo GSBCE, entre Agosto de 1989 e 1990, registam um agravamento superior a dois terços do custo global da obra e que outras mais recentes, com espaço de um mês entre elas, apontam para variações no custo global em «mais de 20 por cento».

O exame agora determinado vai, precisamente, procurar esclarecer as causas dos agravamentos de custos, os quais excedem, e em muito, os montantes considerados inicialmente, bem como a verba estipulada para a cobertura de imprevistos.

«A obra é mais cara do que estava previsto, mas também sabemos que as previsões nem sempre estão correctas. Não se trata, por isso, de um caso único. No entanto, penso que será fácil de medir e verificar uma obra que já está concluída até certo ponto. O que se passa é que pouca gente conhece ou se apercebe do volume desta obra. Há troços acabados e perfeitamente executados» - afirmou ao «DL» Rui de Carvalho.

Este preferiu, no entanto, não referir o montante agora previsto para o custo global deste projecto. Disse: «Nada melhor do que esperar pelos resultados da análise para se saber o que se está a passar e evitar especulações». Recorde-se que inicialmente a verba prevista para o custo da obra ultrapassava os 9 milhões de contos.

A nota do Ministério refere ainda que, «para além de uma tendência de inflacionamento descontrolado, tem-se igualmente verificado sucessivas extensões do objecto dos contartos celebrados». Este facto originou que obras a mais fossem executadas, «sem a prévia e competente autorização ministerial e sem o conhecimento da comissão directiva daquele gabinete» - acrescenta.

Rui de Carvalho diz ser falso tal aspecto. «Nada foi pago e executado que não esteja devidamente autorizado e que não faça parte dos contratos celebrados» - afirmou.

A auditoria determinada estará a cargo de representantes dos Ministérios das Finanças, do Planeamento e da Administração do Território e do Ambiente e Recursos Naturais e do Procurador-Geral Adjunto da República, devendo estar concluida no prazo de 45 dias, com conhecimento público posterior.

De acordo com o Ministério do Ambiente e do director do GSBCE, tudo continuará a ser feito para que os prazos previstos para a conclusão da obra, 1991, sejam integralmente cumpridos.

Equívoco policial troca adolescentes em fuga

Duas irmãs, de 14 e 17 anos, foram interceptadas pela PSP de Setúbal, quando viajavam no comboio e levadas para a esquadra por erro e precipitação dos agentes policiais.

Silvia e Cláudia regressavam à residência onde vivem com os seus pais, no Barreiro, na semana passada, provenientes do Algarve, onde gozaram férias, quando, na estação de Setúbal, dois agentes da PSP lhes pediram os respectivos bilhetes de identidade e, perante a surpresa das adolescentes, as intimaram a acompanhá-los.

«Mas o que fizemos nós?» – perguntaram as duas jovens, vexadas pelo acto inesperado e pela curiosidade dos inúmeros passageiros.

«Vocês é que sabem o que fizeram!» -- foi a resposta à angustiante pergunta.

Duas horas levaria a desfazer o imbróglio. Os familiares ansiosos, na estação do Barreiro, com a ausência das meninas, foram informados por alguém do insólito episódio da sua «captura».

«Foi um equívoco», diria mais tarde uma sub-chefe da esquadra de Setúbal à mãe, que ali se deslocou para «soltar» as filhas. «Procurávamos duas filhas dum colega que fugiram de casa, e que têm o mesmo nome», acrescentaria como desculpa.

O traumatismo sofrido vai marcar as adolescentes por muito tempo. Vão recear a Polícia, como instituição de onde vem o perigo e não a protecção -- concluem os familiares revoltados com o episódio e com a maneira pouco cívica -- afirmam -- como foram atendidos na esquadra.

Entretando, um porta-voz do Comando Geral da PSP, confirmou ao «DL» os factos relatados, explicando-os com a semelhança dos nomes próprios das adolescentes. No entanto, nem os apelidos nem as idades coincidiam.

As outras irmãs seguiam, de facto, no comboio. A eficácia policial, obviamente, não funcionou.

Falência ameaça Rádio Minuto

A Rádio Minuto, uma das emissoras locais de Lisboa, está numa situação de «falência real», em que as receitas não chegam para cobrir dez por cento das despesas, disse uma administradora da Telecine-Moro, Ana Maria Carneiro Pacheco.

Segundo esta administradora, a Telecine, uma produtora independente de Televisão, é a única empresa financiadora da Rádio Minuto, já que a Coopmedia participa apenas na emissora com o alvará para o exercício de radiofusão. A Rádio Minuto resulta de uma associação em participação da Telecine-Moro com a Coopmedia.

A Coopmedia realizou ontem uma reunião com os trabalhadores da Rádio Minuto, os quais não recebem os ordenados há mais de um mês.

Ana Pacheco confirmou esta informação, sublinhando a boa vontade dos trabalhadores em, mesmo assim, continuarem a fazer programas.

Segundo trabalhadores da emissora, um dos responsáveis da Coopmedia anunciou na reunião de ontem que a Telecine deixou de investir na Rádio Minuto a partir de 1 de Setembro. Acrescentou que a Telecine estaria em «falência técnica» com uma dívida de cerca de 50 mil contos.

Na reunião foi dito, segundo as mesmas fontes, que a Coopmedia estaria à procura de novos investidores para a Rádio Minuto não havendo, no entanto, qualquer esperança para as cerca de duas dezenas de trabalhadores da emissora, contratados a prazo ou tarefeiros.

Os trabalhadores da emissora asseguraram também terem sido convidados a trabalhar voluntariamente mais duas semanas, até serem encontrados novos investidores ou a Rádio fechar.

Porém, a administradora da Telecine-Moro, contactada pela agência Lusa, considerou as afirmações proferidas na reunião «disparatadas e sem qualquer cabimento».

Ao negar veementemente que a Telecine tenha deixado de financiar a Rádio Minuto, Ana Carneiro, que é também mulher do principal accionista da empresa, sublinhou «não ter sido dada nenhuma procuração à Coopmedia para falar em nome da Telecine».

Também Júlio Isidro, director-geral da Telecine-Moro, desmentiu categoricamente que a empresa esteja confrontada com problemas financeiros. Admitiu a situação desastrosa da Rádio Minuto, mas afastou a hipóteses de o problema se estender à Telecine-Moro.

Por seu turno, Rosa Xisto, da direcção da Coopmedia, afirmou à Lusa que esta «vai cumprir os comproissos com a Rádio Minuto». Esta responsável, que participou na reunião de ontem com os trabalhadores, considerou que «o projecto da emissora é viável» e pôs a hipótese de «arranjar outros investidores» para a emissora.

Miguel Beleza chegou à reunião do Conselho de Concertação Social sem os referenciais macro-económicos que permitiriam iniciar as negociações. As centrais sindicais não gostaram

Governo põe parceiros a marcar passo

«O Governo está sem norte e pode perder uma oportunidade única de ter um acordo de médio prazo assinado por todos os parceiros sociais. A actual conjuntura - tendo em conta a constituição do mercado interno e a crise do Golfo - criou possibilidades para que patrões e sindicatos estejam disponíveis para assinarem um acordo (com cedências de ambas as partes), mas o Governo não dá contrapartidas, mostra-se ambíguo e sem querer comprometer-se», afirmou ao DL Torres Couto, fazendo um balanço da reunião de ontem do Conselho Coordenador do Conselho Permanente de Concertação Social.

O encontro saldou-se por um «marcar passo» na tentativa de se encontrar um consenso que permita aos parceiros sociais assinarem um acordo de médio prazo. O Grupo Trabalhador criticou sobretudo o Governo pelas indefinições com que se apresentou na reunião, enquanto os representantes do patronato se escusaram no «clima difícil» que a economia atravessa devido às mudanças internacionais. Miguel Beleza e Silva Peneda não prestaram declarações.

Na reunião foi decidido constituir uma comissão que fará a identificação das matérias a negociar e o faseamento das discussões.

Segundo Torres Couto e Carvalho da Silva afirmaram no final do encontro, o Governo apresentou-se sem um quadro de referenciais macro-económicos, o que não permitiu iniciar a discussão.

Carvalho da Silva salientou que o Programa Económico e Social para os Anos 90 (Pesan) é um documento da autoria do Governo, que o queria negociar rapidamente com os parceiros sociais. «Logo na primeira reunião concluiu-se que a próxima deveria ser um passo em frente, o que não aconteceu porque nada se pode discutir sem quadros referenciais», afirmou.

Torres Couto sublinhou a contradição do Executivo, quando afirma que «o combate à inflação é a sua grande prioridade, mas não sabe qual o seu referencial. Miguel Beleza, instado pelo Grupo Trabalhador a apresentar o Orçamento de Estado, afirmou que tem um projecto, mas ele está eivado de erros, e terá que ser corrigido».

CGTP e UGT, concluíram que o Governo «está perdido e não quer negociar».

CGTP: onde está o empenho dos outros?

«A CGTP manifestou todo o seu empenho na negociação, mas está por provar a disponibilidade dos outros», declarou Carvalho da Silva aos jornalistas.

Segundo o líder da Intersindical, «não basta afirmar vontade de negociar. Do Governo exigimos a resolução dos conflitos, e do patronato que deixem os trabalhadores exercer os seus direitos».

Aquela central considera que é preciso «assumir no plano prático princípios que estão adoptados, como a necessidade do aumento dos salários, a redução dos horários de trabalho e a melhoria das prestações sociais».

«O Governo não apresentou referenciais macro-económicos que possibilitassem avançar, estivemos a marcar passo. A partir desta reunião impõe-se o identificar e assumir de responsabilidades», concluiu Carvalho da Silva.

UGT: Governo não quer compromissos

«Encontrei da parte do Governo, e nomeadamente do ministro das Finanças, muito pouca convicção», afirmou Torres Couto, acrescentando que o Executivo «prefere navegar à vista ficando solto das responsabilidades de um acordo com os parceiros sociais, sem no entanto querer assumir essa posição».

«Se a UGT considerava, antes da crise do Golfo, que era necessário existir um acordo social, agora ainda o acha mais. Fomos para a reunião com um espírito construtivo, mas não vimos resposta a isso», disse ainda.

CNEP: negociar, mas a par e passo

Pedro Ferraz da Costa, falando em nome do Grupo dos Empregadores, considerou difícil «chegar a um acordo quantificado. Preferimos negociar a par e passo», razão por que a constituição de uma comissão permanente foi vista com bons olhos pelos patrões.

O Conselho Nacional das Empresas Portuguesas (CNEP) justificou a sua posição com a «situação difícil que vivemos». Em sua opinião, se há dois ou três anos a economia atravessava uma situação favorável, com os últimos acontecimentos internacionais «nada garante que assim continue».

A recém-formada comissão terá a sua primeira reunião na próxima sexta-feira, estando agendada para o dia 18 a próxima reunião do Conselho Coordenador do Conselho Permanente de Concertação Social.

Elsa Andrade

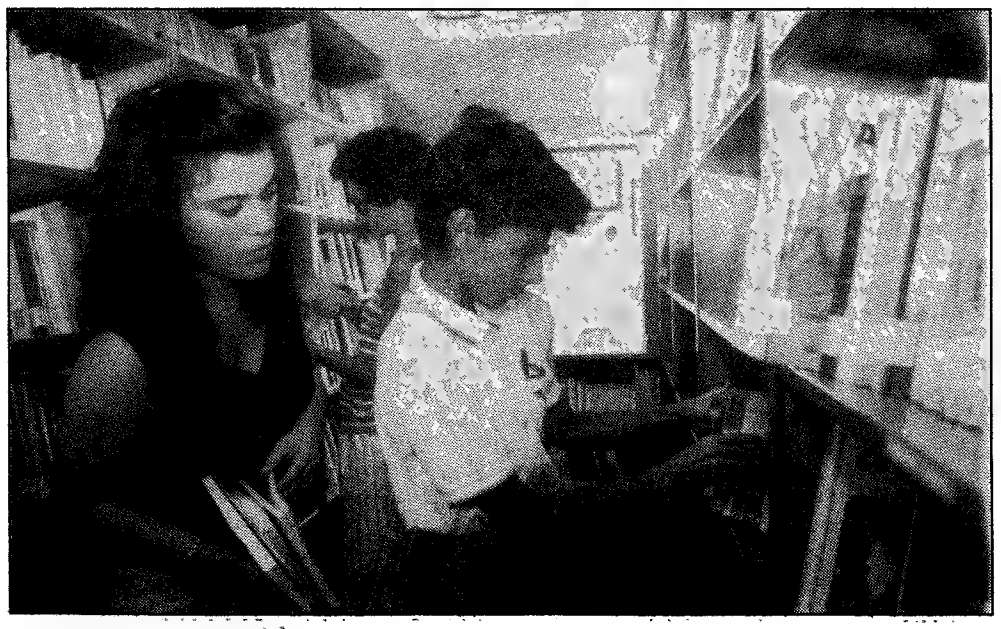
Primavera/Verão «passa» na FIL

A Intermoda apresenta-se, uma vez mais. A partir de amanhã e durante uma semana, estará presente, na Feira Internacional de Lisboa (FIL), a 13ª edição de uma das mais consagradas e «profissionais» mostras nacionais de vestuário. Pela segunda vez, este ano, os pavilhões da Fil abrem as portas «para ver a moda passar» e, depois do Salão-Boutique Outono/Inverno, eis que se apresenta o Salão-Boutique Primavera/Verão, para apresentação de tendências e colecções do próximo ano.

Ao contar, de novo, com o empenho da Associação dos Industriais de Vestuário (APIV), do Instituto do Comércio Externo de Portugal (ICEP), da Federação do Comércio Retalhista Português e de outras organizações do sector têxtil, a Intermoda continua a ser pensada, exclusivamente, para profissionais e reserva, este ano, uma inovação aos seus visitantes: o Projecto Moda 91, que compreende três exposições distintas e visa alcançar uma maior sectorização e especialização, de modo a proporcionar uma oferta específica dos produtos face aos mercados a que se destinam.

Assim, complementares e coexistentes, a Expofashion, dedicada a estilistas e criadores, a Expowear, salão de vendas para a próxima estação e a Intermoda, moda pronta, vão defender valores como a marca, a qualidade e o design e prepara o artigo «*made in Portugal* » para o desafio de 1992.

E.T.



Cultura itinerante

Os munícipes de Lisboa podem agora usufruir de mais uma biblioteca itinerante. Trata-se de uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, a segunda deste tipo, realizada no âmbito da política de animação e divulgação cultural, que pretende servir os munícipes mais carenciados e, sobretudo, os jovens.

QUOTIDIANO

Cerâmica das Caldas da Rainha revê meio século atribulado

Desde a Maria dos Cacos até um artesanato erudito, muito mudou e muito se manteve nesta indústria multisecular

Não será a mais velha profissão do mundo, mas quando o oleiro surje a História faz um dos seus mais decisivos saltos em frente. Não faltam hoje povoações que devem a sua existência e a redondância do seu nome à existência de cerâmicas à volta das quais foram surgindo as praças e os arruados que definem uma vila ou uma cidade.

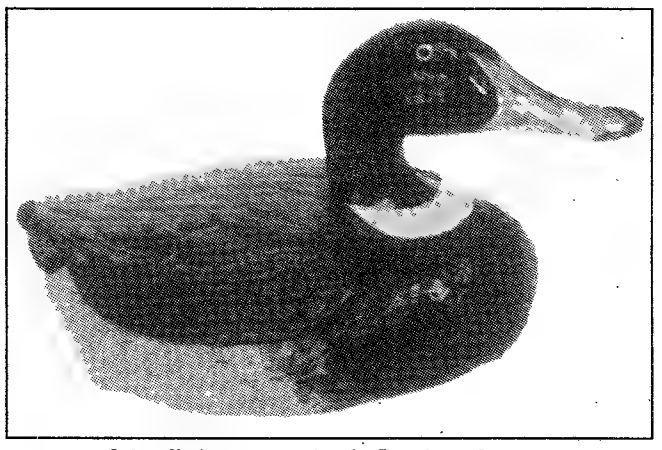
As Caldas da Rainha são um desses casos, embora com um sensível hibridismo com as águas medicinais, razão primeira do seu nascimento. Homenageando os seus oleiros, aquela cidade promoveu, em 1977, uma exposição que abrangeu mais de um século de produção caldense, representada por cerca de 800 peças. Dando continuidade a essa iniciativa, o Museu de Cerâmica tem em exposição, até ao final de Setembro, uma nova mostra da cerâmica caldense durante o período de meio século que decorre entre 1930 e 1980.

É uma época em que, sobretudo após o final da guerra, se assiste a uma profunda mudança daquela cerâmica, até então vinculada à tradição naturalista criada pelas escolas de Manuel Mafra e Rafael Bordalo Pinheiro. Estão mortos os seus descendentes, física ou espiritualmente, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro e Avelino Belo e a indústria local soube abrir as suas portas, com a entrada de meios técnicos modernizados, a artistas idos de vários pontos do globo, como a húngara Hansi Stäel, o escocês Hird, a norte-americana Lenor Davis, mas também a figuras nacionais em vias de consagração, como Júlio Pomar ou António Quadros ou a iniciarem carreira, como Ferreira da Silva.

Uma cidade, uma indústria

As Caldas da Rainha, apesar dos seus escassos 7 500 habitantes, era criada cidade em Outubro de 1927, no culminar de um longo processo de ascenção económica e social. A cidade vivia das suas termas, das mais afamadas de todo o país (o que a tornava, também, num prestigiado local de vilegiatura) e da sua louça, um tipo de faiança fundamentalmente decorativa, inspirada em motivos naturalistas ..., por vezes até mesmo em excesso, para poder servir de tema às graças pesadas do Parque Mayer.

Quando as Caldas chegam a cidade, a indústria de cerâmica era ainda quase artesanal, familiar. Rafael, morto em 1905, conseguira alcançar o gosto das elites e diversificar os seus mercados sociais. Mas, paralelamente, continuava a existir uma produção menos apurada e imaginativa, acessível ao consumidor popular, que a adquire nas feiras e mercados. Um discípulo de Rafael, Avelino Soares Belo imprimiu à sua faiança uma imaginação e desenvoltura superiores, conferindo ao seu trabalho um cunho experimentalista de resultados, por vezes, surpreendentes. Morreria em 1927, numa altura em que outro discípulo de Rafael, Francisco Elias entrava numa carreira ascendente com as suas miniaturas dotadas de uma notável técnica de modelação.



A tradição: um pato de Ponte e Sousa, na técnica de Bordalo

A grande crise

É precisamente na altura em que as Caldas festejam a sua elevação a cidade que se instaura a «angustiosa crise», como a definiria o grande jornalista Luís Teixeira, ele próprio um caldense.

«Não há vendas -- escreve. O mercado local tem movimento insignificante As exportações para as nossas colónias e para o Brasil dão-nos, em números, a expressão mais eloquente destas afirmações. As peças acumulam-se nos depósitos de vendas, sem terem a vazante que requer a abundância da sua fabricação». O fabrico era moroso e caro, totalmente manual, de uma mão-de-obra lenta e de preço elevado. Caros, também, os factores de produção: a lenha e as tintas. Insuportáveis as taxas alfandegárias.

Tenta evitar-se a importação de uma cerâmica estrangeira, mais barata porque altamente mecanizada, enquanto por cá, escrevia Avelino Belo, «tudo é manual, tudo é empírico». E ainda se levanta um terceiro problema: o dos imitadores, sobretudo da área de Barcelos.

A recuperação só virá a surgir nos anos 40 com vultuosas encomendas norte-americanas, a que a pequena indústria local não tinha capacidade de corresponder.

Surge, então, a grande indústria a produzir, simultaneamente, faiança utilitária, novos modelos de louça decorativa e séries de produtos cerâmicos assinados por grandes nomes da arte.

A primeira é Hansi Stäel von Holstein, a quem se iriam seguir António Quadros, Jorge Vieira, Conceição Silva, Júlio Pomar, Alice Jorge, Tomás de Melo e muitos outros. Quase toda indústria caldense começa a pensar em termos de uma actuação modernizada e o êxito artístico transforma-se em êxito comercial. Há quem comece a lamentar-se da persistência das «folhas de couve e outros legumes, convertidos ora em pratos ora em terrinas e outros objectos domésticos», reclamando a necessidade de «ventilar a tradição».

O confronto

É por volta de 1963 que se dá o autêntico confronto entre os que pretendiam «ventilar a tradição ou relegá-la para um museu» e os que preferiam continuar a ventilar a tradição e escolher que partes honrosas dela «relegar» para um museu, ou antes dignificar por intermédio de um museu.

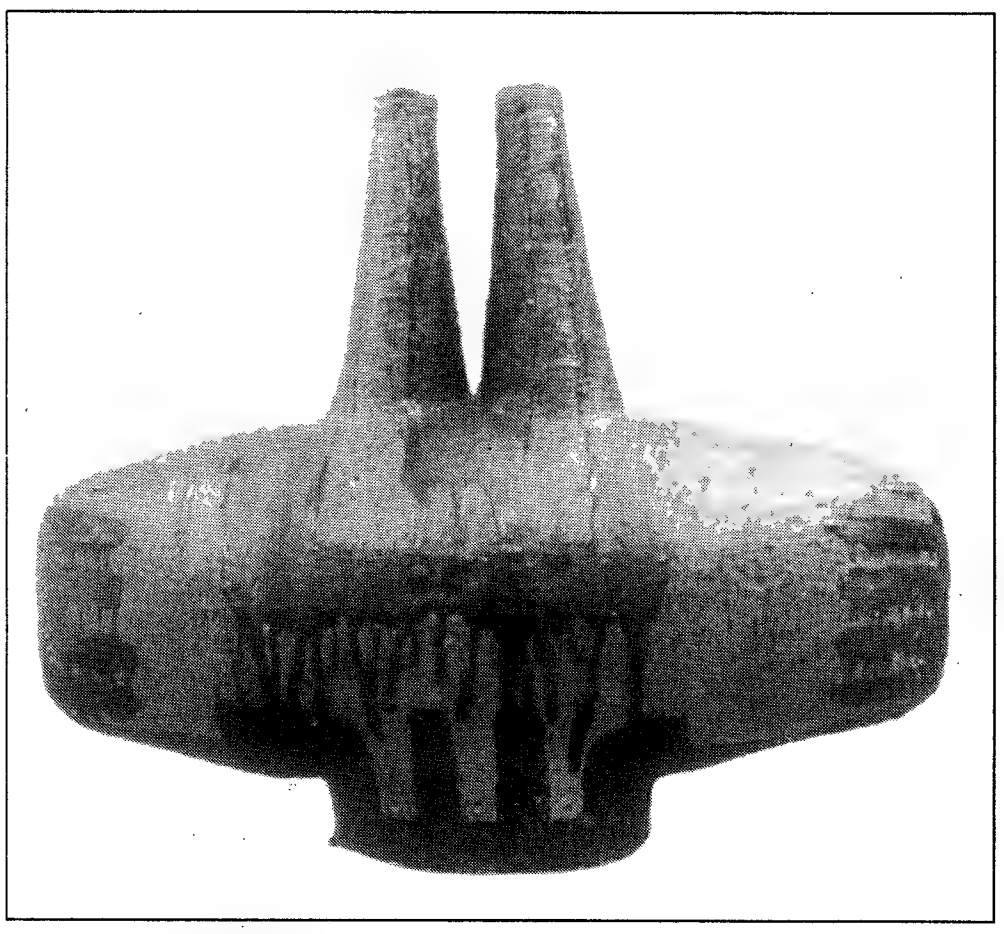
Foi naquele ano que se realizou a exposição «Cerâmica e Olaria das Caldas da Rainha», realizada no Museu José Malhoa e que, pela primeira vez, permitiu uma visão articulada (através das 833 peças expostas) da evolução da louça local, desde a da Maria dos Cacos até Costa Mota.

Foi uma viagem ao passado que teve resultados inesperados. Possibilitou a reconciliação dos caldenses com a sua louça mais antiga e tradicional. O espaço dedicado à cerâmica seria inaugurado, um ano mais tarde, embora o Museu da Cerâmica só conseguisse oficialização duas décadas mais tarde.

Hoje, com nomes sonoros das artes plásticas portuguesas a cooperarem, trabalha-se nas Caldas com um outro tipo de compromisso: entre um artesanato de cariz mais popular e a expressão propriamente artística, no que se poderá designar de artesanato erudito.

Roby Amorim

(Este artigo tem como base o catálogo da exposição actualmente presente nas Caldas da Rainha)



A nova cerâmica das Caldas: uma peça de Ferreira da Silva

Zinco desempenha papel no desenvolvimento da sida

Um químico norte-americano admitiu a hipótese de que o zinco poderá desempenhar um papel chave no desenvolvimento do vírus da sida. A teoria consta de um artigo publicado na revista «Bioquímica».

Esta descoberta poderia, segundo o seu autor, Michael Summers, ajudar à obtenção de um medicamento ou de um tratamento para lutar contra a doença.

O investigador da Universidade de Maryland afirma que o zinco permite a uma proteina essencial à duplicação do vírus fixar-se no material genético do vírus que propaga a infecção. Bastaria, portanto, conseguir um medicamento que diminua ou elimine o zinco presente no corpo.

Segundo um bioquímico da Universidade John Hopkins, Jeremy Berg, esta descoberta proporciona «uma nova via de pesquisas que tem sido, pelo menos, subestimada». Um outro investigador, que consagra os seus trabalhos à pesquisa duma vacina contra a sida, Wayne Koff, no Instituto Nacional de Saúde, afirmou que as descobertas de Michael Summers são interessantes.

Macário Correia denuncia fraudes no sistema*timeshare*

Empresas imobiliárias que se encontram na ilegalidade continuam a vigarizar milhares de portugueses recorrendo à assinatura de contratos de habitação periódica, afirmou ontem o secretário de Estado do Ambiente e da Defesa do Consumidor.

Macário Correia denunciou a situação numa conferência de Imprensa que contou com a presença do presidente do Instituto Nacional de Defesa do Consumidor (INDC), Lucas Estevão, frisando que havia ainda muitos portugueses «embarretados» com esta prática.

Segundo aquele membro do Governo, os consumidores são «apanhados» por métodos agressivos de venda dos direitos reais de habitação periódica, também denominados de *timeshare* utilizados por algumas empresas. O secretário de Estado divulgou os nomes do Hotel Viking, Rocha Vaumar, Rentinvest e Real Férias como algumas das empresas que recorrem a este expediente.

Os métodos de venda do *timeshare* são caracterizados pelos escassos esclarecimentos aos consumidores acerca dos produtos e serviços e por criarem a expectativa de que a aquisição do produto será acompanhada da oferta de um outro, designadamente vídeos, viagens ou automóveis.Lucas estevão, por seu turno, adiantou que o INDC tem recebido várias reclamações relativas ao *timeshare* mas a sua maioria diz respeito à utilização de métodos agressivos de venda e não directamente ao conteúdo do próprio direito ou das cláusulas contratuais que lhe deram acesso.Segundo o presidente do INDC, o conteúdo das queixas está relacionado com pressões efectuadas pelos vendedores que chegam a ocupar cinco horas com o acto de venda ou mesmo a ameaçar com agressões quando os compradores esboçam qualquer negativa.

A décima nona edição do Festival de Cinema da Figueira da Foz aí está. Desde amanhã até dia 17, com onze secções, muitos filmes e algumas expectativas. O «DL», apesar da escassez de informações disponíveis destaca aqueles que eventualmente virão a ser os melhores momentos do certame

Wenders e Delvaux no Festival da Figueira

«Senhor»

«A Pequena Casa Branca»

Nesta página se dá conta do programa (imcompleto ainda) do mais importante festival de cinema português, que decorrerá entre 7 e 17 de Setembro, sendo de salientar a homenagem à cinematografia belga e a apresentação dos filmes «Carnet de Notes», de Wim Wenders e «La Palombela Rossa», de Nanni Moretti

Filmes seleccionados

Longas metragens

Dentro destas podem salientar-se: «O Conglomerado VW» (der VW Komplex), do alemão-federal Hartmut Bitomsky; «Dinheiro e Saudade» (Geld und Saudade), de outro alemão-federal, Václav Reischl; «A Guerra do Inverno» (Talvisota), do finlandês Pekka Parika; «Franta», do alemão Mathias Allary; «Austrália». do belga Jean-Jacques Andrien; «Tenho-te nas Mãos (Je t' ai dans la Peau), do francês Jean Pierre Thorn; «Konitz», do canadiano Robert Daudelin; «Ctity Life», de doze realizadores de diferentes países e continentes; «Casamento secreto» (Boda Secreta), do argentino Alejandro Agresti; «Rituais», do holandês Herbert Curiel; «Regresso a Casa» (Kotia pain), da finlandesa Ilkka Jarvi-Laturi «Siddeshes-wari, do indiano Mani Kaul; «As Cadeiras de Alcazar (Les siéges de Alcazar), do realizador francês Luc Moullet; «Salto sobre a Fronteira» (Step Across the Border), dos suíços Nicolas Humbert e Werner Penzel; «O Sacramento» (Het Sacrament), do belga Hugo Klaus; «A Montanha de Pestalozzi» (Pestalozzis Berg), do suiço Peter von Gunten; «Doce de Ocupante» (Squatters Delight), do holandês Mike de Jong; «A Saintonge entre duas vinhas» (La Saintoigne entre deux Vignes), do francês Emmanuel Laurent; «Scherzo Furioso», da realizadora holandesa Marianna Dikker; «O Encanto desses Tempos» (Der Glanz dieser Tage), do alemão Wenzel Storch; «Bloco de Notas» (Carnet de Notes), do alemão Wim Wenders.

Curtas metragens

Nesta secção, serão apresentados filmes como «Sócios», do português António da Costa Valente; «Caravana» (Caravan), do holandês Ties Poeth; «Deixate de Lamentos, Hermann», (Hor auf zu heulen, Hermann), realização alemã da islandesa Margrét Rún; «Não ultrapassar a Dose Prescrita» (Ne pas Dépasser la Dose Prescrite», do francês Thierry Martin; «Busca Falhada em Berlim» (Paperchase in Berlin), dos alemães Simon Bahlsen e Gaby Stratmann; «Mais uma Ponte» (Todavia una puente; «O Poder está noutro lado» (Die Macht liegt woanders), dos alemães Nikolaus Remy-Richter e Stefan Tolz.

Vídeo

Trata-se de uma secção não competitiva, da Selecção Oficial que apresentará, entre outros, os filmes: «Momento» (Augenblick), videoarte da alemã Claudia Wissmann; «Filme Verde», do italiano Sirio Luginbuhl; «Sonho da Califórnia» (California Dream), do alemão Harald Busch.

Cinema para crianças

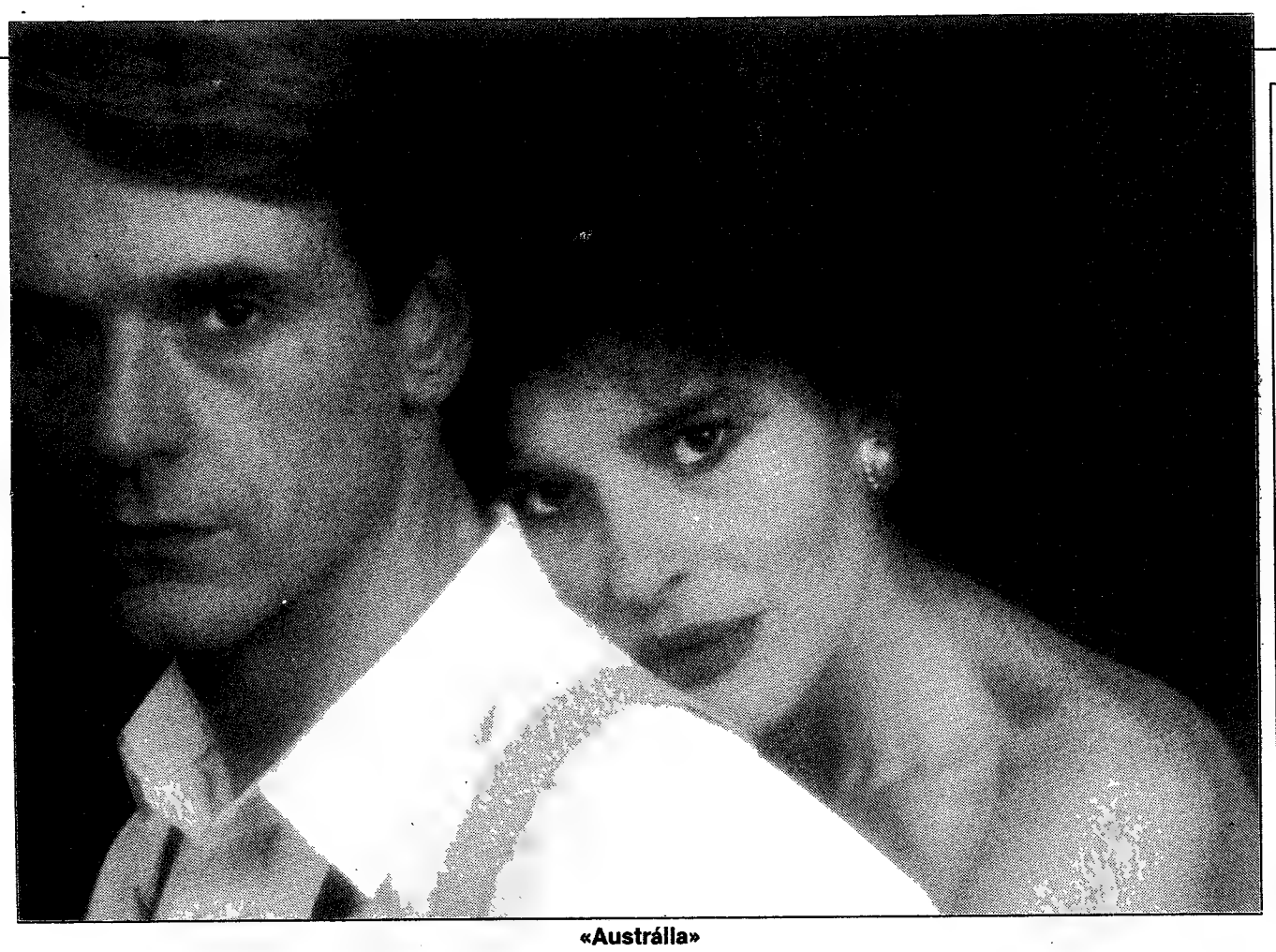
«A Menina do Túnel», da Áustria e «A Praia debaixo do Túnel», do Canadá, são dois dos filmes já inscritos nesta secção da Selecção Oficial.

Programas monográficos

Dedicados este ano ao belga André Delvaux e ao norte-americano Les Blank.

De André Delvaux serão exibidos os filmes «O Homem da Cabeça Rapada» (L' homme du Crane rasé), de 1965; «Laços Eternos» (Un Soir, un Train)), de 1968; «Encontro em Bray» (Rendez-vous à Bray); «Belle», de 1973; «Com Dieric Bouts», (Met Dieric Bouts), de 1975; «Para Woody Allen, da Europa com Amor» (To Woody

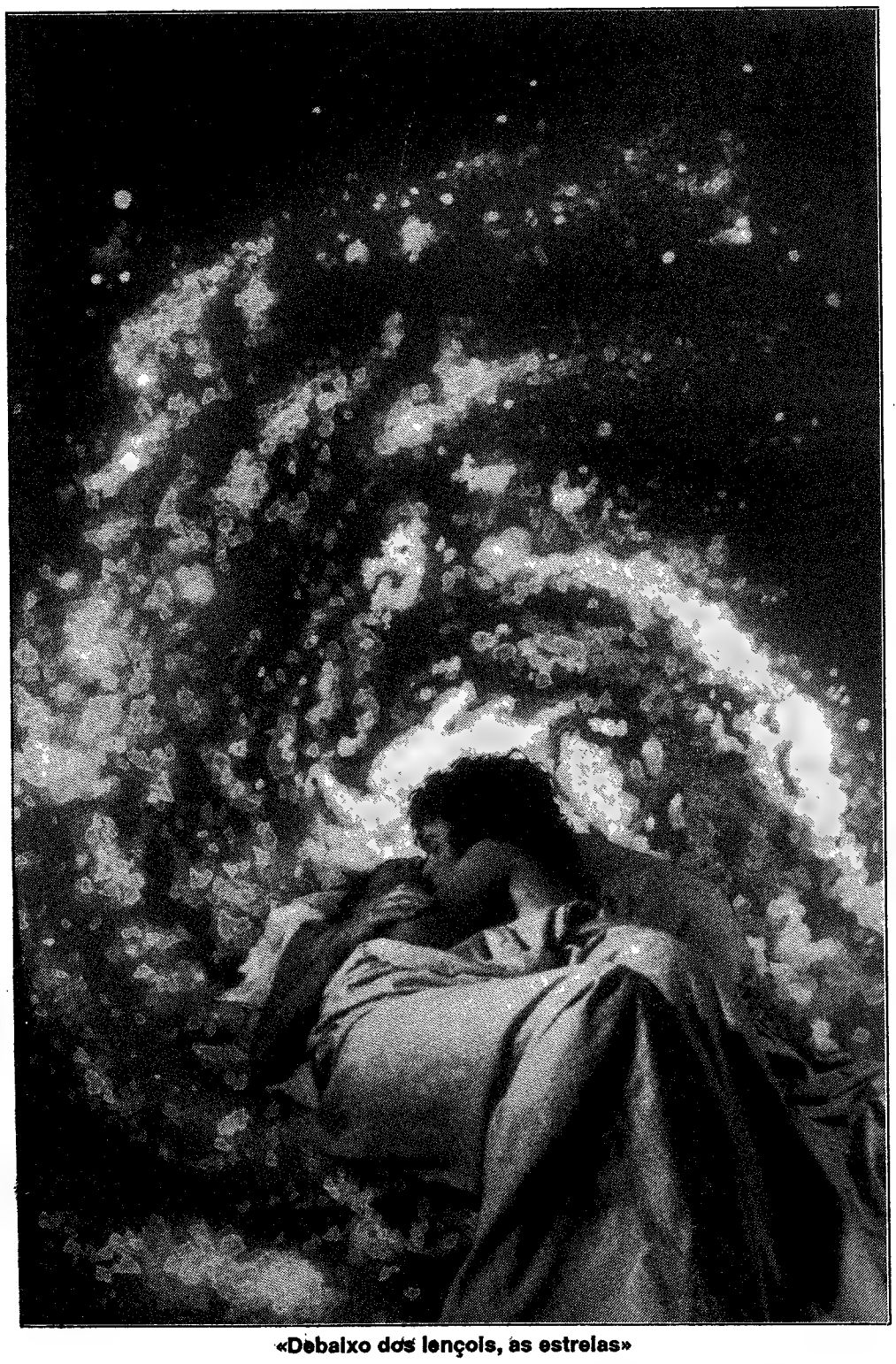
A.M.A.
Auto Monumental de Arroios S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA



«Austrália»

Allen, from Europe With Love, de 1980; «Mulher entre Cão e Lobo» (Femme entre Chien et Loup), de 1979; «Bienvenuta», de 1983; «Babel Opera ou o Ensaio de Don Juan» (Babel Opera ou la répetition de Don Juan) , de 1985 e «A Obra no Escuro», de 1988, vencedor do Grande Prémio da Figueira da Foz.

Quanto a Les Blank, um dos pioneiros do cinema independente norte-americano, em especial do documentário, apresentará filmes seleccionados por si próprio. Estes irão permitir conhecer algumas das suas principais facetas que, com uma sensibilidade muito pessoal, se ocupa principalmente de minorias: minorias étnicas (os índios e os cajun), musicais (música country e folk), hábitos e costumes ancestrais (a cozinha cajun, por exemplo).



«Debaixo dos lençois, as estrelas»

Programas especiais

Serão apresentadas as secções «Olhar sobre a história do cinema»; «Novíssimas curtas metragens» da Bélgica (organizadocom a colaboração de Jean-Claude François, director do Festival da Curta Metragem de Namur); «Descobrimentos, Expansão, Colonialismo» (que coincide com as comemorações do 5º centenário das Descobertas, exibirá, com outros filmes de Portugal, um conjunto significativo de filmes franceses); «Cinema Belga Anos 80», com filmes de Bruxelas, Flandres e Walonia; Na secção «A Floresta» serão mostrados filmes do Canadá («Perigo na Floresta», de Jarry Toole e «Terra por cima das Árvores», de Mike Collier), de Portugal, URSS e da Suiça («Wald» - o Bosque, série de médias metragens de Jacqueline Veuve; «As profissões da Madeira - Les Métiers du Bois).

Outras secções constantes dos programas especiais serão as dedicadas ao «Cinema português anos 80», com sessões nocturnas, «Ante estreias da Época de 1990-1991», onde será exibido o filme «A Pombinha Vermelha» (La Palombela Rossa), do realizador italiano Nanni Moretti e «Cinema Europeu para os Anos 90» onde serão apresentados filmes que darão a conhecer os primeiros passos de jovens realizadores europeus.

II Mercado Internacional do Cinema Independente

Este mercado decorrerá entre 11 e 15 de Setembro, sendo de salientar que este ano o festival ampliou o número de correspondentes e comunicações. Em 1989 participaram profissionais portugueses, canadianos, alemães, holandeses, brasileiros, suíços e franceses.

M. R.

COMENTÁRIO

Da Europa com amor ... ao cinema

Contra factos não há argumentos. Se um festival de cinema se conhece também pela origem dos filmes, o da Figueira da Foz, então, não escapa: é europeuzinho de gema. Isto, porque para além das secções exclusivamente dedicadas à cinematografia belga, à curta-metragem alemã e aos novíssimos autores da década, há a referir que vinte e cinco dos trinta e dois filmes a concurso vieram de países europeus. Mas há mais: uma hegemonia evidente nas secções de curta-metragem e de filmes a exibir extra-concurso, sem esquecer a evocação de Jean Vigo e de André Delvaux.

O primeiro nasceu em França e era daqueles a quem Deus amava. Morreu cedo, há muito, muito tempo, mas, atrás de si, deixou uma pequena filmografia marcada por uma maneira peculiar de sentir os corações. Dele, exibir-se-á, na Figueira, «L' Atalante», o filme que lhe serviu de testamento, em 1934.

Delvaux é nosso contemporâneo e o que dele se poderá ver no Festival é quase tudo o que fez. Desde «O Homem da Cabeça Rapada», produzido em colaboração com a televisão flamenga, em 1965, até «Trabalho Clandestino» de 1988, passando por «Laços Eternos» com Yves Montand e Anouk Aimée, sem esquecer «Para Woody Allen, da Europa com amor».

Os filmes a concurso são muitos e as informações prestadas pelo secretariado do Festival pecam por escassas. Destaque-se, porém, aquele que, quase de certeza, será um momento alto do certame: «Austrália» de Jean-Jacques Audrien, com Jeremy Arons e Fanny Ardant nos principais papéis. Como o cinema é ainda uma arte de vedetas feitas de luz, escusado será dizer que um tal filme nasceu fadado para o sucesso. O argumento é simples e, porque conta a história de um amor colossal, é também o mais belo e o mais perdurável dos argumentos.

Ardant interpreta aqui o papel de uma mulher burguesa, «bem casada» e habituada a silenciar os sentidos, até que Irons, vindo da Austrália, entra porta dentro para a incendiar numa fogueira de bem-querer. Não vale a pena disfarçar: o «DL» aposta desde já em Jean-Jacques Audrien, Irons, Ardant e nesta história, ao que parece, romântica até mais não.

Da Europa ainda, com a prévia garantia de qualidade, chega à secção de longas metragens a concurso «Bloco de Notas», o novo filme de Wim Wenders. Nascido na Alemanha há 45 anos, este é um nome que dispensa delongas, até porque nas suas obras completas figuram «Paris, Texas» e «As Asas do Desejo». Quem não viu, não sabe sequer que perdeu o melhor do cinema contemporâneo.

Não há dois sem três. O jovem cineasta italiano, Nanni Moretti, conhecido pelo seu humor corrosivo, terá o seu mais recente trabalho «A Pombinha Vermelha» em ante estreia no Festival da Figueira.

A cinematografia portuguesa está pouco representada. A concurso, há apenas uma curta-metragem: «Sócios», de António Costa Valente, e um vídeo, na secção que o certame reservou ao género. Convém não esquecer, todavia, a existência de toda uma secção relativa ao nosso cinema durante a década de 80. Resta discutir, porém, se os filmes apresentados são, de facto, os mais representativos de uma década em que Manoel de Oliveira, João Botelho e João César Monteiro, para só citar alguns, estiveram particularmente activos. Ou, talvez, o objectivo seja mesmo esse: demonstrar que nem só de ouro se faz a História.

Chega de considerandos prévios. Porque, afinal, nisto de cinema, o melhor mesmo é fazer como o outro da história: a ver vamos...

Maria João Martins

QUOTIDIANO

Óbidos

O castelo é um dos exemplares mais perfeitos das fortalezas medievais. Actualmente é uma pousada

Museu vivo de branco vestido

Chamam-lhe a Vila-Museu. Os milhares de turistas que a visitam anualmente e os bares acolhedores - onde já se viram bares mais bonitos?- , fazem de Óbidos um museu vivo. Vestida de branco, com contornos em azul e amarelo, enfeitada de flores, a vila perdeu-se no tempo. Chama-se a isto preservação do património cultural.

Não se sabe ao certo quando se começaram a conservar as casas e as ruas. Parece até que nunca foram de outra forma. Tudo o que encontramos é resultado de um trabalho ao longo dos anos, de geração para geração. É, também, o amor que os obidenses têm à sua terra natal.

Por outro lado, o expansionismo em direcção às Caldas da Rainha - que no reinado de D. Afonso Henriques era sua freguesia -desviou as atenções de Óbidos, beneficiando a manutenção dos traços arquitectónicos de cariz medieval e os bairros de origem árabe.

Segundo Álvaro Loureiro, «a preservação da vila deve-se a uma série de factores. Em especial, ao facto de terem passado pela Câmara pessoas unânimes em considerar que o património se deve preservar. Acrescente-se que Óbidos está classificada como Monumento Nacional, o que sujeita os projectos de construção (ou reconstrução) à aprovação do Instituto Português do Património Cultural (IPPC) e da própria Câmara. Por outro lado, o espírito que, entretanto, se criou, nos habitantes locais, não é receptivo a mudanças».

Hoje, Óbidos tem pouco mais de 500 habitantes. E a maioria das casas funciona como segunda habitação. Foram emigrantes e gente ligada à cultura que adquiriram parte das casas. Estávamos nos anos 70. Actualmente, é difícil encontrar-se uma casa à venda, mesmo a preços exorbitantes.

Registe-se, ainda, que os imóveis estão proibidos, por decreto-lei, de serem vendidos a estrangeiros. Ultimamente, e com a nossa entrada na CEE, existem algumas dúvidas na aplicação do decreto. Por outro lado, a Câmara tem o direito de opção nas casas que estão à venda.

Conquista difícil

A história que corre da vila atribui a fundação da mesma aos túrdulos e

O rigor da Idade Média não foi inteiramente cumprido. Apenas os mais novos aderiram, prontamente, à vestimenta

Tudo está cuidado ao mais pequeno pormenor, desde as ruas fechadas ao trânsito até às flores nos parapeitos e entradas das casas. Para quando a autorização para que seja instalada a televisão por cabo, para se retirarem as antenas

A vila é contornada por uma muralha de mil e 500 metros em forma de triângulo irregular, em perfeita harmonia com o interior

celtas, 308 anos A.C. Foi conquistada aos mouros, em 10 de Janeiro de1148, por D. Afonso Henriques. Não foi uma conquista fácil e conta-se, até, que o rei teria seguido para Sul em busca de outras terras e só depois se preparou para tomar Óbidos.

A estratégia para entrar dentro do castelo foi delineada por Gonçalo Mendes da Maia, « o Lidador». Este cavaleiro agarrou num punhado de homens e disfarçaram-se com arbustos. Enquanto, na porta do lado Sul, as tropas comandadas por D. Afonso Henriques faziam manobras de diversão, do outro lado, em frente daquela que mais tarde viria a chamar-se «Porta da Traição», arbustos avançavam lentamente. Foi assim que tomaram de assalto o castelo, a noite ia alta.

Conta a lenda que, de madrugada, quando a princesa moura se aproximou da janela reparou nos arbustos que se mexiam. E perguntou ao pai: «As árvores também se mexem?» Foi então que este olhou lá para fora e viu o que se estava a passar, gritando: «traição, traição». Pensou que algum dos guardas o tivesse traído e aberto a porta.

Cercam a vila de Óbidos mais de mil e 500 metros de muralha. O recinto estende-se em forma de triângulo irregular, desenvolvendo-se em perfeita harmonia com as casas e os monumentos. Dão acesso ao interior quatro portas: Porta da Vila, Porta da Talhada ou da Rainha, Porta da Cerca e Porta do Vale ou da Senhora da Graça, e dois postigos: Postigo de Cima ou do Jogo da Bola e Postigo do Poço, do Arrabalde ou de Baixo.

Entre igrejas, capelas e ermidas, contam-se 12 monumentos religiosos. O mais importante é a Igreja Matriz de Santa Maria. Situa-se no Largo da Praça, em frente do Chafariz e Pelourinho. Foi fundada pelos visigodos e transformada em mesquita, durante a ocupação árabe até 1148.

Quando da reconquista, D. Afonso Henriques não quis deixar a vila sem mandar purificar a igreja principal. Aliás, foi este local que escolheu para se casar com a prima D. Isabel. No século XVI a igreja foi reformulada a mando da Rainha D. Leonor.

Das figuras obidenses destaca-se a pintora do século XVII, Josefa d'Óbidos. De seu nome verdadeiro Josefa d'Ayalla Cabrera, foi em Óbidos que criou toda a sua obra e que viria a falecer. Quanto ao nascimento, há biógrafos que afirmam ter nascido em Sevilha, entre 1630 e 1634, tendo vindo para Portugal com cinco anos de idade. Para outros, nasceu na vila. O seu pai era Baltazar Gomes Figueira, pintor, natural de Óbidos e sua mãe, Catarina d'Ayalla Cabrera, de ascendência andaluza.

Céu Neves e Rui Vasco

Feira Medieval

Nos meses de Agosto e Setembro, sexta, sábado e domingo, Óbidos tem sido palco de uma feira medieval, a única do género em Portugal. Pretendeu-se recriar o ambiente da Idade Média, intenção que está a ser conseguida aos poucos. Apenas os comerciantes mais jovens aderiram, prontamente, à vestimenta da época. Aparecem, também, alguns produtos fora do contexto, por exemplo, máquinas fotográficas antigas e chapéus de coco.

Segundo Álvaro Loureiro, vereador do pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Óbidos, esta primeira edição da feira serve, essencialmente, para tirar ensinamentos sobre os pormenores a alterar. «Para mim, foi muito boa a aceitação da juventude. É difícil impor às pessoas que se vistam de determinada maneira, mas os mais velhos já começam a aderir», disse ao DL.

A principal dificuldade da Câmara, que conta com o apoio do Centro de Turismo do Oeste, foi encontrar comerciantes interessados em participar na feira por não ser permitido comercializar todos os produtos, nomeadamente os plásticos. Se bem que haja vendedores de outras localidades, a maioria deles é da região.

Um outro problema foi arranjar trajos da época medieval. Assim, confeccionaram-se umas túnicas para os homens e saias para as mulheres, em bége.

A Feira Medieval funciona, entre as 14 e as 24 horas, no largo maior da vila, a Praça de Santa Maria. Há registos do século XV que indicam este local para a actividade mercantil e como ponto de encontro. Existem cerca de 20 tendas em pano cru que vendem, entre outros, os seguintes bens: frutos secos e frescos, cestaria, pequenas alfaias agrícolas e olaria.

Há também uma taberna onde tudo é servido em canecas de louça, vinho, cerveja e sumo de laranja. Não há bebidas engarrafadas. Os petiscos são feitos à base de chouriços, enchidos, queijo e presunto. Quem quiser pode, ainda, divertir-se no jogo do chinquilho. No próximo ano haverá diversões com saltimbancos e engolidores de fogo.

Os visitantes têm ocorrido ao local em grande número, ultrapassando as expectativas, como refere Álvaro Loureiro: «As pessoas têm correspondido muito bem. De uma forma que me surpreendeu a mim próprio. Nós aqui, na província, temos grande dificuldade em conseguir furar os Meios de Comunicação Social. Óbidos tem sido excepção nesse ponto».

Paralelamente à Feira Medieval decorre, até fins de Setembro, uma exposição de armas e cartografia. As peças foram cedidas pela Sociedade Portuguesa de Armas Antigas e algumas delas estiveram expostas na XVII Exposição do Conselho da Europa, em Lisboa, no núcleo da Torre de Belém.

C.N./R.V.

Tráfego aéreo na Europa requer sistema único

A Associação Europeia de Companhias de Aviação (AEA) defendeu a necessidade de criar uma autoridade única, capaz de congregar todos os sistemas actualmente existentes, a fim de resolver os actuais e futuros problemas decorrentes da pressão do tráfego.

Segundo a AEA, os atrasos de voos na Europa quase duplicaram entre 1986 e 1990. No ano passado, registou-se um atraso de 15 minutos em cerca de 24 por cento dos voos de médio e longo alcance enquanto em 1986 essa média atingia apenas os 12,5 por cento.

A Associação Europeia de Companhias de Aviação aponta, como principal razão da deterioração dos serviços, as deficiências nas infra-estruturas aeroportuárias e concluiu, em documento recentemente elaborado, que a ineficiência do Controlo do Tráfego Aéreo (CTA) no continente resultava da fragmentação do sistema, considerado como autêntica «manta de retalhos».

A estrutura de controlo aéreo na Europa dispõe de mais de vinte sistemas incompatíveis, operando 42 centros de controlo e, segundo os especialistas, os técnicos de CTA europeus têm sido incapazes de corresponder à actual procura do tráfego e às previsões do seu crescimento.

No documento da AEA denominado «Contolo de Tráfego Aéreo na Europa», a associação propõe a criação de um sistema único que pouparia cerca de 500 milhões de dólares, ou seja, resuzindo 30 por cento dos custos operacionais actuais.O estudo adianta que, tecnicamente, o sistema único poderia funcionar através de seis centros, em vez dos 42 existentes e ser supervisionado em questões de segurança e interesse público por uma instituição governamental como a Eurocontrol.

Os ministros dos Transportes dos 32 estados membros da associação aprovaram um relatório sobre a «integração dos sistemas CTA europeus, cujas bases se ligam à defesa do conceito de soberania sobre o espaço aéreo tendo o Parlamento Europeu encomendado um estudo para analisar os custos comparativos de um único CTA europeu.

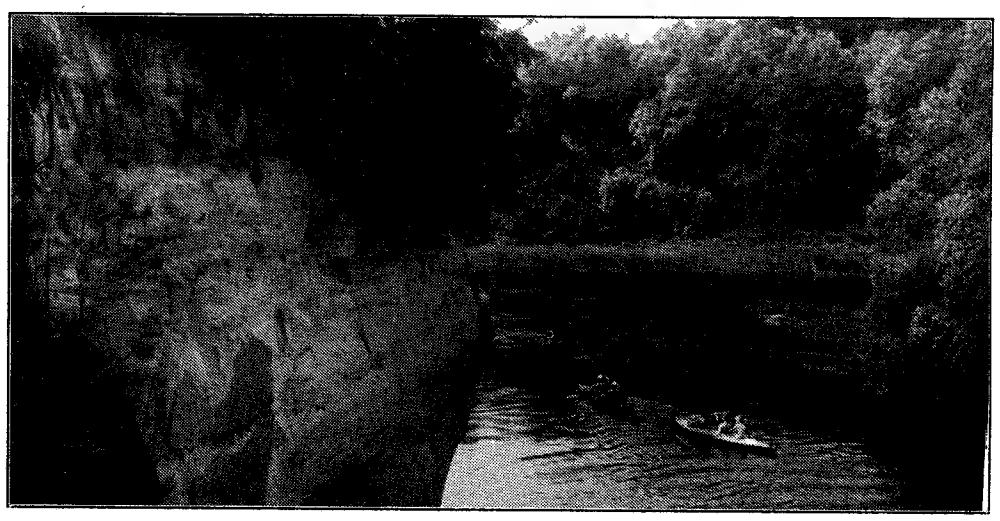
Abundam e proliferam as organizações de juventude. A Intercultura portuguesa, que não tem fins lucrativos, queixa-se da concorrência das privadas, mas lá vai navegando, com novas iniciativas

Letões e portugueses para cá e para lá

Dedicada, originalmente, durante a Primeira Guerra Mundial, à prestação de serviços por jovens estudantes americanos nas ambulâncias, a «American Field Service» teve na Segunda Guerra Mundial a mesma função mas, depois, transformou-se na Intercultura, hoje espalhada pelo mundo inteiro, o nosso país inclusive. Agora a parte portuguesa promoveu um intercâmbio entre jovens de Portugal e da Letónia.

O presidente da delegação portuguesa é o eng. Luís Miguel Figueiredo, de 27 anos, que viajou comigo a bordo do paquete «Dmitri Shostakovitch», durante o recente Cruzeiro Europa Jovem.

«Nós somos uma organização internacional, para a juventude, mas sem fins lucrativos. Presentemente, estamos a sofrer a concorrência de empresas privadas que visam o mesmo mercado».



Em Novembro, uma dúzia de portugueses vai passar duas semanas à Letónia

Em defesa do voluntariado

A Intercultura portuguesa e as suas congéneres estrangeiras já não são hoje, nas palavras de Luís Figueiredo, instituições dominadas pelos americanos mas sim participadas por subsídios nacionais e de várias nacionalidades.

Estão filiadas, as europeias, na «European Federation for Intercultural Learning». Mas o espírito continua a ser americano, no sentido da promoção do voluntariado do cidadão. Nos Estados Unidos, disse Luís Figueiredo, só dois por cento dos americanos não participam em nenhuma forma de trabalho voluntário.

Visam as Intercultura promover o intercâmbio de jovens, entre as respectivas famílias, que os recebem num regime de reciprocidade.

Exemplo: um jovem português passa um ano em casa de uma família francesa, cujo filho ou filha passará um ano junto de uma família portuguesa.

Ricos pagam a pobres

As Intercultura têm-se preocupado, de acordo com o espírito fundamental da organização, em equilibrar os intercâmbios entre países ricos e países pobres.

Assim, um jovem norueguês pagará cinco vezes mais para passar um ano em Portugal, do que um português para viver durante o mesmo período na Noruega.

Ora o que se passa, segundo referiu Luís Figueiredo, é que já desde há algum tempo surgiram empresas privadas neste mercado de juventude especializado, oferecendo preços melhores porque operam apenas entre países ricos e ricos. Enquanto as Interculturas têm usado preços que oscilam entre os 100 e os 500 contos, para dar uma possibilidade aos mais pobres, essas empresas privadas, não tendo que custear as estadas dos jovens de menor poder financeiro, avançaram para um preço médio mais baixo e, portanto, concurrencial.

Dificuldades no Japão

Como contou Luís Figueiredo, já existem em Portugal duas dessas empresas privadas que se dedicam ao negócio do intercâmbio de jovens com alojamento recíproco nas suas respectivas famílias, em países diferentes.

Para as Interculturas, um dos problemas surgidos foi o da equivalência dos estudos escolares. De facto, sendo os prazos de estada dos jovens no estrangeiro de um ano, isso obrigava a enfrentar a questão de não perder um ano escolar.

Em Portugal - disse Luís Figueiredo - a dificuldade já foi ultrapassada mas custou seis anos de luta junto do Ministério da Educação.

Outras dificuldades aparecem pelo caminho. Uma jovem portuguesa que foi viver com uma família no Japão, durante um ano não pôde sentar-se à mesa, às refeições, por naquela família ainda ser praticada a velha tradição nipónica de que as mulheres não têm esse direito. Isso não impediu que a jovem portuguesa tivesse sido excelentemente tratada.

Os gestos também servem

Já está agora preparado um outro programa de intercâmbio, que assinala a mudança dos tempos no Leste europeu.

Este mês chegará a Portugal uma dúzia de jovens da Letónia, que entre nós deverão permanecer cerca de duas semanas, enquanto o mesmo número de portugueses irá, em Novembro, passar igual período de tempo, em Riga, capital da Letónia, junto das famílias dos jovens letões que nos visitarão.

«E o problema da língua?»

Luís Figueiredo respondeu de pronto:«Haverá em cada grupo pelo menos um jovem que poderá funcionar como intérprete, na base do inglês; as famílias foram escolhidas tendo isso em conta e, depois, sempre há os gestos, que também servem para comunicar».

Paulo David

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-C Processo 1/447

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea a 30 kV, Bruceira-Abrantes-Tramagal, entre os apoios n.ºs 39 e 55 (Nisa), entre os apoios n.ºs 365 e 367 (Gavião) e 520 e 533 (Abrantes), respectivamente, com 1793 metros, 349 metros e 2059 metros, nas freguesias de Nisa, Gavião e Pego, concelhos de Nisa, Gavião e Abrantes, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES, GAVIÃO e NISA durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 28 de Agosto de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 5/9/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-C Processo 1/348

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha mista n.º 1915 a 10 kV, entre a subestação n.º 1401 Alhandra e o Posto de seccionamento n.º 6331 Brejo, com 4337 metros, nas freguesias de Alhandra e Alverca, concelho de Vila Franca de Xira, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 28 de Agosto de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 5/9/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-C Processo 1/428

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea a 6(30)kV, com origem no apoio n.º 15 da linha a 6(30)kV para o PT 1899 Fonte das Mulheres e término no PT CVD 6 — Mem Soares, com 10 metros, na freguesia de Santiago Maior, concelho de Castelo de Vide, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE CASTELO DE VIDE durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 28 de Agosto de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 5/9/90

ECONOMIA

Inquérito efectuado pela CCP mostra que, embora tenha havido evolução no volume de vendas, há uma desaceleração progressiva

Portugueses reduzem volume de compras

A desacelaração registada nos últimos anos, no comércio português, continua a verificar-se, segundo refere o inquérito referente a 1989, feito pela Confederação do Comércio Português (CCP) e agora divulgado. Nele é afirmado que essa tendência fora «já evidenciada no ano anterior».

A análise estrutural, a que o «DL» teve acesso, adianta que «de facto, essa tendência transparece globalmente dos vários conjuntos de questões colocadas, incidindo sobre o comportamento das empresas ao longo do ano».

Ao entrar em pormenores, o inquérito regista uma «evolução, em termos de volume de vendas» que apesar de considerada favorável, continua em desaceleração. Acrescenta a CCP que o número de empresas que regista aumento das vendas é superior ao das que assinalam redução mas, relativamente ao ano anterior, verifica-se uma quebra de cinco pontos percentuais no número de empresas que aumentaram as suas vendas ao longo de 1989, que passaram de 60 para 55 por cento do total dos inquiridos.

«A tendência desaceleradora, em termos anuais, poderá mesmo ter atingido uma inversão no período do Natal» segundo refere o estudo da CCP, que acrescenta que nessa altura os resultados do inquérito apontam para uma situação próxima da estagnação, tendo a quebra nas respostas positivas sido de 10 por cento e, «pela primera vez, o número destas respostas é inferior aos das negativas», com o valor de 27 por cento a revelarem aumento das vendas no Natal e 28 por cento a considerarem ter havido uma redução do volume das vendas.

Emprego e crédito

No que se refere a outros universos analisados, o inquérito da Confederação do Comércio afirma que, em matéria de emprego, «prefigurando-se, embora, um aumento claro de mão-de-obra empregue, a desaceleração foi uma realidade». Em dados concretos, é referido que, de 37 por cento das empresas inquiridas a mencionar um maior número de activos em 88, passou-se para os 20 pontos percentuais das empreas que consideraram ter havido uma redução no volume de vendas.

Já no que se refere ao recurso ao crédito, um tema complementar do inquérito, a CCP considera como merecendo registo especial o facto de apenas 60 por cento das empresas inquiridas recorrerem a essa forma de suporte, com a grande maioria a apontar como razões para tal a utilização com a finalidade de adquirir e repor os seus produtos, sendo escasso o número dos que utilizam o crédito para investimento produtivo.

Acrescenta a Confederação do Comércio Português que, «confrontada com as restrições, a maioria das empresas não encara, como solução a adoptar, mudanças de estratégia comercial mas sim a procura de fontes alternativas de financiamento».

Comércio: depois da euforia, a desaceleração mantém-se

Portugal quer turismo europeu mais agressivo e dinâmico

A Europa está a perder quota de mercado face à nova concorrência, degradando a sua oferta e não fazendo a promoção adequada

A Europa tem de rivalizar com os outros destinos turísticos na diversificação dos produtos e no desenvolvimento de maior qualidade, defende Maria José Vallera, presidente da Comissão Portuguesa do Ano Europeu do Turismo.

Maria Vallera referiu que, com o aparecimento de outros mercados concorrentes, a falta de promoção adequada e a degradação da oferta turística, sem o aparecimento de novos produtos, tem vindo a assistir-se na Europa a uma perda de quota de mercado que «não se aceita e à qual não se pode ficar indiferente».

Para ela, a procura tem evoluído a um ritmo acelerado e a oferta, embora tenha tentado adequar-se, não a tem podido acompanhar. «Torna-se necessário que, para além das políticas nacionais de turismo, seja traçado um plano de acções comunitárias a médio e até longo prazo, que complete as primeiras e as ajude a desenvolver-se», acrescentou.

Na sua opinião, aquele plano deverá passar, em primeiro lugar, pela harmonização das estatísticas e elaboração de estudos que englobem a realidade turística dos Doze, a nível de segmentos de mercado que se pretendam desenvolver.

«Só conhecendo bem a realidade se poderão fazer correcções a nível de infr-aestruturas nacionais e de qualidade dos serviços, tentando uniformizar as diferenças qualitativas da oferta próprias de cada Estado membro, com a ajuda dos fundos comunitários», salientou.

Maria Vallero conclui considerando que, uma vez conseguidas essas correcções e atingindo-se um produto turístico europeu diversificado, mas uniforme em qualidade, poderá então pensar-se na promoção da Europa turística como um todo, chamando a atenção dos turistas para as atracções próprias de cada país.

Lusa

BREVES

Miguel Beleza curou Loureiro Borges

Economista de nomeada, Miguel Beleza manifesta agora altas capacidades médicas ao conseguir convencer Loureiro Borges a permanecer no cargo de presidente da Comissão Instaladora da Comissão dos Mercados de Valores Mobiliários e de auditor-geral do Mercado de Títulos, de que se havia demitido por alegados «motivos de saúde».

Grupo Sumol desenvolve acções de *marketing*

O grupo Sumol está a desenvolver acções de *marketing* junto da indústria hoteleira e restauração a nível nacional para alargar o mercado dos seus refrigerantes e sumos de frutas Sumol, Sucol, 7Up, Pepsi, Serra da Estrela e Club, bem como das cervejas Heineken e Buckler, esta última sem álcool e actualmente líder do mercado europeu. Uma acção especial está a ser levada a cabo para o Sumol-sumo, substituto do sumo de laranja natural, procurando alcançar novos hábitos e novas ocasiões de consumo para este produto.

IV Jornada da Qualidade do Suporte Lógico

A Associação Portuguesa para a Qualidade vai promover no dia 25 de Setembro a IV Jornada da Qualidade do Suporte Lógico (*software*). «É fundamental alargar os processos da gestão da qualidade também ao *software*, o que já é prática corrente em numerosas empresas e começa a ser preocupação crescente para muitas outras», afirma aquela associação para justificar esta iniciativa.

Gestifer quer crescer 7 por cento ao ano

A Gestifer estabeleceu como meta exequível do seu plano de actividade para o quinquénio 1990-94 um ritmo de crescimento real de 7 por cento ao ano. *Holding* de um grupo de sete empresas de construção civil, imobiliário, metalomecânica e carpintaria, a Gestifer duplicou recentemente o seu capital de 500 mil para um milhão de contos. Alargamento e diversificação das suas actividades fazem parte da estratégia adoptada.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
12.º Juízo
ANÚNCIO

Proc. n.º 4658/B
1.ª secção

No dia 24 do próximo mês de Setembro do corrente ano, pelas 10 horas e 30 minutos, à porta do Tribunal do 12.º Juízo Cível de Lisboa, 1.ª secção, será posto em praça para serem arrematados, pela 1.ª vez, pelo maior lanço acima do seu valor, uma estante de dois corpos com prateleiras, um piano vertical, uma escrevaninha com três gavetas, uma estante com sete prateleiras, um roupeiro em pinho encerado, seis cadeiras de cor castanha, uma cómoda, dois armários em madeira em tola, uma mobília de casa de jantar com mesa redonda e sete cadeiras, uma cómoda de duas gavetas, um televisor de marca Grunding de 70 mm, um gravador-vídeo de marca Grunding, um amplificador, discos, um gravador de cassetes, um rádio-gravador, uma televisão a preto e branco e um sofá de três corpos e dois maples, conforme o ordenado nos autos de Execução de Sentença n.º 4658/B, em que é exequente «Diário de Notícias» EP e executados Alda Ribeiro Garcia de Pina Baleiras e marido Rui Nélson de Pina Neves Baleiras, residentes na Rua Augusto Gil, 28-4.º Esq. em Lisboa e Maria Adelaide Ribeiro, residente na Rua Augusto Gil, 28-1.º Esq. em Lisboa.

Dos bens penhorados foi nomeado fiel depositário o executado Rui Nélson de Pina Neves Baleiras que os apresentará a quem pretender.

Lisboa, 13 de Julho de 1990.

O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)
O escrivão adjunto
(assinatura ilegível)

«DL» — 5-9-90 — 1.ª Pub

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44$80	50$80
ALEMANHA FED. (marco)	87$50	88$70
ÁUSTRIA (xelim)	12$45	12$65
BÉLGICA (franco)	4$070	4$320
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	118$60	121$10
(notas de 5 a 1000)	119$10	121$60
DINAMARCA (coroa)	22$85	23$25
ESPANHA	1$366	1$486
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	137$00	140$50
(notas de 5 a 1000)	137$50	141$00
FINLÂNDIA (marka)	37$20	37$80
FRANÇA (franco)	26$10	26$80
HOLANDA (florim)	77$65	78$75
IRLANDA (libra)	236$05	240$05
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$921	$976
NORUEGA (coroa)	22$65	23$15
REINO UNIDO (libra)	260$60	265$10
SUÉCIA (coroa)	23$85	24$35
SUÍÇA (franco)	102$10	106$70
VENEZUELA (bolívar)	2$386	3$186

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

CULTURA

Não é um chinó qualquer. Este, cujo modelo original pertenceu a um professor do ano lectivo de 1904/05, serviu de título para jornal académico. O director viria a ser um dos grandes poetas deste século: Mário de Sá-Carneiro. Agora, 86 anos depois, os alunos do antigo Lyceu do Carmo (Escola Secundária Veiga Beirão) retomam o título para nova série do jornal

"O Chinó" volta a atacar na Veiga Beirão

O antigo Palácio Valladares é, desde o final do século passado, sede de uma escola secundária. No Largo do Carmo, outrora rico em casas nobres, constitui hoje o único imóvel evocativo do antigo esplendor. Notícias recentes preconizam o encerramento da Escola Veiga Beirão que, no novo plano do Chiado, poderá transformar-se em hotel. Alunos, professores e encarregados de educação reagiram negativamente. O antigo Lyceu do Carmo é um dos locais por onde passa a memória de várias gerações de lisboetas. Nas suas salas receberam aulas muitos alunos que posteriormente conquistariam o reconhecimento público. Entre eles esteve, nos anos lectivos de 1902 a 1905, o poeta e contista Mário de Sá-Carneiro.

Em Dezembro de 1904, com o pai permanentemente em viagem, o jovem poeta dispunha - aos 14 anos - de alguma liberdade e de um fundo de maneio. Escrevia poemas; traduzia Paul Claudel e Victor Hugo; programou um jornal académico com «pretensões a humorísitico» que daria brado. A escolha do título era, por si, uma provocação directa: «O Chinó», em homenagem ao dito de um *mestre* mais sisudo.

Rogério Perez, posteriormente jornalista do «Diário de Lisboa», foi um dos colegas de Mário de Sá-Carneiro na turma do Lyceu do Carmo. No «DL» de 13 de Outubro de 1938, recordou o nascimento do jornal:

«Conhecemos Mário de Sá-Carneiro em 1905 no Lyceu do Carmo, onde então publicou um pequeno semanário académico de que foi director e que intitulou 'O Chinó'. Desde o título, alusivo ao chinó de um mestre, que se celebrizou na publicação de uma série de artigos e livros acerca da arte de falar e escrever, até às gazetilhas em verso, do próprio Sá-Carneiro, tudo era crítica aos professores. Assim, o pai de Mário, informado do caso, mandou retirar o semanário do quiosque do Largo do Carmo depositário para venda, e reembolsar os assinantes, desaparecendo desta maneira 'O Chinó', de que se publicaram poucos números.»

Do «Chinó» se perdeu memória após ter sido «suspenso». Não fora o artigo de Perez (e algumas declarações que prestou a investigadores pioneiros), não saberíamos hoje que o Lyceu do Carmo foi sede da primeira publicação literária assinada por Mário de Sá-Carneiro. Desconhecido até 1988, o primeiro número de «O Chinó» apareceu pela primeira vez em casa de um bibliófilo, a tempo de ser incluído na fotobiografia de Mário de Sá-Carneiro. Foi neste livro que os actuais alunos do curso nocturno da Veiga Beirão descobriram o jornal, decidindo reiniciar a publicação, como homenagem ao poeta.

Rui Pimentel, Victor Alves e João Pataca (do Curso Complementar e do 12º ano) fazem parte da Associação de Estudantes do ensino nocturno, responsável pelo ressurgimento do «Chinó». Consideram que, além da homenagem prestada a Mário de Sá-Carneiro no centenário do seu nascimento, este jornal celebra também a própria escola e a sua tradição através de gerações de estudantes.

A redacção do novo «Chinó» estará a cargo de oito alunos do ensino nocturno. O primeiro número deve estar pronto no final do primeiro período, sendo a periodicidade, de aí em diante, a estipulada por Mário de Sá-Carneiro: mensal.

Rui Pimentel, da Associção de Estudantes de 1990: «A segunda série vai ser, também, uma homenagem às tradições da Veiga Beirão»

Rui Pimentel reconhece que as relações entre professores e alunos são, hoje, menos formais do que eram em 1904. Mas não está programada qualquer colaboração literária dos docentes. Afinal, «ainda são eles que dão as notas». E nem sempre as piadas aparentemente pacíficas deixam de ser levadas a peito. Acontece mesmo que, há pouco tempo, um professor não achou graça nenhuma ao verse vestido de mulher numa fotografia de outro jornal académico.

O novo «Chinó» tem orçamento reduzido (como o primeiro, de resto, também tinha). Os alunos beneficiam hoje de técnicas comparativamente menos dispendiosas: texto composto em computador e fotocópias dos facsímiles, por exemplo. Mas Rui Pimentel considera que o provável preço de capa - entre 25 e 30 escudos - não chegará, mesmo assim, para suportar todas as despesas.

Quanto a novas «partidas», na tradição irreverente lançada por Mário de Sá-Carneiro, foi-nos dito apenas isto: «Tiraremos partido de um direito que nos assiste - a liberdade de Imprensa.»

Marina Tavares Dias

Anno de 1904 — 6 de Dezembro — Numero 1

O Chinó

Jornal academico com pretenções a humoristico

Toda a correspondencia deve ser dirigida a *Mario Sá Carneiro*, travessa do Carmo, 1, 2.º-D.

Typographia A PUBLICIDADE
147, R. DO DIARIO DE NOTICIAS, 151-LISBOA

LEITORES

Na verdade nós poderiamos dispensarmos de dedicar duas linhas ao publico visto a posição dos individuos que dirigem o presente jornal facil seria deduzir-se o assumpto de que tratará.

O Chinó, alheio á politica (o que seria ridiculo), será o primeiro a defender os collegas de qualquer oprobrio injusto como tambem a accusal-os quando não tenham razão.

Occupar-nos-hemos de questões que preoccupam o nosso mundo, a nossa esphera, isto é, o assumpto que gira pelos bancos das escolas.

Nós defendemos os interesses da classe se assim se póde chamar aos estudantes.

São estes os nossos fins.

A Direcção.

A CILADA

E elle passando um braço em torno da cintura de Marietta conduzia-a ao fundo do bosque onde os passaros n'esse incansavel trinado, saltitavam de ramo em ramo, escondendo assim o seu debil corpito aos ardores do abrasador sol de Maio.

Sentaram-se num banco.

Em frente a cascata fazia ouvir o rumor da agua que saltando sobre as pedras, vinha formar um regato que ia beijar os pés dos ternos amantes e, ao longe sobre o extenso e dourado campo de searas, as borboletas brancas de primavera, ora pousava sobre uma papoula, ora se levantavam para ir de novo pousar sobre outra flôr campesina.

De repente Marietta rompeu o silencio dizendo:

—Não é, pois, certo, primo, achar-se hoje seu espirito mergulhado na mais profunda melancolia?

—Não Marietta... é que...

—Não tente illudir-me.

—E' que... Marietta... tenho-lhe tanta cousa a dizer que... não sei por onde começar.

E dizendo isto Oscar tomou-lhe uma das mãos.

—Sabe primo, murmurou Marietta tremendo, que o papá declarou-me hontem o nome do esposo que me é destinado.

—Que diz... Maria... é pois verdade...

—Que o meu coração já está dado.

—E ama-o muito? balbuciou Oscar fazendo-se subitamente pallido.

—Oh immenso. Se o primo o visse decerto gostaria d'elle. E' tão bondoso!

—Que tem! Incommodal-o-ia o som das minhas palavras?

—Pelo contrario, encantam-me. Mas é que... é que eu amava-a Marietta! Não antevia talvez nas minhas palavras todo o amor que lhe dedicava? Ah e agora veiu um miseravel lançar-se no meu caminho.

Eu saberia destruir o obstaculo que me impedu de proseguir no caminho da minha felicidade.

Primeiro número de «O Chinó» (6 de Dezembro de 1904), jornal académico imaginado por Mário de Sá-Carneiro aos 14 anos (arquivo DL)

Fachada da Escola Secundária Veiga Beirão no tempo em que se chamava Lyceu do Carmo e era frequentada por Mário de Sá-Carneiro (arquivo «DL»)

O Festival de Veneza foi ontem inaugurado

Brindar à Europa da Cultura ...com uma gala à americana

O Festival de Veneza foi ontem oficialmente inaugurado com uma contradição e não pequena: abriu com um filme americano de grande espectáculo ...na presença dos ministros da Cultura da Europa da CEE (Santana Lopes entre eles). Sabendo-se que o Festival de Veneza tem como vocação uma cinematografia bem mais austera do que este «Dick Tracy» que teve honras de filme de abertura, é caso para dizer que a Europa, mais uma vez, se rendeu ao poderio americano. Aliás, o filme de abertura do festival estava para ser «L'Africaine», de Margarethe von Trotta, uma co-produção de três países europeus: Itália, França e RFA. Mas não foi isso que aconteceu neste regresso ao «estrelato» de um festival, cuja sessão inaugural obrigava ao uso de «smoking».

Warren Beatty e «Dick Tracy»

Antes mesmo da estreia de «Dick Tracy», Warren Beatty, actor e realizador do filme, deu «show». Fato e colete cinzentos, pulover preto, óculos de sol e lata de Coca-Cola na mão, Warren Beatty, de 56 anos, no início mostrou-se pouco aberto a responder aos jornalistas. Mas, este homem que apoiou políticos como Bob Kennedy, George McGovern e Gary Hart, acabaria, em Veneza, por defender George Bush. Interrogado sobre a tendência para a censura, sobretudo no cinema, na América de Bush, Warren Beatty pôs de fora o Presidente: «Ele nada tem a ver com isso» -afirmou. «A onda de conservadorismo e de puritanismo encontra-se em todo o Mundo, talvez por causa da Sida»-concluiu.

Quanto a «Dick Tracy» que foi projectado fora de competição, diga-se que é um projecto de 30 milhões de dólares. Warren Beatty tem a oportunidade de evocar com este filme algumas das suas memórias de infância, ou o tempo em que a América lia apaixonadamente a BD de Chester Gould.

Em cena, com «Dick Tracy», estão personagens caricaturais, na boa tradição da banda desenhada; em cena está também um piscar de olho à América mais «naive», aquela que acredita ainda na vitória, sempre, de valores fundamentais.

Para melhor dar esta impressão, Warren Beatty inventou, pura e simplesmente, um novo esteticismo cinematográfico com o uso de cores primárias, cada uma correspondendo a um personagem ou a uma situação.

É na oposição das cores, com ruas azuis, vermelhas ou verdes que se cria, por exemplo, uma ambiência irreal típica da BD, num equocionar primário da luta entre o Bem e o Mal. Depois de «Batman», o cinema americano de grande espectáculo volta a apostar em força na BD, é o que é. Quanto a ver-se, verse-à («Dick Tracy») por cá ainda este mês.

Margaretha von Trotta e «L'Africaine»

Com «L'Africaine», Margaretha von Trotta espera que lhe seja feita justiça. Habitualmente identificada como uma cineasta de filmes políticos, sobre este, ela diz que «é um filme sobre o casal, ou melhor sobre vários casais e sobre os sentimentos; um filme sobre homens também».

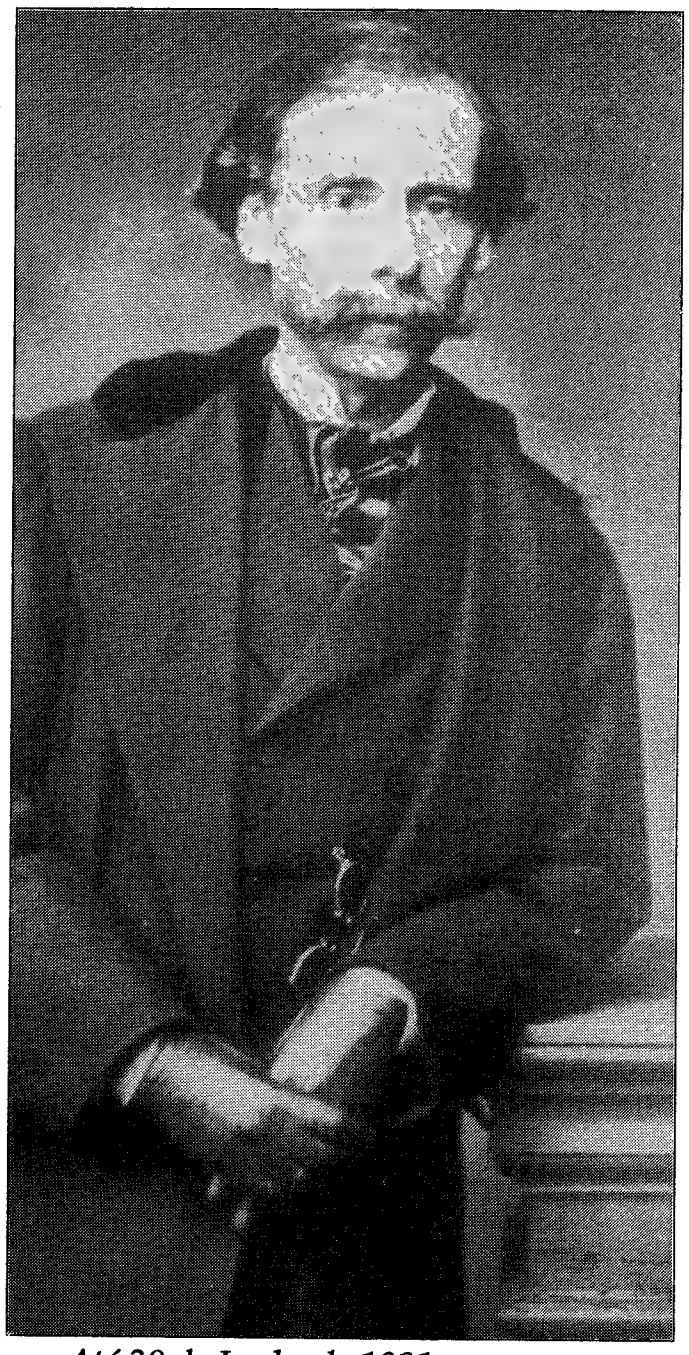
Ausente da Alemanha durante muito tempo, Margaretha von Trotta sublinhou em Veneza que nem sequer esteve presente à queda do muro de Berlim, cidade onde regressou há poucas semanas. «Fiquei entontecida» -disse. Para acrescentar: «A destruição do muro é um sinal do nosso desejo de cancelar, rápida e raivosamente, o passado, mas não creio que se possam cancelar do mesmo modo as verdadeiras diferenças, que voltarão a manifestar-se e esse será o verdadeiro confronto».

Maria de Medeiros e «Henry and June»

O Festival de Veneza que encerra com a única presença portuguesa do festival: Maria de Medeiros, actriz. Ela interpreta o papel de Anais Nin, no filme de Philipp Kaufman «Henry and June», sobre a vida de Henry Miller. Maria de Medeiros, uma actriz incomparável em todos os registos, no cinema como no teatro, tem com este filme a hipótese maior da sua carreira em termos de lançamento internacional.

Descoberta por João César Monteiro, no já longínquo «Silvestre», Maria de Medeiros atinge o auge quer no desempenho de um drama pessoano como no humor de uma comédia de boulevard. Isto no teatro. No cinema espera-se que com «Henry and June» ela deixe de ser considerada apenas uma grande actriz europeia, para passar a ser conhecida como uma grande actriz «tout court».

Lusa / France Press / Redacção «DL»



Gorbachov «actor» de teatro...

Três semanas depois do encontro de George Bush e Mikhail Gorbachov no cenário de Helsínquia, o líder soviético «muda-se» para o palco londrino, onde é a personagem central de uma peça cujo tema e a *Perestroika*.

«Moscow Gold» segue o itinerário dos comunistas soviéticos mais proeminentes, desde Vladimir Ilitch Ulianov (Lenine) até ao presidente actual do Soviete Supremo.

Gorbachov será interpretado pelo actor David Calder, cujo esforço para se assemelhar ao «pai» da abertura soviética o levou a inscrever uma mancha na cabeça idêntica à de Gorbi.

A peça foi escrita pelos londrinos Howard Brenton e Jariq Ali, o ano passado também responsáveis por «Noites Persas», com base na situação vivida por Salman Rushdie, ameaçado de morte pelos muçulmanos.

O «Non», de Manoel de Oliveira no Festival dos Festivais de Toronto

O Festival dos Festivais de Toronto proporcionará no decurso da sua 15ª. edição, de amanhã até ao próximo dia 15, uma verdadeira montra do cinema americano com diversas estreias mundiais há muito esperadas. Atenção, no entanto: será prestada homenagem ao cinema português com a exibição de 14 filmes contemporâneos e de um ciclo de dez filmes de Manoel de oliveira, compreendendo «"Non" ou a Vã Glória de Mandar».

Com cerca de 300 filmes, dos quais 215 são longas metragens, apresentadas em dez dias, o Festival de Toronto é tradicionalmente escolhido pelos grandes estúdios americanos para exibição das suas novidades, tornando-se a mostra canadiana um mercado-teste para as produções de Hollywood.

De momento, poder-se-à dizer que se verá o novo Barbet Schroeder, «Reversal of Fortune», inspirado num *fait divers* da alta sociedade de Nova Iorque, nada mais, nada menos do que o caso von Bulow. Nos papeis principais: Jeremy Irons e Glenn Close.

A programação conta também com «Hot spot», o mais recente filme de Dennis Hopper, uma história de sexo e chantagem com Don Johnson, e «Tune in Tomorrow», de Jon Amiel, adaptação do best-seller «A Tia Júlia e O Escritor», do romancista peruano ário Vargas Llosa.

Entre outras estreias, estão programadas «Le Mari de la Coiffeuse», de Patrice Leconte (França), «The Grifters», de Stephen Frears (GB), «Mister Johnson», do australiano Bruce Beresford (vencedor de Oscares com «Driving Miss Daisy»), «The Second Circle», de Aleksandr Sokhurov (URSS) e «Bullet in the Head», de John Woo (Hong-Kong).

Serão igualmente apresentados filmes destinados a um público mais restrito, como, por exemplo, «La Complainte d'une Impératrice», de Pina Bausch (RFA), e «The Golden Boat», do latino-americano Raul Ruiz.

Obviamente que o Canadá igualmente se encontra presente: será o país que abrirá o Festival com a comédia «Perfectly Normal», de Yves Simoneau.

Entretanto, o ministro canadiano das Comunicações, Marcel Massa, acabou de anunciar uma subvenção de 250 mil dólares canadianos (1,1 milhão de francos franceses), destinada ao Centro Internacional do Filme para a Infância e a Juventude.

Morreu Irene Dunne sem um «Oscar» na vida

Irene Dune, heroína de mais de cinquenta filmes realizados nos anos 30 e 40, morreu devido a complicações renais, depois de ter estado acamada durante o mês de Agosto - anunciou, em Los Angeles, o seu empresário.

Irene Dunne, de 88 anos, nomeada cinco vezes para um Oscar (embora não tenha ganho nenhum), encontrava-se doente há um ano e morreu em sua casa.

A actriz, que se iniciou em 1930 com o filme «Leatherneching», foi nomeada para um Oscar com os filmes «Cimarron» (1931), «Theodora Goes Wild» (1936), «The Awful Truth» (1937), «Love Affair» (1939) e «I Remember Mama» (1948).

A actriz foi, durante a sua carreira, encorajada pelo marido, Francis Grffin, que morreu em 1965.

Até 30 de Junho de 1991

Camilo evocado em todo o país

O programa oficial das comemorações do centenário da morte de Camilo Castelo Branco, que encerram com um Congresso Internacional, foi ontem apresentado no Porto.

As comemorações, que se prolongam até 30 de Junho de 1991, incluem a publicação de uma colecção popular de algumas obras de Camilo difíceis de encontrar no mercado, a atribuição de um Prémio de Ensaio Camiliano, no valor de mil contos e a edição de uma antologia de ensaios e de uma colectânea de iconografia sobre o escritor.

O programa oficial das comemorações, apresentado pela subsecretária de Estado da Cultura, Natália Correia Guedes, terá como «ponto alto» a realização de um Congresso Internacional, na última semana de Junho de 19991, em Coimbra, com a participação de especialistas portugueses e estrangeiros na obra e vida de Camilo Castelo Branco.

O Congresso será encerrado em Vila Nova de Famalicão, concelho onde morreu o escritor, pelo Presidente da República.

A Comissão de Organização das Comemorações anunciou ainda o lançamento de uma Edição Nacional Crítica da obra completa de Camilo que - segundo Mário Cláudio, presidente da Comissão -deverá ser iniciada em 1991.

De acordo com aquele responsável, a obra completa de Camilo será publicada em conjunto pela Comissão de Organização das Comemorações, Instituto Português do Livro e Imprensa Nacional.

No entender de Mário Cláudio, as comemorações do centenário da morte de Camilo Castelo Branco vão ser compostas por «iniciativas que não se esgotam em pequenas cerimónias, mas que deixam marcas para o futuro.»

Acentuou aquele escritor que serão afastados «o folclorismo, o mau gosto e o oficialismo habitual nestas comemorações.»

Para além destas iniciativas, está a ser estudada a possibilidade de as óperas «Amor de Perdição» e «A Serrana», baseadas em obras de Camilo, serem repostas pelo Teatro Nacional de S. Carlos.

As verbas disponibilizadas pela secretaria de Estado da Cultura para as comemorações não quantificadas por Mário Cláudio, que apenas adiantou tratar-se de «montantes consideráveis.»

BREVES

«Amigos de Alex»: 500 horas de emissão

O programa da RFM «Amigos de Alex», assinala, no sábado, 500 horas de emissão com uma transmissão especial subordinada ao tema «Figurinos Novos de Velhas Canções». Ao longo das duas horas de programa, um dos mais antigos da FM portuguesa, serão transmitidos, nomeadamente, «Strawberry Fields Forever», nas versões dos Beatles (1967) e dos Candy Flip (1990); «I'm Free», dos Rolling Stones (1965) e Soup Dragons (1990); «Unchained Melody», de Al Hibbler (1955) e U2 (1989). «Amigos de Alex» iniciou a sua emissão a 2 de Novembro de 1985, dedicando-se à história da música nos anos 50, 60 e 70 e à revelação de nomes que nos dias de hoje recuperam e transformam sons de décadas anteriores.

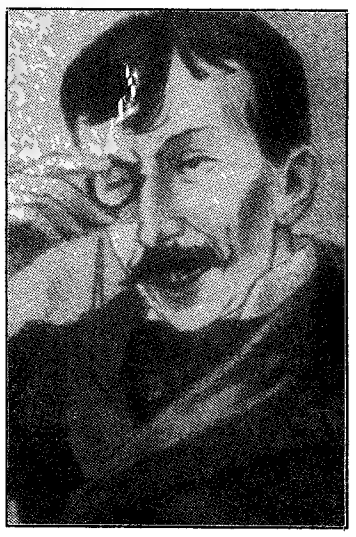
Jazz no Hot, dias 6, 7 e 8

De amanhã até dia 8, realizam-se, no Hot Clube, concertos de jazz pelo quarteto de Carlos Martins (sax-tenor), Bernardo Sasseti (piano), Zé Eduardo (contrabaixo) e André S. Machado (bateria). Os concertos decorrem em duas partes: às 23 horas e à meia-noite e meia.

Fundação Eça de Queiroz: constituição no dia 9

A cerimónia de constituição da Fundação Eça de Queiroz vai decorrer dia 9, na Casa de Tormes, em Baião -anunciou fonte da futura instituição. A Fundação Eça de Queiroz sucede à Associação dos Amigos daquele escritor, criada em 1988, a quando da visita de Mário Soares à região duriense. O objectivco da Fundação é nortear a sua actividade pelas vertentes museológica, turística e agrícola. A sede da fundação será na Casa de Tormes, próximo do cemitério de Santa Cruz do Douro, onde repousam, desde 1989, os restos mortais do autor de «A Cidade e As Serras».

Segundo Maria da Graça Salema de Castro, detentora de bens deixados por Eça, no valor de 165 mil contos, estes irão ser alienados em favor da nova Fundaçã. A estes bens vão juntar-se os bens, no valor de 18 mil contos,detidos pelos herdeiros do escritor.



Entre as acções a desenvolver pela Fundação, contam-se a actualização da bibliografia queirosiana, a realização de visitas guiadas, a edição crítica da obra de Eça e a criação de um prémio escolar a nível secundário, bem como a transformação da quinta de Tormes numa «área-museu». A nível de financiamentos, está previsto o acesso a contributos no âmbito da Lei do Mecenato Cultural. A Fundação Eça de Queiroz conta como principal receita com a venda de vinho e aguardente da marca «Tromes».

«Antologia DN Jovem»

Quatrocentas páginas ontem no Chiado...

Ao fim de tarde de ontem, na Livraria Diário de Notícias, no Chiado, foi apresentada a «Antologia DN Jovem», suplemento aparecido em Maio de 1983, «herdeiro de uma tradição de suplementos que foram o berço de muitas revelações literárias», conforme se lê (e certo está) na nota de apresentação assinada por Dinis de Abreu, director do matutino acima mencionado.

Muitos dos antologiados ali compareceram, uns reencontrando-se, outros pela primeira vez se conhecendo.

- Ah, foi você que escreveu aquele texto que...?

- Sim, sim, fui...

Diálogos, enfim, de todo compreensíveis, feitos de amizade e (porque não...?) de uma certa nostalgia.

Setenta e um são os textos seleccionados entre vários milhares que «DN Jovem» publicou nos seus primeiros seis anos de vida: Maio de 1983 a Abril de 1989. Ao longo de quatrocentas páginas, depara o leitor (pois que leitores terá esta antologia) com os mais diversos motivos, os estilos mais diferentes, os achados mais díspares.

À semelhança do «Juvenil» do «Diário de Lisboa» (não vai mal aqui a comparação...), o «DN Jovem» (agora dirigido por Manuel Dias) contribuiu também para que muitos dos seus colaboradores enveredassem pelo caminho das Letras. Eis alguns nomes (com livros publicados): Helena Morais, Isabel de Almeida Santos, José Eduardo Agualusa, José Riço Direitinho, Luís Filipe Parrado, Mariana Brumel... Outros fixaram-se no jornalismo - e outros ainda foram distinguidos com prémios em diversas modalidades literárias.

Fundado quando Mário Mesquita, agora director do «DL», exercia idênticas funções no «Diário de Notícias», o «DN Jovem» ficará para sempre, na história do nosso jornalismo, como iniciativa digna de todo o louvor. Daí, pois, o interesse desta «Antologia» ontem apresentada ao público no Chiado: página a página, muitas surpresas nos contentam e iluminam os olhos.

ESPECIAL FÉRIAS/90

no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

Cinema de Paris

O amor em primeira obra

Primeira longa-metragem de Philippe Faucon, «L'Amour» tem os defeitos (e as qualidades) que às obras de estreia geralmente cabem e que logo surgem no classicismo prudente da realização, em inexperiências de enquadramento, em baixas de tensão da montagem. Mas a maior qualidade do filme cedo nos aparece, na frescura da sua inspiração, mesmo que o motivo cem vezes tenha sido tratado.

A história, sem obediência a uma estrutura rígida, é a do despertar confuso dos adolescentes para o amor - caminhos cruzados ou jogo de cabra-cega entre atracções múltiplas e mal sentidas. Situado nos arredores de Paris, em zonas de habitação pequeno-burguesa, baça e triste, o filme tem muito de observação social e de uma verdade psicológica que o jovem autor, frequentador dos mesmos locais da sua adolescência, pode transmitir com um tom justo que envolve diálogos e situações.

Algo de Eric Rhomer infiltra-se nesta obra, mas estamos longe do seu conceptualismo, e antes voltados, aqui, para uma análise sentimental de problemas. Que o filme se termine, em evidente optimismo, por um casamento, é situação que não deve sobremodo assustar-nos pelo que de convencional poderia representar, imagem normalizada de um mundo que vai pelo seu melhor caminho... O teor sentimental e humano das situações que vão deslizando ao longo do filme permite encarar sem desagrado ou desconfiança o «happy end», vendo que ele é menos tranquilizador do que pode parecer na paisagem geral do sítio e na repetição, normal também, das histórias que nela se cruzam, nos dias anteriores do casamento, como naqueles que se lhes seguirão...

A delicadeza do tom e a sinceridade de Philippe Faucon, por seu lado, imprimem à obra uma qualidade que, entre habilidades e receitas do cinema mais comercial, fazem recomendar este filme que jovens não profissionais animam com a sua verdade sensível.

H. Galy-Carles

Com um programa onde não faltam as habituais actividades políticas, culturais, artísticas e desportivas, a Festa do Avante cumpre, a partir de sexta-feira, a sua décima quarta edição. Dois aspectos relevantes, sem dúvida que são o reforço da componente política e a ausência, no capítulo dos espectáculos, de representantes dos países do Leste

Comunistas de atalaia

A inauguração da XIV Festa do «Avante!» será assinalada com uma intervenção de Álvaro Cunhal, às 19 horas do próximo dia 7, junto ao Pavilhão Central do novo recinto da Quinta da Atalaia.

No comício de encerramento - domingo dia 17 no Palco 25 de Abril - far-se-á de novo ouvir a voz do secretário-geral do PCP, estando ainda previstas intervenções de Dias Lourenço, director do «Avante!» e de João Frazão, da direcção nacional da JCP.

Como foi ontem afirmado na Quinta da Atalaia numa conferência de Imprensa para apresentação do programa definitivo da Festa, «a situação nacional - incapacidade do Governo PSD de dar resposta aos problemas do País, aproximação das eleições presidenciais e legislativas e a necessidade de uma alternativa democrática - bem como a actual situação internacional conferem, no seguimento do XIII Congresso do Partido Comunista Português, um significado especial ao comício da Festa do Avante 90».

Assim, todas aquelas questões serão abordadas durante os três dias da Festa, no ciclo de debates «Avante 90» que se vai realizar no forum do Pavilhão Central e no espaço da solidariedade da Cidade Internacional e estarão presentes em muitos outros aspectos da Festa, nomeadamente exposições e painéis.

Mais política na Festa

No vasto recinto do Pavilhão Central decorrerá efectivamente um variado conjunto de iniciativas políticas e culturais, designadamente uma exposição política constituída por painéis alusivos a temas da situação política nacional, através dos quais o PCP manifesta «a sua confiança no futuro da democracia e do socialismo em Portugal e no Mundo».

Integrada nesta exposição, os visitantes poderão apreciar uma mostra com cerca de 300 peças do «Museu do Partido», todas elas oferecidas por entidades nacionais, por trabalhadores e suas organizações representativas e provenientes de todos os pontos do País.

No mesmo pavilhão, funcionará a «Inforfesta 90» - um espaço dedicado à Informática, onde todos os interessados poderão ter acesso, para além de um banco de dados com o programa e os estatutos do PCP, a um programa especial sobre as lutas sociais que entre 1926 e 1974 se registaram em Portugal durante o fascismo.

Os debates sobre a situação decorrerão - como já dissemos - no forum: sexta-feira pelas 21 horas o tema será «O Ideal Comunista» com Vítor Dias, Manuel Gusmão e Henrique de Sousa; sábado às 15 horas realiza-se o debate sobre «a alternativa existe - eleições presidenciais e legislativas de 1991» com a participação de Carlos Brito, António Andrez, Helena Medina e Manuel Sobral; pelas 18 horas, Agostinho Lopes, João Amaral, Joaquim Miranda e Sérgio Ribeiro debatem o tema «um Portugal soberano num quadro de cooperação»; ainda no sábado, a partir das 21 horas, o tema «democracia e direitos dos cidadãos» conta com intervenções de Luís Sá, Carlos Farião, António Abreu e Odete Santos.

No Pavilhão Central enontra-se ainda o espaço de «O Militante», assim como apontamentos sobre a «Festa do Avante - da FIL à Atalaia», a festa em construção e o novo espaço da Quinta da Atalaia, em associação com a campanha dos 150 mil contos.

Na «Cidade Internacional» haverá um espaço polivalente - o espaço da solidariedade - onde o ciclo de debates prosseguirá com a análise de temas candentes da nossa época e da actualidade internacional e suas repercussões na realidade portuguesa.

Sexta-feira ás 21 horas, Octávio Teixeira, Frederico de Carvalho e Américo Numes falarão àcerca de «Capitalismo Hoje»; sábado pelas 15 horas o debate centrar-se-á sobre «as conquistas revolucionárias do século XX» com a participação de Albano Nunes, Ernesto Cartaxo e Helena Bastos; ainda sábado, às 21 horas, «as questões globais e luta de classes» serão analisadas por Carlos Aboim, Ilda Figueiredo e António Pedro.

A participação internacional

Ontem à tarde, durante a conferência de Imprensa, os responsáveis pela festa do Avante diziam, no que respeita à participação internacional, que «aguardavam delegações de Partidos Comunistas e outras forças revolucionárias e progressistas de todos os continentes».

De concreto, foi-nos revelado que na Cidade Internacional haverá a presença viva de pavilhões com exposições sobre temas políticos e culturais, artesanato, restaurantes e bares, que divulgarão aspectos do passado, do presente e dos objectivos de organizações como: ANC, Partido do Socialismo Democrático da RDA, MPLA-PT, PC de Cuba, PC da China, P. de Trabalho da Coreia, P. dos Trabalhadores da Etiópia, PC de Espanha, Frente Democrática Nacional das Filipinas, PC Francês, PC da Grécia, PC Libanês, Frelimo, OLP, Fretilin e PCUS.

Ainda neste espaço, sob o lema «solidariedade sempre!» realizar-se-ão sessões para assinalar as lutas dos povos da África Austral, da Palestina, da América Central e do povo de Timor-Leste. Alguns painéis lembrarão aspectos das lutas contra o apartheid.

A música e o teatro

No que toca à participação nacional, a Festa do Avante apresentará na noite de sábado Fernando Tordo, juntamente com o maestro Pedro Osório, Edgar Caramelo no saxofone e o baixista José Neves; Paulo de Carvalho actuará domingo à noite com um numeroso grupo de músicos acompanhantes e um coro feminino; Júlio Pereira, no sábado, apresentará temas do seu novo álbum e proporcionará um espectáculo inédito na sua apresentação conjunta com o grupo galego «Na Lúa»; na noite de sexta-feira, os «Rádio Macau» abrirão os espectáculos no Palco 25 de Abril (um PA de 70 mil watts de saída e a maior instalação de luzes de sempre) com a banda de suporte «Repórter Estrábico», do Porto e ainda com os artistas convidados: a noite será preenchida totalmente com este espectáculo; o grupo «Telectu» estreará uma peça encomendada pela Festa, inspirada na «Música para Fogos de Artifício» de Haendel, a acompanhar uma sessão de fogo de artifício que encerrará os espectáculos de sábado.

À primeira vista, a montagem está atrasada. Mas o «milagre» há-de acontecer, sexta-feira ao fim datarde...

Destaque ainda para a participação dos grupos «Brigada Victor Jara, «Essa Entente» e «D'isto e D'aquilo».

O Auditório-Avanteatro será o espaço destinado ao jazz, nas tardes de sábado e domingo, com o «Quinteto António Ferro», a estreia dos «Cal Viva», o «Arte Jazz Trio» os «Telectu» com Sei Miguel e Rui Azul e um espectáculo com João Peste e Nuno Rebelo.

Quanto à presença estrangeira, desta feita sem participações do Leste da Europa, teremos domingo os «Osibisa», o grupo pioneiro do sucesso da música africana na Europa; o grupo de folk irlandês «Dubliners»; os «Otis Grand and the dancekings dos EUA; o grupo galego «Na Lúa» que se apresenta na tarde de sábado; «The Rhythm Sisters» (pop rock britânico, sábado à noite); «Takile» (peruanos, com música da América Latina); Paulino Vieira e o seu grupo de música de Cabo Verde, que abre a tarde de sábado.

Quanto ao teatro, que funcionará no Auditório Avanteatro, pode ser visto: sexta-feira às 21.30 «O Regresso de Bucha e Estica» de Mário Viegas com Juvenal Garcês, Eduardo Firmo, Carla Efe, Mário Neves e Rui Furtado; no sábado, «Beileira» - o grito de Timor; «Feliz Aniversário» de Fernando Gomes (espectáculo para crianças domingo de manhã) e às 22.30 de domingo o «GIC - Almada» apresenta, em adaptação de um conto de Jorge Sena, «A razão do Pai Natal ter barbas».

Desporto e o resto

Além da «Corrida da Festa do Avante», haverá a prática de sete modalidades desportivas durante os três dias, em 4 locais diferentes.

Como tem sido habitual em todas as festas anteriores, haverá bandas de música, muitos grupos de folclore, bailes e circo, tudo isto no Palco Arraial, entre a zonas da Juventude e do Desporto. de manhã à noite.

Não faltarão, em homenagem à gastronomia, inúmeros locais onde se pode achar boa comida, petiscos regionais, óptimos queijos e enchidos, refrescos para todos os paladares... e a inevitável pinguinha, porque festa é festa.

RB

Com Lisboa lá ao fundo e o Tejo ao meio, um pormenor da Festa

DESPORTO

BREVES

Andebol: Académica demarca-se

A Secção de Andebol da Associação Académica de Coimbra (AAC) decidiu «desvincular-se imediatamente» dos compromissos assumidos na última assembleia geral da Associação Nacional dos Clubes de Andebol (ANCA).

Em comunicado divulgado em Coimbra, a direcção da AAC refere que a decisão se baseia no facto de não terem sido cumpridos «todos os pressupostos» referidos pelo presidente da secção da assembleia da ANCA.

De acordo com esta decisão, a AAC disputará sábado, em Aveiro, o encontro com o Beira Mar, a contar para a jornada inaugural do Campeonato Nacional da Primeira Divisão.

Na assembleia geral da ANCA, realizada sábado em Coimbra, fora exigida a organização do campeonato pela Associação de Clubes e a não-comparência aos jogos marcados pela federação.

Fonte da direcção academista declarou que, apesar da atitude agora assumida, o clube de Coimbra continuará a pertencer à ANCA.

Atletismo: Ngugi corre mais rápido

O campeão olímpico John Ngugi, do Quénia, estabeleceu o segundo melhor tempo do ano nos 10 000 metros, no decorrer do «Meeting» de Atletismo de Koblenz (RFA), ao cumprir a distância em 27 minutos e 19,15 segundos.

Beneficiando de um tempo fresco e húmido, Ngugi, 28 anos, impôs-se ao equatoriano Rolando Vera e ao italiano Christian Leuprecht, segundo e terceiro classificados, num tempo que constitui também recorde pessoal na distância.

A melhor marca do ano nos 10 000 metros, fixada em 27 minutos e 18,22 segundos, foi alcançada no passado mês pelo mexicano Arturo Bárrios, no decorrer do «Meeting» de Berlim Ocidental.

Natação: selecção em estágio

O estágio que a selecção nacional de natação inicia hoje na ilha da Madeira é a primeira etapa da preparação específica com vista ao campeonato do Mundo, a disputar entre 3 e 13 de Janeiro de 1991, em Perth, na Austrália.

Presentes no estágio, que se prolongará até ao dia 20, estarão quatro dos cinco nadadores que já obtiveram tempos mínimos de participação no «Mundial» e mais dois que alcançaram os mínimos da tabela «B» e que por isso têm acesso às competições internacionais estágios de preparação para Perth/91.

No primeiro caso encontram-se Joana Arantes (com mínimo nos 200 metros mariposa) e Artur Costa (400 e 15000 livres), ambos do Sporting, Paulo Trindade (50 livres), F.C. do Porto, Diogo Madeira (200 estilos) e Alexandre Yokochi (200 bruços), ambos do Benfica.

À procura do mínimo «A» estão Ana Barros (200 costas), do Algés e Rui Borges (200 estilos) do F.C. do Porto.

Seis emblemas jogaram andebol

Benfica vence torneio lisboeta

A equipa de andebol do Benfica conquistou o Torneio Cidade de Lisboa ao bater, na final, a formação do Vitória de Setúbal (24-17) no pavilhão da Ajuda. A competição, organizada pelo Clube de Futebol «Os Belenenses», reuniu seis emblemas concorrentes ao nacional maior de 90/91, agrupados em duas séries. Para se chegar ao emparceiramento da derradeira jornada, verificaram-se os seguntes resultados:

Série A: Benfica, 37-Sporting, 24; Benfica, 31-ABC, 26 e Sporting, 21-ABC, 21; **Série B:** Belenenses, 23-Académico do Funchal, 19; Vitória de Setúbal, 21-Académico do Funchal, 19 e Belenenses, 11-Vitória de Setúbal, 15.

Presença de um valioso lote de equipas no certame, a acertarem os últimos pormenores para o início da mais importante competição andebolística cá do burgo. Para já, vejamos o que se passou no decurso da prova.

Assim, para a disputa do 5.º/6.º lugares, o Sporting impôs-se à formação madeirense (novo primodivisionário, recorde-se) por um claro 25-18, enquanto os bracarenses golearam o clube organizador (29-19) para a atribuição do 3.º posto. Finalmente, sadinos e benfiquistas defrontaram-se para decidir quem venceria o troféu em disputa.

Apresentando de início um «sete» de grande nível (Miguel Fernandes na baliza, Mário Gentil na ponta esquerda, Draganita a lateral-esquerdo, Paulo Bunze a central, Dogaresco a lateral-direito, Luís Lacerda a ponta-direita e Armando Pires a «pivot»), o Benfica demonstrou claramente durante toda a partida que reúne condições para fazer uma época superior à anterior, mercê, sobretudo, da categoria patenteada pelos dois novos romenos que integram o seu bloco. Venceu o encontro por sete tentos de diferença e quase nos apetece dizer que se ficou por aí porque não houve necessidade de acelerar mais, pese embora o facto de ter estado momentaneamente em desvantagem no marcador durante o 1.º tempo (entre os 15 e 20 minutois, com 4-5 e 5-6).

Na realidade, o Vitória da última ronda (que será o desta temporada) não teve capcidade para sequer amedrontar o opositor, apesar de ter rectificado a postura atacante perante o 6-0 inicial contrário e desenvolvido bonitas combinações atacantes que resultaram em golos de belo efeito. Só que o problema maior esteve na defesa setubalense, incapaz de parar os «tanques» romenos que, rematando de qualquer forma e feitio, foram responsáveis por nada menos de oito dos 11 remates vitoriosos dos actuais campeões nacionais nas redes do excelente Charneca.

Dois destaques mais neste tempo de abertura: a ausência do contra-ataque encarnado (apenas dois concretizados por Mário Gentil) e a extraordinária capacidade técnica de Paulo Alberto, a apontar um golo de ponta-esquerda que fez levantar a numerosa assistência.

Na ida para o merecido descanso, o marcador assinalava 11-7 a favor dos homens da Luz. No reatamento, a maior agressividade defensiva dos comandados de Manuel Manita e a saída de Paulo Bunze com a passagem de Draganita para central lançaram uma certa confusão no ataque rubro, resolvido (em parte) pelas prestações individuais de elementos até aí discretos: João Duarte e Armando Pires. Do outro lado, contrapunham Wasilewski, Paris e Mloczybski (pouco utilizados no 1.º tempo) e ainda Afonso Cabo, conseguindo manter a diferença de quatro tentos até cerca dos 47 minutos. A partir daí (com 17-13), assistiu-se a um autêntico festival encarnado que iria durar perto de oito minutos, com o contra-ataque (directo e apoiado) a aparecer e fazer mossa, aliado à velocidade que todos os atletas de vermelho passaram a empregar nas suas acções.

Ficou na retina dos presentes o contra-ataque apoiado que originou o 20.º golo, digno de figurar numa enciclopédia do andebol, com a bola a passar por Luís Crespo, Luís Gomes, Bunze, Gentil e novamente Crespo a concretizar numa jogada, realmente, memorável. Rescaldo destes oito minutos de sufoco sadino: seis tentos sofridos e nenhum apontado e 23-13 no marcador com cerca de cinco minutos para se jogar. Nos momentos finais, abrandamento natural do ritmo benfiquista e interessante reacção setubalenense a encurtar a diferença pontual para os sete golos verificados no final do encontro.

Análise

Numa observação às duas formações, voltamos a afirmar que os actuais campeões nacionais estão potencialmente mais fortes e, consequentemente, serão os naturais favoritos à conquista de novo título. Apresentam mais soluções e os conterrâneos de Eugen Troffin (Dogaresco e Draganita), são mesmo daqueles atletas que resolvem uma partida. Para além dos romenos, destaque individual para João Duarte (regressado de Setúbal), Armando Pires e Luís Crespo, para além dos dois guarda-redes. No Vitória, o empenho e o entusiasmo são os mesmos da época anterior, mas existe mais inexperiência e ingenuidade. Aausência de José Pires, Guerreiro, João Duarte e Pocas faz-se notar num «team» pouco apetrechado, a que será difícil repetir as proezas do ano transacto. De qualquer forma, sonbressaíram do conjunto os dois guardiões, Mloczynski, Paris, Afonso Cabo e Paulo Alberto.

BENFICA: M. Fernandes e J. Marques; João Duarte (3), Bunze (2), Gentil (2), Draganita (5), Lacerda, Dogaresco (6), Pires (3), Emanuel, Luís Gomes (1) e Crespo (2).

SETÚBAL: Wasilewski e Charneca; Paris (3), Fernando Lopes, Luís Monteiro, João Lopes (2), Mloczynbski (6), José Rosado (1), Paulo Salgado (1), Afonso Cabo (2), João Pedro e Paulo Alberto (2).

A classificação ficou assim estabelecida: 1.º, Benfica; 2.º, Vitória de Setúbal; 3.º, ABC; 4.º, Belenenses; 5.º, Sporting; e 6.º, Académico do Funchal. Os restantes prémios em disputa couberam ao Belenenses (Taça Disciplina), Miguel Fernandes (Benfica, melhor guarda-redes) e Chiculaev (soviético do ABC, melhor jogador e melhor marcador, com 21 golos).

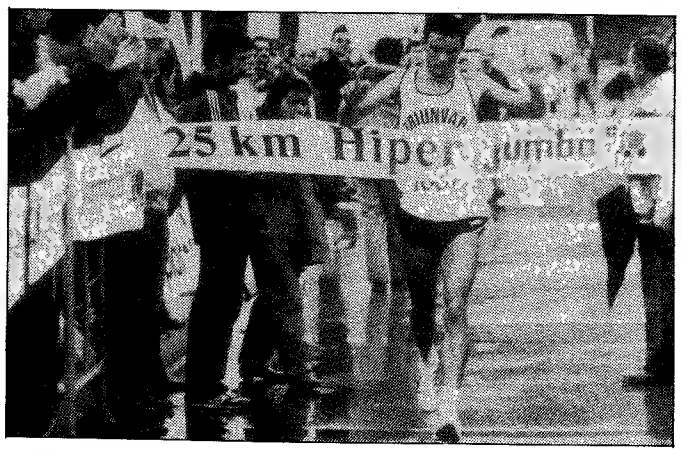
Jorge Marques

Rosa e Matias: figuras de proa nas «cinco léguas» do Jumbo

Rosa Mota e Manuel Matias são as principais figuras da segunda edição da prova pedestre 25 km JUMBO/Pão de Açúcar, que ligará a loja de Cascais à de Alfragide, no próximo dia 30.

Vencedores no ano passado, aquando da primeira edição da prova, os dois melhores maratonistas portugueses da actualidade, voltarão a estar presentes, juntamente com outros nomes grandes do nosso meio fundo e fundo.

Joaquim Pinheiro, João Campos, Carlos Patrício, Paulo Catarino, Joaquim Silva, Ana Correia, Lucília Soares e Manuela Machado nas senhoras, são outros dos nomes já confirmados e que garantem um elevado nível competitivo à prova.



Manuel Matias foi o mais rápido na última edição

Á grande novidade da edição deste ano é a presença de numerosos atletas estrangeiros, estando já confirmados os brasileiros Delmir dos Santos, segundo classificado na S. Silvestre de São Paulo/89 e Evany de Sousa, vencedora da última Maratona de Lisboa.

De momento estão também certos quatro soviéticos, com destaque para Irina Ruben, cujo recorde da maratona é de 2h 14m 16s.

É aguardada ainda a presença de atletas de Inglaterra, Hungria, Polónia, Espanha, Quénia, Itália, França e Estados Unidos da América, esperando-se também a confirmação do tanzaniano Suleiman Nyambui.

Os 25 km JUMBO/Pão de Açúcar que pretendem ser, a curto prazo, uma grande clássica do pedestrianismo internacional irá admitir este ano a participação de 1500 concorrentes. A organização técnica da prova está novamente a cargo da Xistarca, devendo os pedidos de inscrição (grátis), ir dirigidos para a Rua do Laranjal, 7-A, 1300 Lisboa.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-A Processo 1/152

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea, a 30 kV, com origem no apoio n.º 126 da linha Rossio ao Sul do Tejo — Ponte de Sor e término no PT n.º 1657, Herdade do Vale da Mua, com 2150 metros, na freguesia de Vale das Mós, concelho de Abrantes, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 28 de Agosto de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 5/9/90

Mais um caso no nosso atletismo

Dionísio: «Estou sendo perseguido»
Federação: «Ele anda muito nervoso»

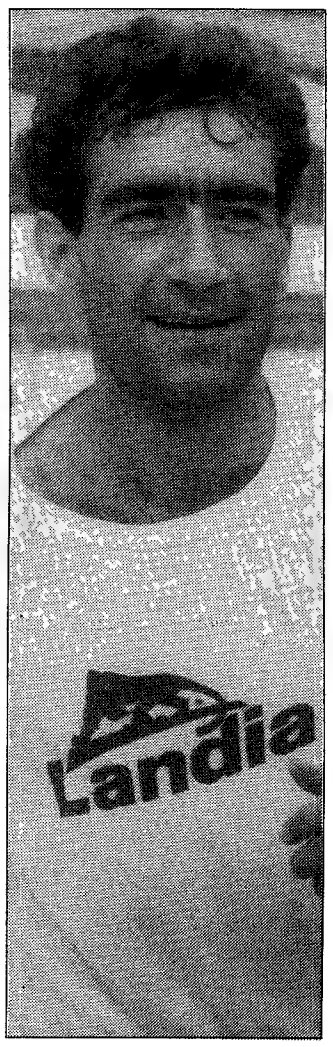
O presidente da Federação Portuguesa de Atletismo (FPA), Henrique de Melo, afirmou lamentar a atitude de Dionísio Castro, ao decidir abandonar a modalidade a nível de alta competição.

«Tomei conhecimento das declarações produzidas pelo atleta, e fiquei surpreendido», comentou Henrique de Melo, para quem a atitude do atleta se prende «com o nervosismo motivado pelos resultados menos bons que tem vindo a realizar».

Reportando-se à queixa de Dionísio Castro sobre a ausência de um representante federativo na sua chegada a Split, Henrique de Melo sublinhou: «Somos os primeiros a lamentar essa falha, a qual todavia não passou de um infeliz equívoco. Aliás, já falei com o atleta a explicar-lhe isso mesmo, o que ele compreendeu perfeitamente.»

O anunciado abandono da alta competição mereceu, ainda, do presidente da FPA o seguinte comentário: «A Federação é a primeira a lamentar essa atitude do atleta, até porque sentimos, como ele, que a alta competição não tem um estatuto que contemple apenas o atletismo.»

O mesmo dirigente confirmou, em seguida, que a FPA chamou já a atenção dessas mesmas entidades para o facto de os 40 contos que o Dionísio recebe por mês não correspondem de forma alguma à realidade actual. «Todavia, essa nova pressão não tem dado resultados visíveis», desabafou o presidente da FPA.



Dionísio Castro: «Não quero depender da Federação»

Henrique de Melo: «O atleta é livre de optar»

Reconhecendo que o apoio médico é insuficiente, Henrique de Melo, defendeu, contudo, que «à Federação não lhe cabe culpa alguma nisso, e não estar nas suas mãos resolver essa e outras graves lacunas existentes no atletismo, e com maior incidência na alta competição».

Acerca de uma eventual incursão do atleta pelo individualismo, ou até mesmo pela inscrição noutra federação europeia, Henrique de Melo frisou que «o atleta é livre de optar por uma dessas soluções, mas se for convocado para representar o seu País ficará obrigado a fazê-lo».

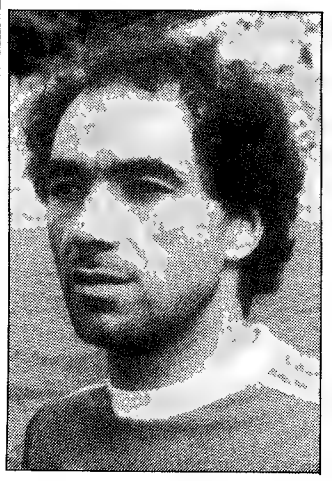
A questão do protesto contra a ilegalidade cometida por Salvatore Antibo, o presidente da FPA sublinhou «ter sido feito o que podia ser feito regulamentarmente, e mais não era possível fazer. Aliás, ninguém poderia ter feito mais. Recordo que subscrevemos o protesto contra a requalificação do inglês Elliot. Só que, aí, tudo funcionou ao contrário», realçou.

Grande Prémio CUAB

Organizado pelo Clube União Artística Benaventense e com o apoio das autarquias locais, vai disputar-se a 11.ª edição do Grande Prémio CUAB (15 quilómetros do percurso Benavente-Barrosa-Benavente) em atletismo. A prova é destinada a atletas federados e outros, estando as inscrições abertas para todos os escalões etários. Os prémios são aliciantes e só por isso é de prever a presença de várias centenas de participantes.

EM FOCO

QUINITO: depois de uma fracassada passagem pelo F.C. Porto e de ter sido vítima de uma dupla «chicotada» na época passada, primeiro no Marítimo onde foi rendido por Ferreira da Costa e depois no Portimonense onde foi forçado a ceder o lugar a Manuel Oliveira, Quinito terminou a «travessia do deserto» sendo chamado a substituir Vítor Manuel no União de Leiria. Mais um teste ao «homem das Arábias».



JAIME PACHECO: depois de quatro anos de ausência nos trabalhos da selecção nacional, o agora setubalense Jaime Pacheco (32 anos de idade), mereceu a eleição de Artur Jorge e, juntamente com o exbenfiquista Miranda, passou a integrar o «grupo dos vinte» que no Jamor vão preparando a «operação Finlândia». Uma chamada que se saúda (Pacheco), outra que se festeja (Miranda) e uma que se deseja (Fernando Gomes).

SILAS: depois de ter vestido a camisola n.º 15 para o encontro do passado domingo com o Salgueiros, Paulo Silas foi, no «minuto zero», mandado desequipar. Uma rábula que teria a ver com o facto de o Sporting não ter feito o seguro constante de uma das cláusulas com a federação uruguaia. Silas ficou em polvorosa e aguarda a chegada do seu empresário para que a situação seja esclarecida em termos definitivos.

BREVES

Selecções trabalham

Com duas sessões diárias, os jogadores convocados pelo Gabinete Técnico da FPF, vão testando as suas capacidades para os encontros com a Finlândia a contar para a fase preliminar do Europeu-92. Como notas relevantes destaque para a convocação do setubalense Jaime Pacheco e de Miranda, do Estrela da Amadora. Artur Jorge tem, neste momento, 20 elementos convocados para o jogo principal. Os seus nomes: Silvino, Vítor Baía, João Pinto, José Carlos, Sorbinho, Veloso, Jorge Ferreira, Fonseca, Gonçalves, Paneira, Pacheco, Hernâni, Jaime Pacheco, Oceano, Venâncio, Rui Barros, Rui Águas, Miranda, Cadete e Paulo Futre. Destes apenas 17 partirão para Helsínquia.

Ainda relativamente às selecções nacionais refira-se a chamada do técnico Custódio Pinto para adjunto de António Oliveira no comando das «esperanças».

Bernardo: mais uma «chicotada»

António Bernardo apresentou a sua demissão de treinador do Odivelas, prevendo-se que venha a ser substituído por José Carlos (actual técnico do Fanhões). Depois da saída de Barnabé do Torreense e de Vítor Manuel ter sido rendido por Quinito no União de Leiria, esta foi a terceira «chicotada» da temporada. Se nos recordarmos que, na última temporada, o «chicote» funcionou numa centena de clubes das três divisões nacionais, a «dança» promete animado e alegre corridinho.

UEFA, anuncia castigos

Já se sabia, mas a UEFA recorda: Ricardo (Benfica) e André (Porto) estão impedidos de alinhar no encontro inaugural das competições europeias que se avizinham. Quanto aos nossos opositores, não poderão jogar: Tempestilli e Carboni (Roma), Clijsters (Malines) e Yetkinen e Ustaomer (Fenerbace).

Denilson aprovado no Bessa

O defesa brasileiro Denilson, que há algum tempo vinha prestando provas no Bessa perante o «professor» João Alves, recebeu ontem o «diploma» da aprovação pelo que, em princípio, ficará três anos vinculado ao Boavista.

Entretanto Jorge Silva rescindiu, amigavelmente, o contrato com o Belenenses ingressando no União de Leiria.

Évora: desporto para todos

Terminadas quase todas as fases concelhias das II Olimpíadas Populares do Distrito de Évora, vai, realizar-se durante o corrente mês, a fase distrital que envolverá os primeiros classificados de mais de duas dezenas de modalidades. A iniciativa é organizada pela Associação dos Municípios de Évora e estima-se que até ao final das Olimpíadas, cujo festival de encerramento está marcado para o dia 30, participem cerca de 13 mil praticantes de dez concelhos do distrito de Évora.

Registem-se mais os seguintes resultados das competições realizaadas recentemente nos diversos concelhos:

Borba — futebol de cinco masculino — Polidesportivo da Junta de Freguesia Matriz — classificação final: 1.º, Patri Nuno; 2.º, Curvomármores/Empresa Galhanas; 3.º, Construções Metálicasa; 4.º, Pastelaria Castanho.

Pesca desportiva — equipas apuradas — equipa «A»: Roberto Branco, Carlos Silveira, António Ferreira, Inácio Ribeiro e Manuel Grego. Equipa «B»: Fernando Preguiça, Carlos Delfino, Joaquim Branco, Fernando Alpalhão e José Vicente.

Tiro aos pratos — atletas apurados: 1.º, João Ramalho; 2.º, Joaquim Sapatinha; 3.º, Idevor Prates; 4.º, Duarte Perdigão; 5.º, Virgolino Brinquete.

Montemor-o-Novo — tiro ao alvo — apurados: 1.º, José Pataleão; 2.º, Vitorino Alvito; 3.º, António Pais.

Xadrez — Sede dos Serviços Sociais dos Trabalhadores do Município — iniciados: 1.º, João Pedro Ragatão; 2.º, Vasco Fretes; 3.º, Rita Godinho e Luís Água Moura. Seniores: 1.º, Fernando Cruz; 2.º, Custódio Saiote; 3.º, Fernando Saiote. Seniores femininos: 1.ª, Paula Simões; 2.ª, Isabel Tomé; 3.ª, Luciano Regatão.

Pesca à linha — Barragem Francisco Gentil — Freixial — classificação final: 1.º, Eurípedes de Sousa; 2.º, Engrácio Claudino; 3.º, João África.

Arraiolos — pesca desportiva — Barragem do Oleirito — classificação final — seniores: 1.º, Bonifácio Batista; 2.º, Francisco Frangueiro; 3.º, António Maria Cascalho. Juniores: 1.º, José Augusto Dionísio.

Évora — ténis de mesa — classificações finais — iniciados masculinos: 1.º, Hélio Costa; 2.º, José Calado; 3.º, Samuel Santos. Juniores masculinos: 1.º, Hugo Barata; 2.º, José Garras; 3.º, Jorge Fonseca. Cadetes femininos: 1.ª, Luísa Rico; 2.ª, Carmem Rodrigues. Seniores masculinos: 1.º, Gonçalo Bráulio; 2.º, Silva Santos; 3.º, Paulo Chaves.

Pesca desportiva — pescadores apurados para a fase distrital: 1.º, Mário Eduardo da Silva; 2.º, Elisário António Marques Garrão; 3.º, Manuel José Ramalho; 4.º, Manuel Joaquim Bonzinho; 5.º, Joaquim José Borrego Furão; 6.º, Manuel António Nepomuceno; 7.º, Domingos António Couto; 8.º, Joaquim Miguel Ourives; 9.º, Luís Maria Canhão; 10.º, António Miguel Rico Borrecho. Suplentes: 11.º, José António Pina Madeira; 12.º, Carlos Manuel Garcia Alves; 13.º, João Paulo da Silva Ourives. Juniores: 1.º, Vítor Manuel da Silva Ourives; juvenis: 1.º, Nuno Manuel Pinto Borreicho.

NA SUA AGENDA

Basquetebol: «gala» em Évora

O Pavilhão do Juventude de Évora, com capacidade para cerca de dois mil espectadores, vai ser palco, de 6 a 8 do corrente, da final da Taça da Liga em Basquetebol, cujo o vencedor será apurado entre as equipas do Ovarense, Illiabum e Benfica.

A disputa da fase final da Taça da Liga, entre equipas da 1.ª Divisão, considerada a segunda prova mais importantes do calendário basquetebolístico nacional, constitui «um facto inédito na cidade de Évora», disse Luís Laureano, director técnico da Associação de Basquetebol de Évora.

I Série N.º 205
Dia 5 de Setembro
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Assembleia da República

Lei n.º 54/90:
Estatuto e autonomia dos estabelecimentos de ensino superior politécnico.

Lei n.º 55/90:
Cria uma marca de proveniência para os bordados da Região Autónoma da Madeira.

Lei n.º 56/90:
Alteração à Lei n.º 9/90, de 1 de Março (incompatibilidades de cargos políticos e altos cargos públicos).

Ministérios das Finanças e do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 790/90:
Aumenta um lugar de desenhador no quadro de pessoal do Instituto Geográfico e Cadastral.

Ministérios das Finanças e da Agricultura, Pescas e Alimentação

Despacho Normativo n.º 97/90:
Cria no quadro de pessoal da Secretaria-Geral do Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação um lugar de assessor principal na carreira de técnico superior.

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 791/90:
Alarga a área de recrutamento para provimento do cargo de chefe de divisão administrativa do Município de Santa Maria da Feira.

Ministério da Administração Interna

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 65 359 contos.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Decreto n.º 37/90:
Aprova o Acordo de Cooperação nos Domínios da Educação, do Ensino, da Investigação Científica e da Formação de Quadros entre a República Portuguesa e a República Popular de Moçambique.

Aviso:
Tornam-se públicos os textos em francês e português das emendas entradas em vigor em 20 de Abril de 1986, de 20 de Julho de 1986, 19 de Outubro de 1986, 11 de Agosto de 1987 e 27 de Maio de 1988, relativamente aos anexos 1 e 3 do Acordo Relativo a Transportes Internacionais de Produtos Alimentares Perecíveis e aos Equipamentos Especializados a Utilizar Nestes Transportes (ATP).

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 792/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade da Piçarra e Lentiscais», situadas na freguesia e concelho de Idanha-a-Nova.

Portaria n.º 793/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade da Coutada dos Cabeceiros», «Herdade da Coutada e Sabugal», «Herdade do Vigário e do Monte Borrego» e «Herdade da Teixinha», situadas na freguesia de Urra, e «Coutada Nova» e «Safra», situadas na freguesia de Fortios, concelho de Portalegre. Revoga a Portaria n.º 112/89, de 16 de Fevereiro.

Portaria n.º 794/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade da Cata» e outras, situadas nas freguesias de Santa Clara do Louredo e Cabeça Gorda, concelho de Beja.

Ministério da Indústria e Energia

Despacho Normativo n.º 98/90:
Aprova o Regulamento de Implementação das Submedidas B1 e B2 do Programa 6 - Missões de Qualidade e Design Industrial.

Ministério da Educação

Portaria n.º 795/90:
Autoriza o Instituto Politécnico de Lisboa, através do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, a conferir o diploma de estudos superiores especializados em Engenharia Mecânica-Manutenção e regulamenta o respectivo curso e condições de acesso.

Portaria n.º 796/90:
Altera a designação do grau de bacharel em Electricidade e Electrónica conferido pelo Instituto Politécnico de Viseu através da sua Escola Superior de Tecnologia, criado pela Portaria n.º 564/87, de 7 de Julho, para grau de bacharel em Engenharia Electrotécnica.

Portaria n.º 797/90:
Altera a designação do grau de bacharel em Tecnologia das Madeiras conferido pelo Instituto Politécnico de Viseu através da sua Escola Superior de Tecnologia, criado pela Portaria n.º 593/89, de 31 de Julho, para grau de bacharel em Engenharia das Madeiras.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, sendo moderado de Noroeste na faixa costeira ocidental durante a tarde. Nevoeiros matinais no litoral Oeste. Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e encrespado a de pequena vaga com ondulação sudoeste inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã

Céu pouco nublado ou limpo. Nevoeiros matinais. Vento fraco sendo moderado de Noroeste durante a tarde no litoral Oeste.

Depois de amanhã

Céu pouco nublado temporariamente muito nublado durante a tarde nas regiões do interior. Vento fraco por vezes moderado de Noroeste no litoral Oeste durante a tarde. Nevoeiros matinais.

MADEIRA

Céu com períodos de muito nublado. Vento moderado de Nordeste. Aguaceiros fracos em especial nas vertentes voltadas ao Norte.

Mar de pequena vaga com ondulação norte de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação sueste inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal

Períodos de céu muito nublado e vento fraco.

Amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de Nordeste. Possibilidade de aguaceiros.

Depois de amanhã

Céu com períodos de muito nublado . Vento fraco a moderado de Nordeste.

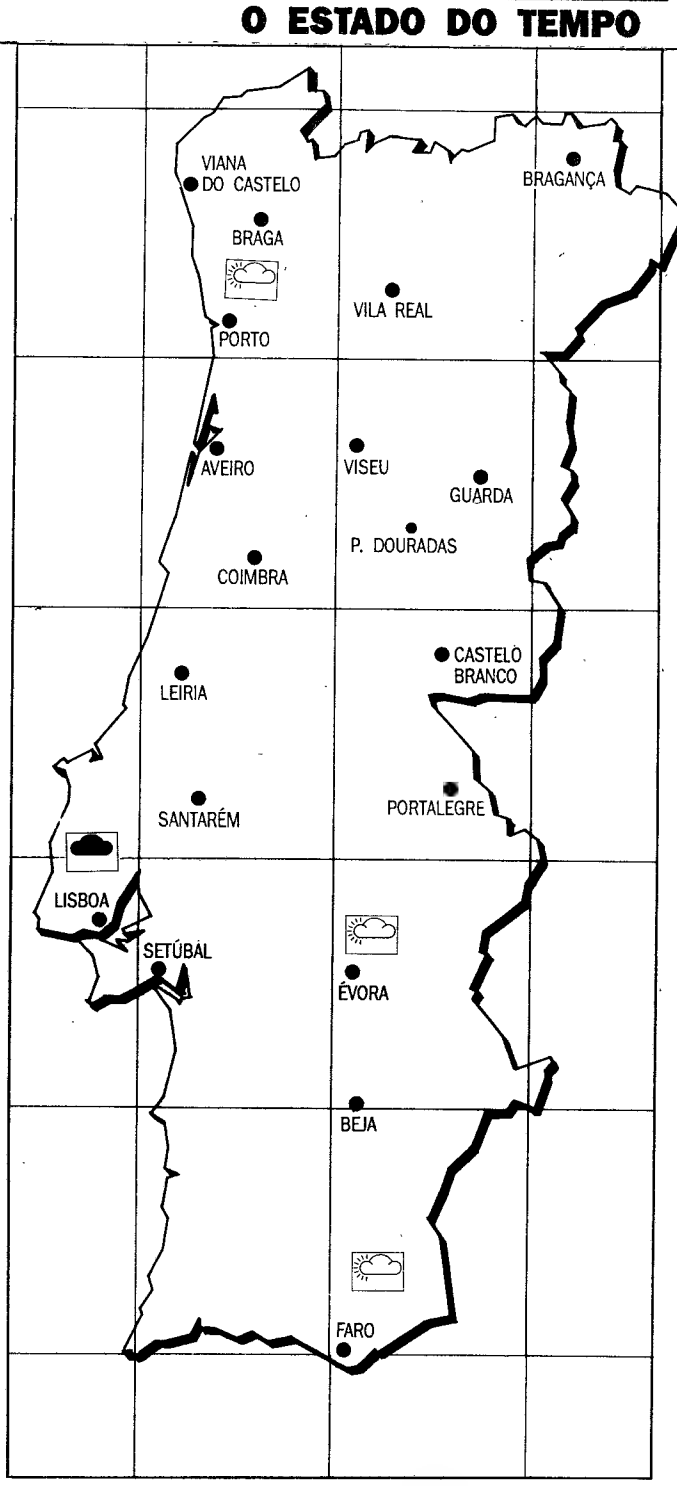
AÇORES

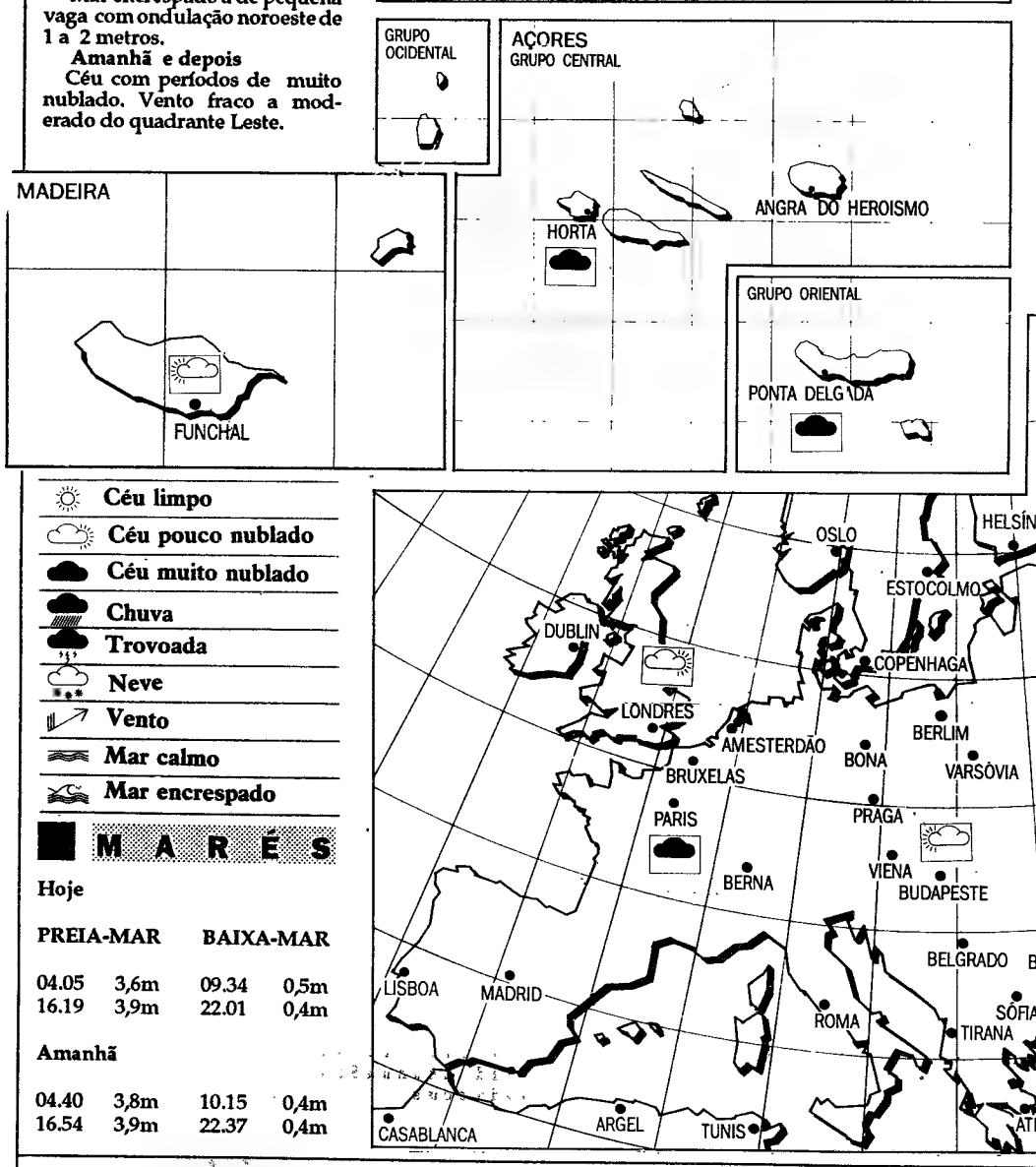
Todos os grupos: Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado de Nordeste. Possibilidade de aguaceiros.

Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

Amanhã e depois

Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado do quadrante Leste.





MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
04.05	3,6m	09.34	0,5m
16.19	3,9m	22.01	0,4m

Amanhã

04.40	3,8m	10.15	0,4m
16.54	3,9m	22.37	0,4m

PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança	15	15	Limpo
V. Castelo	14	14	Neblina
Vila Real	16	16	Limpo
Porto	14	15	Neblina
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	13	13	Nevoeiro
C. Carvoeiro	17	17	Encoberto
C. Branco	19	19	P. nub.
Portalegre	24	25	Neblina
Lisboa	17	18	Limpo
Évora	18	18	Limpo
Beja	17	18	Limpo
Sines	-	-	-
Faro	19	19	Limpo
Sagres	18	18	P. nub.
P. Delgada	21	22	M. nub.
Horta	22	23	M. nub.
Funchal	22	22	M. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 30; Porto, 25; Faro, 28; P. Delgada, 26; Funchal, 26.

EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid	16	16	P. nub.
Londres	9	10	M. nub.
Paris	8	9	P. nub.
Bruxelas	11	11	M. nub.
Amesterdão	10	13	M. nub.
Genebra	14	15	M. nub.
Roma	21	24	M. nub.
Oslo	11	11	M. nub.
Copenhaga	12	13	M. nub.
Estocolmo	7	9	M. nub.
Berlim	12	12	Chuva
Viena	13	15	Aguaceiros
Varsóvia	4	9	P. nub.
Atenas	21	23	P. nub.
Moscovo	12	13	Chuva

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires	7	17	Nublado
Caracas	19	30	Nublado
Hong Kong	-	-	-
Joanesburgo	-	-	-
Los Angeles	19	31	Limpo
Montreal	-	-	-
Nova Deli	-	-	-
Nova Iorque	16	24	Limpo
Rio de Janeiro	17	21	Nublado
São Francisco	-	-	-
São Paulo	-	-	-
Tóquio	26	34	Limpo

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Ajuda: Moura, Travessa da Memória, 55, Tel. 3630944; **Alcântara:** Vieira Rosa, Rua Prior Crato, 72, Tel. 3960187; **Areeiro:** Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B, Tel. 884941; **Benfica - Estação - Uruguai:** Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-B, Tel. 704828; **Camões:** Sanitas, Praça Luís Camões, 22-24, Tel. 322798; **Campo Grande:** Nova Iorque, Av. Estados Unidos América, 140-B, Tel. 732009; **Campolide:** Oliveira, Rua de Campolide, 54-A, Tel. 684424; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Estefânia:** Estefânia, Rua Pascoal Melo, 90, Tel. 544438; **Gomes Freire:** Salutar, Rua Conde Redondo, 9-B, Tel. 533411; **Graça:** Monte, Rua Senhora do Monte, 30 A-B, Tel. 867842; **Lumiar:** Central Lumiar, Alameda das Linhas de Torres, 254-B, Tel. 7588063; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **São Sebastião:** Novais, Av. Luís Bivar, 11-13, Tel. 544324; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; **Odivelas:** Joleni, Rua Dr. Alexandre Braga, 3-B, Tel. 9310812; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO

Alto São João: Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A, Tel. 8143439; **Alvalade:** Alentejo, Av. da Igreja, 28-B, Tel. 892682; **Anjos - Chile:** Antolin, Av. Almirante Reis, 88, B-C, Tel. 821773; **Av. República:** Cardote, Av. Visconde Valmor, 28, A-B-C, Tel. 772291; **Baixa - Coliseu:** Frazão, Rua Portas Santo Antão, 70-72, Tel. 8147019; **Beneficência - Sete Rios:** Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 7261035; **Cemitério Ingleses:** Urbano Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-5, Tel. 3962838; **Chelas - Liceu D. Dinis:** Lopes Cortez, Rua Rui Sousa, Lote 65-A - Loja B, Tel. 3962838; **Lapa - Santos:** Eduardo A. César, Rua das Trinas, 102-A, Tel. 662631; **Santo Amaro - Calvário:** Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B, Tel. 3637020; **Xabregas - Madre Deus:** Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64, Tel. 2112070. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Central, R. Conde Ferreira, 29, Tel. 4430058. Permanente; **Parede:** Brandão, Av. República, 77-C, Tel. 2471054. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Marques Santos, R. Ferreira J.A., 15, Tel. 260087. Até às 22 h; **Cascais:** Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Carmelo, R. Elias Garcia, Lote 28, Tel. 4933303. Permanente; Dias & Brito, Av. Marquês Pombal, 45-A, Tel. 4940118. Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Permanente; **Queluz:** André, Av. Elias Garcia, 151, Tel. 4350043. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Rico, L. Adriano S. Gil - Agualva, Tel. 4312833. Permanente; **Mem Martins:** Química, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Marrazes, L. Afonso Albuquerque, 24, Tel. 9230058. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9, Tel. 2768030. Permanente; **Cova da Piedade:** Morgado, R. Cabo Boa Esperança, 25-A, Tel. 2767356. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Feijó:** Tovar Chaves, R. Dr. Ant.º Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 22 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Pimenta, R. Cons.º Joaq. Ant.º Aguiar, 259, Tel. 2073012. Permanente; **Baixa da Banheira:** Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040302. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Amora:** Matos Lopes, R. 1.º Maio, Lote 401, Tel. 2216355. Permanente; **Torre da Marinha:** Alves Velho, L. Camões, 27, Tel. 2211132. Até às 22 h; **Montijo:** S. Pedro, Av. Camões, 16, Tel. 2311133. Até às 22 h; **Moita:** Parque, Av. Dr. Egas Moniz, 24, Tel. 2392244. Até às 19 h; **Alhos Vedros:** Gusmão, R. Cândido Reis, 30, Tel. 2040020. Até às 19 h.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

CAMPIÃO

O fogo alastra de Viana para Praia de Âncora

Há dois homens mortos e uma povoação destruída

CHILE: O MARXISTA ALLENDE VENCEU A PRIMEIRA VOLTA

SETEMBRO FORA DE SÉRIE

O fogo alastra de Viana para Praia de Âncora

Mais de três mil homens, entre bombeiros, militares de várias guarnições e simples populares da região, combatem o grande incêndio que há cerca de 30 horas lavra na periferia do Monte de Santa Luzia, alastrando agora em direcção a Afife e Vila Praia de Âncora. (...) De momento, há dois homens mortos e uma povoação destruída.

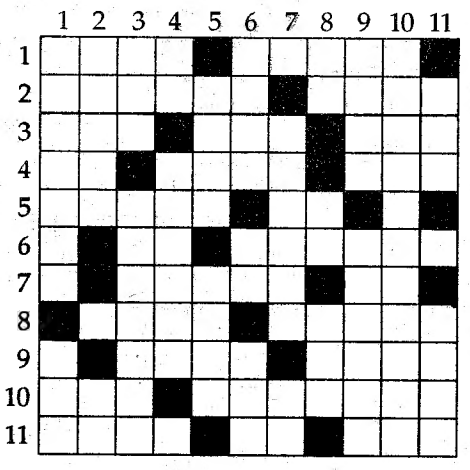
Chile: Allende venceu a primeira volta

O candidato marxista Salvador Allende ficou à cabeça na eleição presidencial chilena, mas não conseguiu uma percentagem de votos que lhe assegurasse a vitória, ou seja a maioria absoluta.

Setembro: o maior calor desde há 25 anos

Talvez amanhã possamos dizer que o dia de hoje foi o mais quente de Setembro desde há muitos anos. Com efeito, a máxima prevista para hoje em Lisboa é de 38 graus, segundo informação dos Serviços Meteorológicos do Aeroporto da Portela.

PALAVRAS CRUZADAS



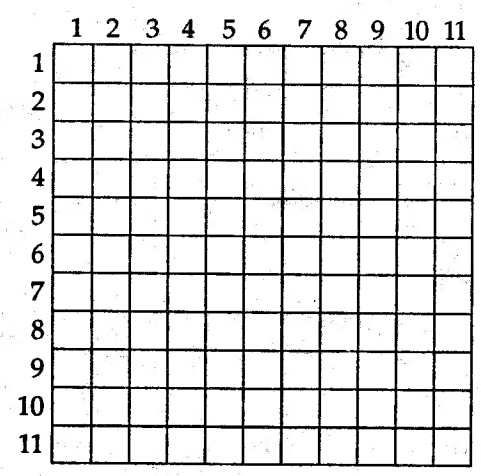
PROBLEMA N.º 17996

HORIZONTAIS:

1 - Aquele que. Termina.
2 - O mesmo que pega (ave). Régulo.
3 - Época. Freguesia do Concelho de Alenquer. Cólera.
4 - Compaixão. Do feitio do ovo. Suspiros.
5 - Rio de França. Seguia.
6 - Deus dos pastores. Curso.
7 - Nome de homem. Batráquio.
8 - Orquídea indiana. Acerto.
9 - Administrador de alfândega, na China. Voz para fazer afastar os bois jungidos.
10 - Freguesia do concelho de Vimioso. Arrimai.
11 - Serra de Portugal. Abreviatura que se usa em música. Anel.

VERTICAIS:

1 - Título do vice-rei do Egipto (1867-1922). Transpira.
2 - Pov. do concelho de Torre de Moncorvo. Li.
3 - Estava. Pescar.
4 - Miriare. Lenço usado entre os Romanos para limpar a boca.
5 - Sepultura. Bouça (Prov).
6 - Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas. Mulo. Vão.
7 - Combinara. Abreviatura que se usa em música.
8 - Arsénio (s.q.). Brisa. Bigorna de aço sem hastes.
9 - Vacila (fig). Aresta de um monte.
10 - Lustrar.
11 - Colina na Suécia. Um dos estados da América do Norte.



PROBLEMA N.º 16806

HORIZONTAIS:

1 - Freguesia do concelho de Terras de Bouro.
2 - Cidade do Chile. Pega.
3 - Pêlos de certos animais. Silvado.
4 - Venero. Equipam.
5 - Pronome reflexo. Educam.
6 - Carta de jogar. Congelar. Mercado público no Oriente.
7 - Mulher de um rajá. Astuta.
8 - Árvore da Índia e Madagáscar. Preposição e artigo (pl).
9 - Esmurrareis. Nota musical.
10 - Neste momento. Temperamento.
11 - Juízo. Fronteira.

VERTICAIS:

1 - Freguesia do concelho de Baião.
2 - Cidade da Roménia. Rio do Estado da Paraíba e Rio Grande do Norte, afluente do Seridó.
3 - Francos. Pátria.
4 - Depois de Cristo. Cidade do Canadá.
5 - Rio dos Estados Unidos. Avalio.
6 - Cabelos brancos. Espera Resposta.
7 - Tropeçariam.
8 - Apelido. Sua Senhoria.
9 - Região da Jugoslávia, à beira do Adriático. Érbio (s.q.)
10 - Zangados (pop).
11 - Medida de líquidos da Holanda Alemanha e Suíça. Relativo a oásis.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO N.º 17 995

HORIZONTAIS: 1 - A. CÉSAR. O. 2 - Val. Arei. Ce. 3 - Ita. Brisas. 4 - Ser. Oanes. 5 - Tui. Inanime. 6 - AC. 7 - Riem. Açor. 8 - Toiros. Fé. 9 - Quentes. Cós. 10 - Uso. Itália. 11 - Ea. Sisal. Ar.

VERTICAIS: 1 - Avistar. QUE. 2 - Ateu. Usa. 3 - Clarinetes. 4 - É. Monos. 5 - Sabóia. It. 6 - Arrancareis. 7 - Reina. Costa. 8 - Isentos. Al. 9 - Asi. Cl. 10 - Cs. Mu. Fóia. 11 - DE. Ge. CÉSAR.

SOLUÇÃO N.º 16 805

HORIZONTAIS: 1 - Penamacor. 2 - Erada. Acolá. 3 - Nei. Relatar. 4 - Aos. Índia. 5 - Sonde. Sua. 6 - Oco. Hill. MC. 7 - V.º Cavais. 8 - Arreias. Eis. 9 - Cias. Ala. 10 - Coar. Areara. 11 - Assaltariam.

VERTICAIS: 1 - Penacova. Ca. 2 - Éreo. Corços. 3 - Naisso. Rias. 4 - Ad. Ceara. 5 - Marinhais. 6 - Endiva. At. 7 - Caldelas. Rã. 8 - Ocai. Li. Aer. 9 - Rotas. Selai. 10 - La. Um. Iara. 11 - Carraças. Am.

PROVÉRBIO:
A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR.

EFEMÉRIDES

1658

• O czar russo Pedro, O Grande, lança um imposto sobre as barbas.

1920

• É proclamado o estado de sítio em Lourenço Marques (Moçambique), em consequência de movimentos grevistas.

1939

• Os Estados Unidos declaram-se neutrais no começo da Segunda Guerra Mundial.

1972

• O grupo palestiniano «Setembro Negro» leva a efeito um ataque terrorista no decurso das Olimpíadas de Munique, matando 11 atletas de Israel.

1975

• Fracassa um atentado contra o presidente norte-americano, Gerald Ford, em Sacramento (Califórnia).

1984

• O «Diário da República» publica a Lei-Quadro do Serviço de Informações da República.

1986

• Quatro homens armados tomam de assalto, no aeroporto de Karachi, um Boeing 747 da Panam, com 400 pessoas a bordo, exigindo ir para Chipre. Comandos paquistaneses desalojam os assaltantes, morrendo no tiroteio 15 pessoas.

1988

• Morre o realizador radiofónico António Costa Macedo, («Rádio Rural»), 54 anos

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
Filme de John McTiernan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
Filme de Joe Dante
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
OLHA QUEM FALA
Filme de Almy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
DESAFIO TOTAL
Filme de Paul Verhoeven
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
Filme de Robert Zemeckis
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
CENAS DE LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Vaiman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer - Telf. 372358
Encerrado

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
UMA CASA ALUCINANTE I
Filme de Steve Miner
M/16 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
ALIENS - O RECONTRO FINAL
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
Encerrado para férias

ESTÚDIO SHEZA
Encerrado para férias

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
SEXO PARA RICOS E POBRES
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
A CONDESSA DE MONTE-CRISTO
Filme de Karl Hartl, às 18.30
A CONQUISTA DE FELICIDADE
Filme de William Wyler, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
RENEGADOS SELVAGENS
Filme de Jack Sholder
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
RENEGADOS SELVAGENS
M/16 anos - Às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037
AUDITÓRIO 1

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

E FEZ-SE LUZ
Filme de Otar Iosseliani
M/12 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
FÚRIA SILÊNCIOSA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
RENEGADOS SELVAGENS
M/16 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
O CADILLAC DO AMOR
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
FANTASIA
M/4 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
ANJO NEGRO
Filme de Craig R. Bayley
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
SEXUALMENTE ESCANDALOSA
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
O CADILLAC DO AMOR
M/12 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2
RENEGADOS SELVAGENS
M/16 - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
AS MINHAS NOITES SÃO MAIS BELAS QUE OS VOSSOS DIAS
Filme de Andrej Zulawski
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2
ATA-ME
M/16 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
FILIPINAS REVOLUÇÃO SANGRENTA
Filme de Lino de Brocka
M/16 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
MOMENTO DE JUSTIÇA
Filme de Bob Radler
M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
O CADILLAC DO AMOR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado - T. 2905011
Sala 1
48 HORAS - PARTE II
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
GOLPE DE VINGANÇA
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
RENEGADOS SELVAGENS
Filme de Sérgio Martino
M/16 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
RENEGADOS SELVAGENS
M/16 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
REGRESSO AO FUTURO PARTE III
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
SERES DO ESPAÇO
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

CLUBE ESTEFÂNIA
R. Alexandre Braga, 24-A - T. 542249
De 3.ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00

«Jules e Jim», um filme de François Truffaut

O FADO, A NAVALHA E A GUITARRA, OU A HISTÓRIA DA ROSA ENJEITADA
De Fernando Gomes, pela Companhia Persona

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3.ª a Dom. às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

MONTE ESTORIL TEC
Av. Fausto de Figueiredo - T. 2670320
De 3.ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
REI LEAR
De William Shakespeare. Encenação de Carlos Avilez

PORTO

SÁ DA BANDEIRA
R. de Sá da Bandeira, 108 - T. 2003595
De 3.ª a Dom. às 21.30
Dom. às 16.00 e 21.30
O HOMEM DO VESTIDO LILÁS
De Badaró. Encenação de Moirais e Castro
Interpretações de Badaró, Maria Dulce, Linda Silva, João Rodrigo e Carlos Areias.

SETÚBAL

FORUM MUNICIPAL LUISA TODI
Av. Luisa Todi - T. 522127
Às 18.30 e 21.45
DR. KNOCK OU O TRIUNFO DA MEDICINA
de Jules Romains
Em cena até dia 14

RÁDIO

ANTENA 1
Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM.Estéreo
14.00: Frequência Moderada; **15.00:** Antena 1 - 15/17; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** A Voz de Roma; **20.30:** Musical; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2
FM 2 - Estéreo

15.00: Música na Tarde. Obras de Prokofiev; Rachmaninov, Paganini e Mozart; **17.00:** Formas musicais do século XX; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - A integral dos Trios para piano, violino e violoncelo de Beethoven; **19.20:** Álbum Musical. Obras de Satie, Ravel, Prokofiev, Mussorgsky, Sibelius, Wagner e Granados; **20.10:** Álbum Musical (cont.); **20.45:** Esta Madrugada na Antena 2; **21.00:** O Canto e os seus Intérpretes; **22.00:** Uma Hora com Edward Elgar; **23.00:** Eurorádio. Concerto pela Orq. Sinfónica da Rádio Berlim, sob a dir. de Vladimir Ashkenazy. Participa também na 1.ª parte o baritono Dietrich Fischer Dieskau; **01.15:** Na Companhia de Poulenc; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

COMERCIAL
Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quanto o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

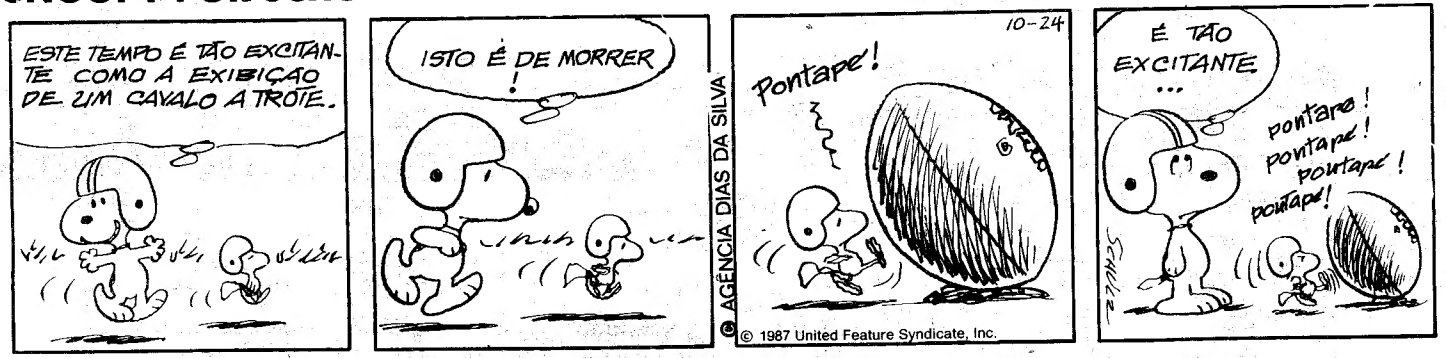
RC-FM - Estéreo 97.4 MHz
18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

RENASCENÇA
Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Jornal das Vinte (Inf. Religiosa); **20.10:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Universidade Aberta; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo
15.00: Fórmula Três; **18.00:** Ideiafix; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

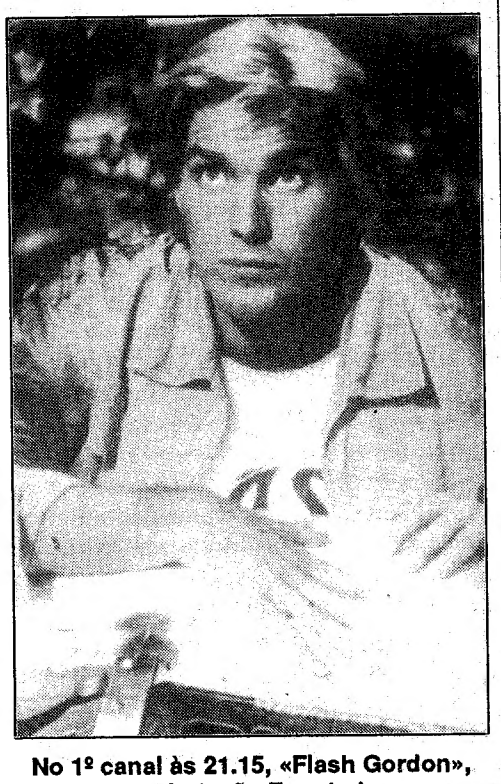
RTP-1

15.40 - O MUNDO EM EXTINÇÃO
16.35 - ACÇÃO EM MIAMI
10º Episódio
17.20 - O MUNDO ANIMAL
«Em Busca do Tubarão Martelo»
17.45 - BRINCA BRINCANDO
Com «Bonecos Animados», «O Velho, o Rapaz e o Burro», «Ferdy» e «Os Polegares»
18.45 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO
19.05 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - RODA DE FOGO
53ºEpisódio
21.05 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.15 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Flash Gordon»: Nascido em 1934 «Flash Gordon» é produto do talento de um dos maiores e mais celebrados autores americanos de Banda Desenhada. Imagem do all american guy Flash Gordon encarnou o tipo desportivo, decente, heróico e combativo cujas aventuras têm muito do universo fantásico de Júlio Verne por quem Raymond tinha grande admiração. Passou ao cinema logo em 1936 ao longo de três séries de filmes que se estendem até 1940 mas nessa época o cinema não tinha meios nem sobretudo a liberdade de expressão capazes de fazer justiça à imaginação delirante de Raymond e ao seu universo de faz de conta tão insólito quanto maravilhoso, povoado por seres fabulosos, mulheres arrabatadoras e sensuais, paisagens exuberantes com faunas e floras incríveis, cidades com estruturas dinâmicas onde Flash arvorado em versão galáctica dos cavaleiros medievais desafiava de espada na mão a tirania e a opressão. Recusando a criação de uma atmosfera fantástica de hiper-realismo, produtor, argumentista e realizador decidiram dar a esta versão de Flash Gordon produzida em 1980 uma imagem tão próxima quanto possível das vinhetas de Raymond. Assim ao som da forte batida da música dos Queen «Flash Gordon» transporta-nos com inesperada nostalgia para os domínios da Banda Desenhada obrigando-nos gostosamente a reencontrar os heróis e as aventuras da infância.
Duração: 106 minutos
23.30 - 24 HORAS
00.00 - REMATE

Maria Armanda, em «Fados do Fado», no 2º canal às 23.20

RTP-2

15.10 - AGORA, ESCOLHA!
Bloco A: «Brigada Especial»
Bloco B: «História das Invenções
16.35 - O LICEU DEGRASSI
19º Episódio
17.00 - O MENINO DOUTOR
11º Episódio
17.25 - NATIONAL GEOGRAPHIC
5º Episódio
18.20 - O HOMEM DA CARABINA
2º Episódio
18.45 - TI - TI - TI
13º Episódio
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
Com «Paulus - O Duende» e «Os Amigos de Gaspar»
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - TRÊS MOEDAS PARA SARAH
Último episódio
22.25 - SÉCULO XX
«Hotel Terminus - A História de Klaus Barbie»
23.20 - FADOS DO FADO
Nesta quarta edição de «Fados do Fado» voltam a encontrar-se duas gerações da chamada canção nacional. Para defender o fado novo temos António



No 1º canal às 21.15, «Flash Gordon», em Lotação Esgotada

Pinto Basto e José da Câmara.
No fado mais tradicional, Maria Armanda e Luz Sá da Bandeira

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - UM ANJO NA TERRA
14.15 - OS PESCADORES
14.40 - WANG CHUNG
15.40 - O MUNDO EM EXTINÇÃO
16.30 - O CACILHEIRO DO AMOR
17.15 - O MUNDO ANIMAL
17.35 - BRINCA BRINCANDO
18.35 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - RODA DE FOGO
21.40 - GUERRA DE ESPIÕES
22.45 - LUTA PELA DEMOCRACIA
23.40 - MURPHY BROWN
00.10 - 24 HORAS
00.40 - REMATE

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.32 - ESPAÇO INFANTIL
14.45 - FILHOS E FILHAS
15.10 - AGORA, ESCOLHA!
16.35 - OS CENTURIÕES
16.55 - O FANTASMA DE FAFFNER HALL
17.25 - RAFAEL
18.25 - O HOMEM DA CARABINA
18.50 - TI - TI - TI
19.20 - ESPAÇO INFANTIL
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLÁSSICOS DA TV
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
21.55 - HORA DA VERDADE
22.55 - FORA DE HORAS
23.15 - UNIVERSIDADE ABERTA

«As democracias liberais são o melhor sistema, porque reconhecem a sua imperfeição e o seu inacabamento»

João Carlos Espada, no «Público», 4.Set.90

A PERGUNTA DO DIA

Vasco Graça Moura presidente da Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses

Regressados de férias, quais são as actividades que a Comissão tem programadas para este novo período?

As actividades mais importantes serão: ainda em Setembro a apresentação em Paris, na Gulbenkian, do número especial da revista «Autrement», sobre os Descobrimentos portugueses e, em Washington, a inauguração da exposição «Portugal na Abertura do Mundo», no Museu da Organização dos Estados Americanos, bem como o simpósio na Universidade George Washington. Em Outubro, realiza-se em Lisboa, com o apoio da Gulbenkian, da Fundação Luso-Americana e da Fundação Oriente, a conferência «Europa-Mundo». Realizar-se-á ainda a exposição Portugal-Brasil, sobre a Idade das Descobertas Atlânticas. Em Novembro, terá lugar a apresentação da exposição «Portugal na Abertura do Mundo» no Brasil, em S. Paulo, acompanhada de um ciclo de conferências.

Assinale-se, ainda, a participação num encontro sobre história da Guiné, a realizar-se em Bolama, Guiné-Bissau. Finalmente, em Dezembro, teremos a inauguração da exposição de iluminura portuguesa dos séculos XV e XVI, produzida em colaboração com a Torre do Tombo. Teremos ainda a publicação do número cinco da revista «Oceanos» e do primeiro número da revista científica Mare Liberum.

Quinta-feira no

Diário de Lisboa

Dois americanos no Teatro Aberto

A Petrogal e o novo choque petrolífero

A crise no Golfo tão longe e... tão perto

MEDIA

É tão difícil definir o ponto em que a liberdade se deverá conter face ao risco em que coloca a própria democracia, como aquele em que o uso do direito de informação e à informação cai no simples uso da informação

A imagem do «bom tio Saddam» colocada de bandeja no campo inimigo

A arma oferecida

As guerras fazem-se hoje com as mais diversas armas. Algumas delas não constam do inventário de nenhum arsenal bélico nem a sua eficiência se mede em função do seu poder destruidor. Uma dessas armas - a televisão - tem sido utilizada tanto por americanos como por iraquianos, na presente crise do Golfo Pérsico, e com ela Saddam Hussein obteve já uma indiscutível vitória, conquistando certa simpatia entre os sectores mais impressionáveis da influente opinião pública americana e de outros países ocidentais igualmente envolvidos na situação de pré-conflito criada pela invasão iraquiana do Kuwait.

Na medida em que têm sido utilizados para moralização da própria rectaguarda, nomeadamente da população civil, para apoio à organização dos serviços de emergência e de socorro, os media tinham até hoje uma certa função de arma defensiva. É ainda nesse papel que os americanos a têm utilizado na presente situação, reconfortando o seu público com a certeza de que o potencial guerreiro que repetidamente tem visto implantado nos desertos árabes e nos mares circundantes dão garantia de uma vitória fácil e rápida e preparando-o para a necessidade de pagar em impostos e acréscimos de preços o orgulho nacionalista despertado por tão grandes manifestações de poderio.

Os intercâmbios, as «pools», as cadeias internacionais que hoje fazem circular a informação escrita ou audiovisual, aliados à facilidade de circulação dos seus agentes, permitiram, entretanto, que os *media* se tornassem também armas de ataque. Pode-se dizer que ninguém até hoje os utilizou como tal melhor do que o dirigente de Bagdad, sendo também verdade que pouco mérito pessoalmente lhe cabe por ter conseguido pôr em pleno campo inimigo as (até agora três) encenações dos seus encontros com reféns estrangeiros, uma série que poderia ter o título geral de «O tio Saddam e as criancinhas», em cujos episódios, à mistura com ameaças e recados para Bush, são muitas e repulsivas as carícias e vazias as palavras de apreço pelos seus «convidados».

Se o mau gosto, o caricato e o tom falso de tudo isto é realmente contraproducente, em relação a um público informado, culto e reflexivo, não se tenha dúvidas de que parte dos objectivos propagandísticos de Saddam Husseim foram conseguidos, relativamente a um público muito mais vasto. Não foi ele que os conquistou: ofereceram-lhos as cadeias ocidentais que transmitiram tais encenações.

A informação é um direito tão indissociável da democracia que ambas têm um princípio fundamental comum - a liberdade. Tanto para uma como para outra, esta poderá ser também o seu motivo de falência. É tão difícil definir o ponto em que a liberdade se deverá conter face ao risco em que coloca a própria democracia, como aquele em que o uso do direito de informação e à informação cai no simples uso da informação.

Essa dificuldade é tão grande que seria improvável encontrar alguém que, sendo defensor da liberdade de imprensa, arriscasse uma resposta frontal se, no caso em apreço, esse ponto foi ou não ultrapassado. Não seremos nós que o vamos afirmar, mas não restam dúvidas de que é um caso exemplar dos riscos que existem de a arma que são hoje os *media*, e particularmente a televisão, se voltar contra o seu próprio utilizador.

Rui Camacho

Eu, social -democrata

Está fora de dúvida: somos todos sociais-democratas. Se até o João Alberto Jardim da Madeira o é, e o PS não o pode renegar, pois Ebert era-o; o PSD, como é notório, é um partido social-democrata, e o PRD, enquanto não flutuou baixinho, aproximava-se do ideal. O partido socialista alemão não segue outro credo, a Alemanha Oriental procura uma chefia social-democrata local, e até na Checoslováquia actual o partido dos Socialistas Checos é tão social-democrata como o Partido Socialista, e ambos publicam folhas sociais-democratas diferentes, nem sempre de acordo com o presidente Havel que, no fundo, apesar da sua independência declarada, é também um social-democrata do Forum Cívico. Aliás, o conhecido Yeltsin junta todas as forças sociais-democratas dos russos mencheviks, e o seu colega Trovoada é um dos candidatos à social-democracia africana de expressão portuguesa. Yasser Arafat não está longe.

Já fomos todos irmãos, e em certas épocas acaloradas, camaradas. Os rurais eram corporativamente compadres, os funcionários citadinos, colegas. Entretanto, acabaram essas palavras emudecidas: fulminantemente somos sociais-democratas; e, se por infelicidade, alguém fica de fora, é certamente por teimosia, por engano fatal, por uma desinformação qualquer — ou por pedagogia: provar que a excepção faz a regra.

Aprecio o fenómeno — tem, pelo menos, duas vantagens: finalmente somos todos ideologicamente iguais, isto é, sociais-democratas, e, sendo iguais, tão diferentes, que o termo social-democrata vê inflacionado o seu significado, cada vez menos conciso, mais vago e, ao tornar-se quase nada, menos acusado de pecado.

Um dia havemos de recomeçar a partir do zero: eis a glória da humanidade — recomeçar do princípio, à procura de palavras novas, que ainda encobrem, como résteas, a realidade. Amen.

Jorge Listopad

A.M.A. ® Auto Monumental do Areeiro S.A.

CONCESSIONÁRIOS VW Audi

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75